

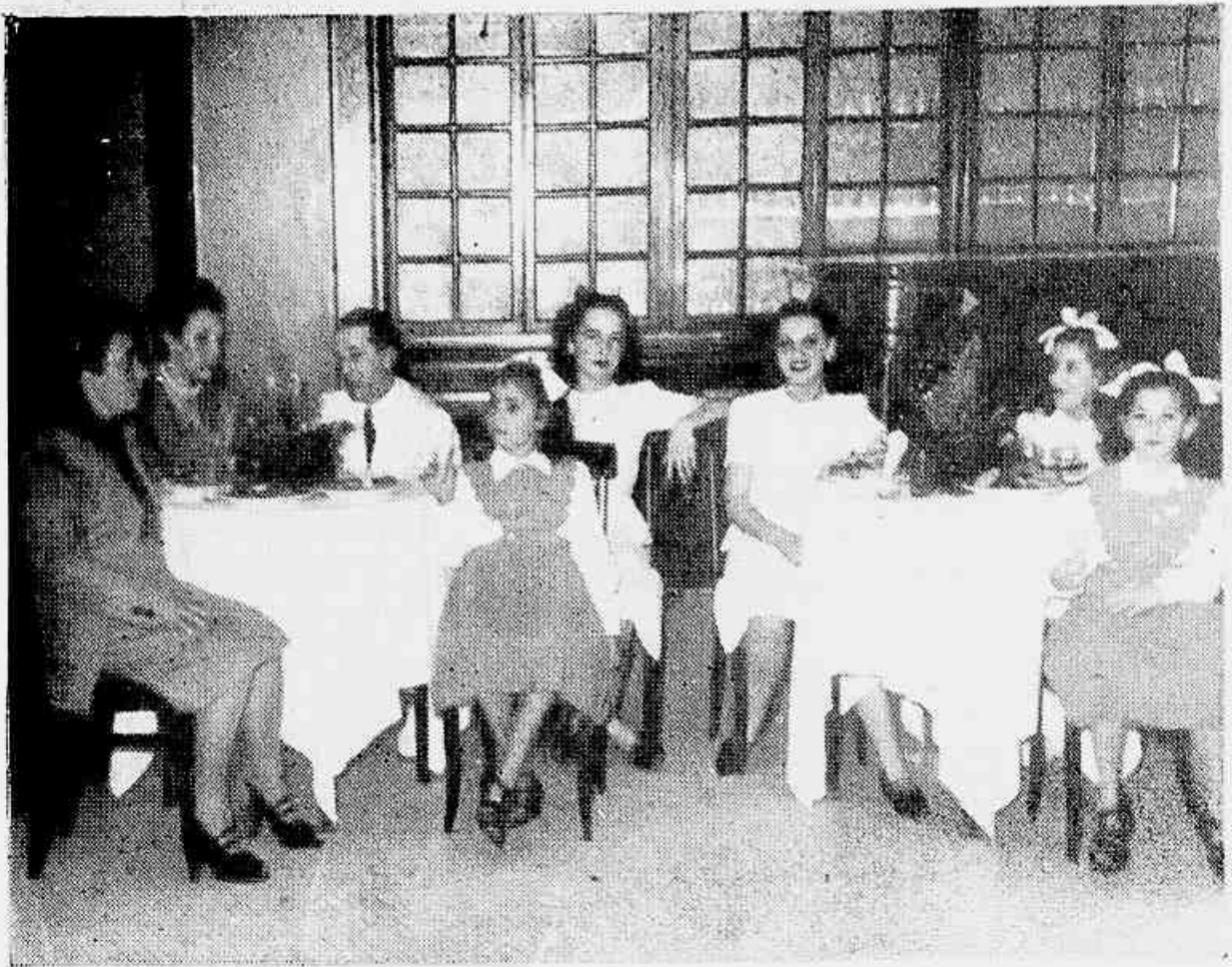
REVISTA DA SEMANA

31-8-46

N.º 35

CR\$ 2,00 EM TODO O BRASIL





JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro ofereceu no dia 9 do corrente, às 17 horas, numa das dependências do Hipódromo da Gávea um "cock-tail" dançante aos profissionais do turf e as suas famílias. As fotos que aqui reproduzimos foram colhidas durante a festa, a qual transcorreu num ambiente de distinção e alegria.





ANTIGUIDADE DO BRASIL

NÃO, amigos! Não vivemos num país novo, no sentido real e cronológico da palavra! Da Amazônia, disse Euclides da Cunha ser "talvez a terra mais nova do mundo, consoante as conhecidas inundações de Wallace e Federico Hart: nasceu da última convulsão geogênica que sublevoou os Andes..." As ubás e igarléis, que cavalgam o dorso portentoso do rio-mar, mal permitem evocar as embarcações ilustres dos Fenícios que — segundo tudo indica — o navegaram há largos milhares de anos, com aquele espírito aventureiro que nos permite aluciná-los como os grandes turistas da História Universal... Perdeu-se, com o rodar dos tempos, a memória daquelas **navegações grandes** que fizeram Fenícios, Escandinavos e outros povos aventureiros, nas eras anteriores a Cristo, ou nos primeiros séculos da nossa. Um sábio muçulmano, natural de Ceuta e educado em Córdova — Edrici — que floresceu no século XII, dizia, com a segurança própria de um cartógrafo do tempo, referindo-se ao Mar Tenebroso: "Ninguém sabe o que existe além daquele mar. E ninguém pode saber qualquer coisa, ao certo, por motivo das dificuldades que à navegação opõem a densidade das trevas, a frequência das tempestades, o grande número de monstros e violência dos ventos. Há, no entanto, naquele Oceano, ilhas habitadas ou desertas, mas nenhum navegador se aventura a atravessá-lo, ou a atingir o alto mar, limitando-se todos a navegar sem perder de vista as costas. As vagas daquele mar, impelidas para a frente, parecem uma cadeia de montanhas, porque ficam inteiras e não se quebram".

Essa era a ruínosa mentalidade reinante ainda, três séculos depois, já quando o Infante D. Henrique fundava, em Sagres, uma escola de desbravadores de mundos... O Oceano Pacífico, outrossim, durante milhares de anos, permaneceu fechado ao conhecimento dos europeus, tendo sido, provavelmente, Marco Polo, quando em serviço do grande Cublai Cã, filho herdeiro de Gengis Cã, o primeiro homem ocidental a conter os mares do Extremo Oriente...

As Filipinas, que Fernão de Magalhães deveria visitar no século XVI e onde encontraria morte desastrosa — foram, provavelmente, avistadas pelo viajante veneziano, em uma das muitas missões que lhe cometeu o soberano

mongol. A notícia das proezas de Marco Polo ainda estava viva na Europa, ao tempo em que o filho de uma cidade rival da sua — Gênova — sonhava com romper os mistérios do Atlântico, em busca do mesmo reino maravilhoso que os Polo tinham visitado em plena Idade Média... Foi em demanda das ilhas de especiarias que Colombo saiu de Palos, à frente da "Nina", da "Pinta" e da "Santa Maria", rompendo pela **mare incognita** com ousadia própria de louco ou de sonhador... E, quando a ilha de **Guacanani** se lhe deparou à frota cansada e quase em revolta o que o almirante de Fernando e Isabel cuidou, no seu íntimo, era ter aportado à entrada daquelas terras maravilhosas de Catai, Cipango e outras, aquelas terras maravilhosas de Catai, Cipango e outras, situadas nas proximidades da Índia... E essa era, ainda, a idéia fixa do almirante de Colombo, ao partir de Cadix, em 1493, à frente de 17 navios, para mais demorada pesquisa e mais proveitosa empresa, rumo às ilhas a que aproara no ano anterior...

Enquanto Américo Vespúcio chamava, a essas terras, com percepção genial, **Mundus Novus**, a obsessão das terras de Cublai Cã, amigo e protetor de Marco Polo, subvertia a mente do comum dos marinheiros, no alvorejar do século XVI...

E, assim o Brasil, quando foi descoberto oficialmente por Pedro Álvares Cabral, surgiu como uma nova fonte de hipóteses para os pobres cosmógrafos daquele tempo... O escrivão Caminha soube dizer, com rara argúcia, o que aqui havia de formoso e rico. Pintou-nos a pátria com as cores legítimas de um perfeito bosquejador de paisagens... Mas não cuidava, nem por sombria, que outros navegadores aqui já houvessem estado, nem que tivéssemos fornecido algumas das madeiras preciosas com o que rei Salomão mandasse edificar o Templo...

Estas e outras notícias só nos chegaram recentemente, com o fruto da curiosidade profissional dos cronistas e arqueólogos de vario estilo. Há, por exemplo,

na pequeno litoral do Piauí, uma orla de mar a que chamam **Pedra do Sal** e que nada mais do que um pobre recanto de pescadores, sem embargo da graça das suas praias e do recorte caprichoso das pedras que o exornam. Ali existe um morro que se diz **Roncador**, em razão do estranho ruído que soltam as suas areias finíssimas, ao deslizarem, rapidamente, uma sobre outras.

Por ali cavalgaram, porventura, os Fenícios a acreditarmos no que diz o imaginoso Ludovico Schewenhagen em sua "Antiga História do Brasil". "As frotas dos Fenícios" — diz Schewenhagen — **navegando nas costas brasileiras, desde 1100 anos A. C., estabeleceram aqui numerosas estações marítimas, onde os navios se podiam abastecer de víveres e água doce**. Além da **Pedra do Sal**, onde ainda existe um farol vigilante, com sua antiga e doce luz, os Fenícios teriam fundado estação idêntica no porto de **Tutóia**, do Maranhão. E tão seguro era o seu instinto de marinheiros que os modernos Fenícios, os ingleses, ali tiveram uma escala de seus navios mercantes que demandavam, até há poucos anos, os portos do Norte do Brasil...

Só quem não conhece as obras da arte marajoara, na esplêndida Amazônia, pode imaginar que o Brasil sempre foi terra de Tupiniquins e Tamoios, cuja bruteza de espírito fazia o desespero dos Anchieta e outros compassivos conquistadores de almas dos princípios da nossa vida histórica... A civilização dos antiquíssimos habitantes da Amazônia lendária nada ficava a dever à dos ilustres Maias e Aztecas, de outras regiões da América pré-colombiana.

Estamos vivendo num país que já era velho ao tempo em que o imperador Cublai Cã enviou seu amigo veneziano, Marco Polo, a ir levar a gentil princesa Cutai, a casar-se, na Pérsia, com o soberano Argum-Cã, de tênue, fugitiva memória...

O que Cabral e Pero Vaz Caminha aqui acharam, em certo dia radioso de 1500, foi uma terra que imergira na tristeza da decadência senil, após os séculos longínquos em que a habitaram raças superiores, provindas da velha China, da misteriosa Mongólia, ou de outra região nutriz das raças na crônica imensa das civilizações, na estrada sem fim dos séculos...

BERILO NEVES

ELES MORAM A S S I M

O auto deslisa, macio e calmo, pela então chamada Avenida do Mangue. Lá dentro, um casal de turistas fazia acompanhar-se do inefável cicerone, neste caso um amigo comum, brasileiro, que se tirava de seus afazeres, naquela tarde, para mostrar a cidade aos amigos de fora. O casal deslumbrava-se com a paisagem, as montanhas como não existem iguais na terra deles, os flagrantes tropicalíssimos onde pontificam palmeiras esguias, de folhas entreabertas, preguiçosamente requebradas, quando apareceu lá em cima o panorama da Favela. Um panorama de grande efeito pictórico à distância, mas sinceramente arrasador visto mais de perto...

— Como deve ser feliz aquela gente vivendo lá em cima, pertinho do céu!

Era a ilustre viajante que se extasiava com a vista do morro escuro, no qual o sol fazia espelhar seus raios vivos, batendo em cheio na lataria de querosene com que se forram os barracos... E sua admiração continuou. Ela encontrava uma grande dose de poesia na miséria. Sim, deve ser encantador viver ali no alto, sentir a falta das coisas mais necessárias, mas por isso mesmo inspirando a piedade dos ricos da terra...

O cicerone brasileiro acenou com a cabeça que sim. Talvez fosse poético, sem dúvida, ser pobre numa terra tão rica, e nuns dias tão cheios de inflação, quando se diz que dinheiro está sobrando por toda a parte... Mas — explicou — sem dinheiro tudo é ainda pior. Não há "câmbio negro" sem ele, e ninguém pode deixar de apelar para o recurso extremo, pagando o que os tubarões exigem si quiser que nada esteja faltando lá em casa...

A ilustre viajante continuou sorrindo. O carro ia, agora, dobrando a curva e deixava para trás a Favela pitoresca, toda coberta de casebres onde as latas de querosene criam reverberos, batidas pelo sol forte deste princípio de Primavera...

E no entanto a miséria não é tão bonita, vista de perto, quando se atigura aos que só a distinguem ao longe, mas muito ao longe, para não lhe sentir os efeitos. Agora mesmo não é preciso subir nenhum morro para sentir o coração oprimido ao ver como está vivendo ali mesmo, a dois passos da Praça Mauá, gente que trabalha e não ociosa, gente que tem de levantar-se pela madrugada rumo ao "batente"... Gente que serve na estiva, nos frigoríficos, na carga e descarga dos barcos de luxo que, procedentes de todos os cantos do mundo, vão atracar na aparatosa sala de visitas do Touring Club.

É logo ali, por detrás dos armazéns do Cais do Porto. Os barracos, fazem-se com ripas encontradas entre um e outro armazém de descarga, caixotes velhos de sabão, pedaços de madeira que os vendedores jogam fora para não ocupar lugar. E a Prefeitura consentiu no levantamento dessas "vivendas", porque não tem outra sugestão para o problema.

Essa menina que nos mostra uma gravura ao lado, e essa pobre mulher cujo rosto deixa transparecer toda a miséria em que vive são apenas uma amostra, uma pálida amostra do que poderiam ver os turistas audaciosos, nas imediações do lugar onde desembarcam.

Melhor será, porém, que não se atrevam a essas incursões ou do contrário a legenda da Cidade Maravilhosa estaria prejudicada...

E quanto ao entulho de que fala a taboleta de uma destas fotos, é mera redundância: O que vem a ser tudo aquilo, sinão também entulho — e do mais rebarbativo, inclusive o entulho humano!

CELESTINO SILVEIRA

O cartaz garante que é proibido depositar entulho ou aterro nesse local. Depende da interpretação que se dá ao vocábulo "entulho". Não será toda essa miséria, por si mesmo, o mais indesejável entulho?



pela
e. Lá
acom-
nesse
que
a tar-
os de
om a
exis-
ranles
meiras
pregui-
apare-
avela.
pictó-
e arra-
gente
céu!
extasia-
ro, no
vivos,
quero-
acos...
encon-
na mi-
iver ali
s mais
o inspi-
erra...
com a
poético,
erra tão
e inla-
está so-
— ex-
da pior,
e nin-
ra o re-
os tuba-
a esteja
sorrindo,
curva e
pitoresca,
as latas
batidos
de Pri-

tão bo-
a figura
nge, mas
e sentir
é preciso
ir o co-
tá viven-
da Praça
o ociosa,
pela ma-
Gente
íficos, na
luxo que,
do mun-
ala de vi-

mazens do
em-se com
outro ar-
velhos de
e os ven-
ocupar lu-
o levanta-
e não tem
a.
uma gra-
ulher cujo
a miséria
a mostra,
poderiam
as imedia-
cam.
o se atre-
o contrário
vilhosa es-

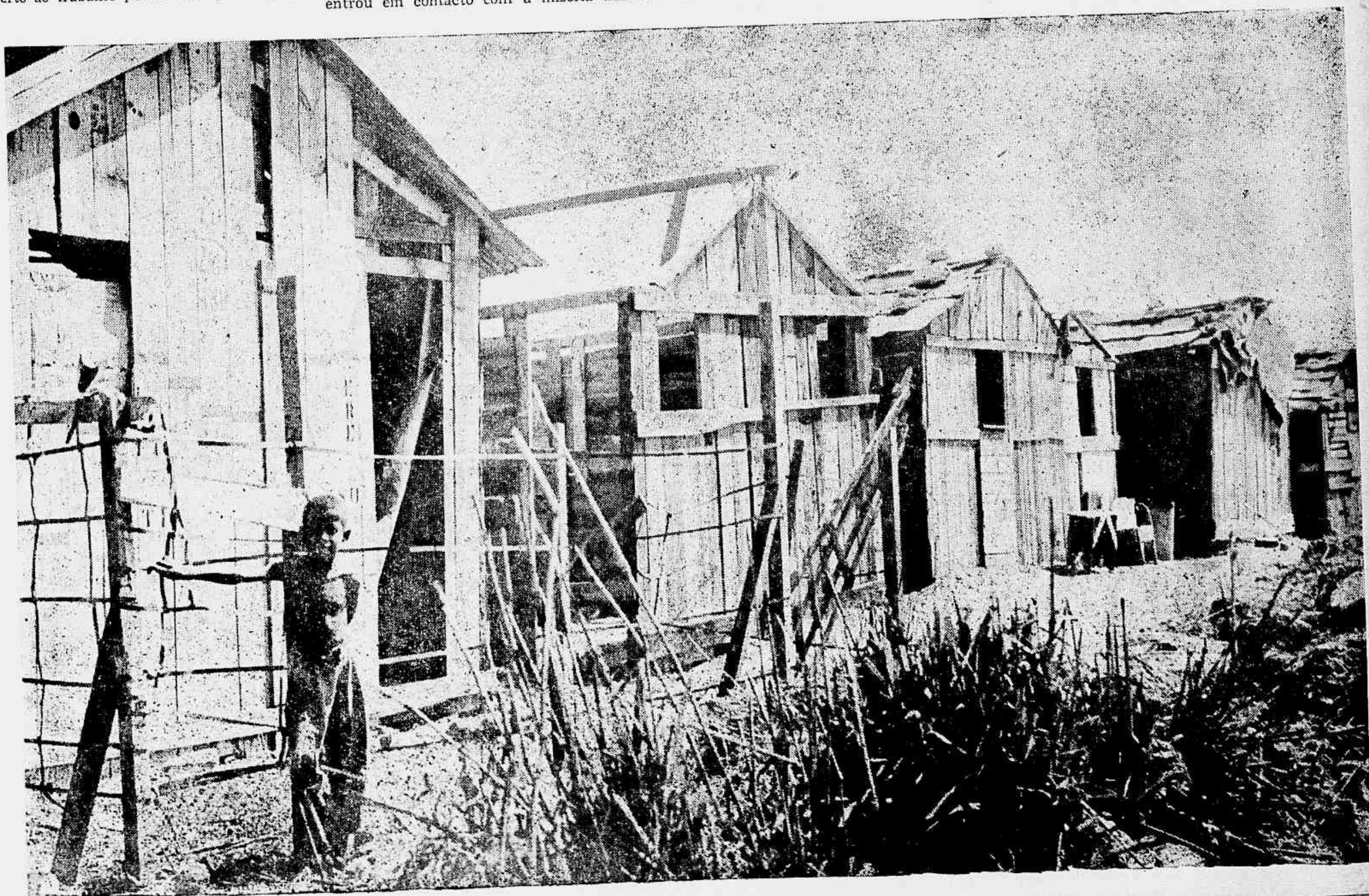
ala a tabo-
méra re-
tudo aqui-
e do mais
lho huma-

SILVEIRA

bido depo-
local. De-
se dá ao
toda essa
is indesejá-

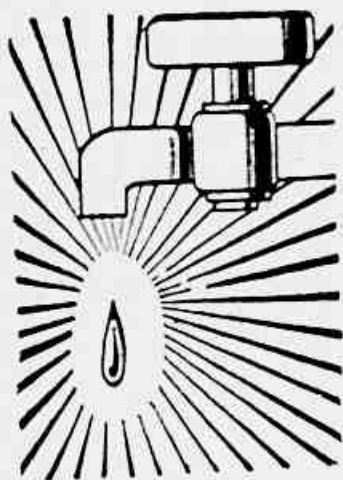


Gente que trabalha está morando assim, nas imediações do Cais do Porto, a dois minutos do "salão de visitas" do Touring Club, ali na Praça Mauá. Os habitantes dessas barracas feitas de material velho — sarrafos, caixas de batatas, pedaços de madeira encontrados em qualquer parte — ainda assim preferem residir nesses lugares. Dos males o menor. Vivessem nas "favelas", lá em cima, nos morros, e teriam ainda maiores tormentas com a dificuldade de transporte. Assim, no pior das hipóteses os homens da casa estão mais perto do trabalho pesado em que empregam o dia e ganham o sustento da família. Mas a impressão que nos deixou essa peregrinação aos arredores do Cais do Porto, é a de quem entrou em contacto com a miséria humana elevada à expressão mais alta e deplorável.



A SEMANA EM REVISTA

A GRANDE NOVIDADE DA SEMANA



O Rio de Janeiro, talvez desde os tempos de Estácio e Salvador de Sá, (dizem mesmo que antes de nascer Ataulfo de Paiva...) sofre o problema da falta d'água. O assunto já forneceu matéria para crônicas nos jornais de todas as épocas, já entrou para a literatura, a giria nem se serve mais dele por abso-

A semana passada um telegrama nos dava conta de que vai ser construída na França a maior represa da Europa depois da de Dnieper na Rússia. Não diremos que a notícia é das que nos enchem a boca d'água porque a REVISTA já gastou muito esta expressão na reportagem sobre frutas. Mesmo porque será mais justo dizer que é das que nos deixam envergonhados. A França saiu de uma guerra durante a qual foi saqueada, exaurida por uma ocupação de quatro anos de um inimigo rancoroso e sedento de vingança. Pois com o atropelo generalizado que deve reinar em todos os setores de atividade administrativa, o governo vai construir a segunda represa do continente, isto sem falar nas estradas de ferro e nas centenas de pontes que já estão em funcionamento.

gado a administrar em nome do povo porque é um simples funcionário sem compromissos com o eleitorado) e convoca os jornalistas para a clássica entrevista. Seja porque já estivesse com o assunto engatilhado, seja porque um reporter o sugeriu, infalivelmente vem à baila o problema de abastecimento e ali mesmo delinea-se um plano maravilhoso graças ao qual dentro do tempo X a cidade contará com mais tantos milhões de litros cúbicos a mais, por dia. Os jornais publicam as declarações, os leitores lêem, passa-se o tempo X e as torneiras continuam desmentindo os administradores.

Este ano, começou cedo a estiagem e o clamor público se levantou contra a calamidade com mais energia. O serviço de abastecimento tomou providências; redigiu uma nota lacônica explicando que a falta d'água é devida ao esgotamento dos mananciais graças à ausência de chuvas e à inclemência do sol. Estão vendo? Fique sabendo, leitor, tu que não tens com que lavar o rosto de manhã e que, ao chegar ao botiquim não podes tomar um cafezinho porque a falta d'água é geral, fique sabendo de uma vez por todas: não há água porque os mananciais estão se esgotando e isto porque não chove e faz um sol de rachar.

E ensina, caro leitor, ao seu filhinho que está engatinhando, que quando faltarem as chuvas e fizer muito calor, não haverá água no Rio de Janeiro. Assim, pouparás aos técnicos o sacrifício de redigir outra nota lacônica sobre esta grande descoberta...

CHUVAS? SÓ EM SETEMBRO



O inverno, esse original inverno que é uma das maravilhas do mundo continua estimulando o comércio de linho, cambria e retrescos com a incidência do calor atirando amolecendo o asfalto e fazendo a gente suar o copo d'água arranjado no câmbio negro, graças a Deus. Pois a verdade é que este ano só tivemos de inverno a indicação no calendário e os abrigos de peles das granfinas do Municipal que, por fidelidade às tradições e para estar em dia com a "saison", suportam heróicamente 4 horas de "Tristão e Isolda" metidos num "smocking" ou numa autêntica "renard" canadense. Agora isso, uns chuvicosinhos para inglês ver.

Um dia destes, o Observatório de Meteorologia anunciou que chuvas só em setembro. No entanto, a temperatura iria baixar, ainda este mês. A notícia provocou contentamento em uns e uma atitude de ceticismo noutros mais experientes se conhecedores das relações entre os boletins meteorológicos e as condições do tempo.

Foi uma comédia em dois atos, o primeiro dos quais já se passou. "Chuvas só em setembro. Todavia ainda este mês, a temperatura sofrerá uma baixa", dizia

o boletim. E o que aconteceu? No dia seguinte, choveu o bastante para contrariar o barômetro e quanto à baixa de temperatura, Deus me livre...

Resta agora esperar por setembro, quando, segundo o observatório, virão as chuvas. Mas, graças à lição de agosto a população está mandando para a lavanderia todas as roupas frescas que possui. Prevenir vale mais do que remediar. Se se anuncia que vai chover em setembro é bom ir preparando desde já o terno de linho...

Se essas contradições não fossem tão remotas na história da Cidade Maravilhosa, diríamos que as indicações barométricas sofreram a influência de um governo que durante um curto espaço de tempo governou um grande país da América do Sul. Quando ele protestava confiança no futuro da pátria, clamando pela colaboração de todos os governados, é que estava preparando para rasgar uma constituição. Condenava o perigo de infiltração de uma idéia política e depois verificava-se que se tratava de outra inteiramente oposta. Anunciava saldos e o resultado eram "deficits" escabrosos. Por fim, o povo compreendeu que quanto maior era o otimismo das suas "falas" mais acentada era a miséria da nação.

Ele era assim como o barômetro. Um dia anunciou que ia chover em setembro, mas estava com vontade que não chovesse nunca. (Tratava-se de eleições). Pois choveu em agosto e ele perdeu o cargo de meteorologista...

CUIDADO COM OS FOTÓGRAFOS!



nos. Em qualquer caso, uma fotografia torna irretorquível a expressão "eu vi" de quem diz ter testemunhado esse ou aquele fato.

Sem a sua contribuição, e apenas isto é lamentável não haveria o sensacionalismo da imprensa, com as paixões humanas retratadas friamente através dos resultados de sua explosões: os suicídios espetaculares e os assassinatos bárbaros.

O registro fotográfico dos acontecimentos é um valioso auxiliar do jornalista para ilustrar os fatos de que ele se ocupa. Sem partidatismo nem preferências de qualquer natureza, a objetiva registra com imparcialidade tudo o que cai dentro do seu campo de ação. Vale pois como um argumento decisivo todas as vezes que o depoimento controverso ou falto de confiança põe em dúvida a justiça de uma sentença a ser proferida. A ciência apela constantemente para a contribuição foto e cinematográfica, afim de testemunhar pesquisas e descobertas. Que digam os astrônomos de olho nas nuvens à cata de um novo cometa ou os bacteriologistas multiplicando a capacidade da sua débil capacidade de percepção visual para entrar na intimidade das reações dos seres infinitamente pequenos.

Mais do que tudo, porém, a vaidade feminina tem um fraco incorrigível pela objetiva. A vaidade humana, sejamos mais justos, pois segundo se conta o pomposo e imperitigado Mussolini recebeu sentado comodamente uma comissão, de jornalistas brasileiros até que apareceu um fotógrafo fazendo-o levantar-se de um salto e assumir aquela ridícula atitude de conquistador fracassado.

Mas a paixão da mulher pelos retratos é mais forte. Mais, mesmo, do que a paixão pelo automóvel. Se o mundo se compusesse de "chauffeurs" e fotógrafos não havia mulheres do "contra".

A semana passada, a fotografia mostrou mais uma vez a sua grande utilidade. Um marido requereu uma ação de desquite, juntando ao processo a capa de uma revista em que aparecia a sua esposa ao lado de um cidadão que era ele, passeando na "pelouse" do Jockey.

A ré alegou que não se tratava dela mas de uma amiga muito parecida. O juiz mandou chamar a amiga e o seu companheiro da fotografia para juntos e com os mesmos trajes reproduzirem o flagrante, na varanda do pátio interno do pretório.

A comparação das duas fotografias permitirá uma sentença justa para o feito. Antes de formular qualquer comentário, ocorre-nos aconselhar aos que não desdenham um passeiozinho de contrabando: amai, amai, ó jovens namorados que só o amor constrói. Mas fugi dos fotógrafos como o diabo da cruz...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 35 :- 31-8-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado Cr\$ 2,50.
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

FEMININAS

Bolsas Modernas	28
Já se pode ir à praia	32/33
Chapéus para a Primavera	42/43
Para a tarde	46
A versatilidade do rayon	46
Um estampado original	53

CURIOSIDADES

Coleção de obras de arte (George Edin- ger)	20/21
Os Campos Eliseos, reflexo da vida pa- risiense	24/25
Televisão em ordem do dia	36/37

HUMORISMO

De bom humor	26
Bem feito (Raul)	52

TEATRO

Ternura	16/18
Romeu e Julieta	40/42

REPORTAGENS

Eles moram assim (Celestino Silveira)	4/5
No Cais das Frutas	8/13
Solares e Superstições	48/51

LITERATURA

Antiguidades do Brasil (Berilo Neves)	3
História de um cavalo malhado (W. H. Hudson)	19
Pistoia (Escragnolle Doria)	22
O que é pó volta ao pó (Berna Morris)	23
O Leilão (G. Maia Filho)	34
Livros Novos (João Luso)	39

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
A REVISTA em Hollywood (Louis Ser- rano)	29/31
Belas Artes	38
Rádio	43



NOSSA CAPA

O mais belo e o mais novo sorriso de Marguerite Chapman, está hoje iluminando a capa da REVISTA. Um verdadeiro sorriso primaveril, e um convite amável à renovação do guarda-roupa de nossas elegantes leitoras, para que continuemos apresentando, neste número, reentistíssimos figurinos de Hollywood, posados por "estrelas" da tela.

A primavera entrará na segunda quinzena de setembro, mas os preparativos de "toilette" são desde agora feitos, aliás com concurso dos modelos sugestivos que vimos estampando em nossas páginas. Foto Columbia).

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja,
Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

OS GRANDES CONCURSOS LITERÁRIOS DA "REVISTA DA SEMANA"

5.ª SÉRIE DO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Está aberto, até 30 de setembro, o prazo para recebimentos dos contos destinados à 5.ª série deste nosso "certame" permanente. Como de costume, êsses originais não devem ir além de 5 laudas datilografadas em espaço dois, e precisam mencionar nome e endereço dos autores. Dentre os originais recebidos, serão escolhidos os 12 (doze) melhores para publicação posterior, cabendo aos respectivos autores, o prêmio de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros), oferecido por esta revista. Não serão devolvidos originais mesmo não publicados.



De acordo com as informações publicadas em edições anteriores, e para orientação dos interessados, bem como das pessoas que têm procurado saber desta redação detalhes a respeito, cabe-nos informar que o julgamento do Concurso de Peças Teatrais (Prêmio Apolonia Pinto), está sendo realizado pelos membros da comissão julgadora. Neste momento as peças se encontram distribuídas entre êsses srs.: Daniel Rocha (Club Ginástico Português), Joraci Camargo (S.B.A.T.) Floriano Faissal (Casa dos Artistas) e Bandeira Duarte (Associação de Criticos Teatrais). Tão depressa a comissão nos dê ciência da conclusão dos trabalhos, divulgaremos o nome, do autor da peça premiada que receberá a quantia de CR\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), oferecida pela Club Ginástico Português.

Na mesma ocasião será divulgado o resultado do Concurso de Romances, cujos originais igualmente se encontram em julgamento.

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇNONS
R. CARIOCA N.º 23

Joalheria

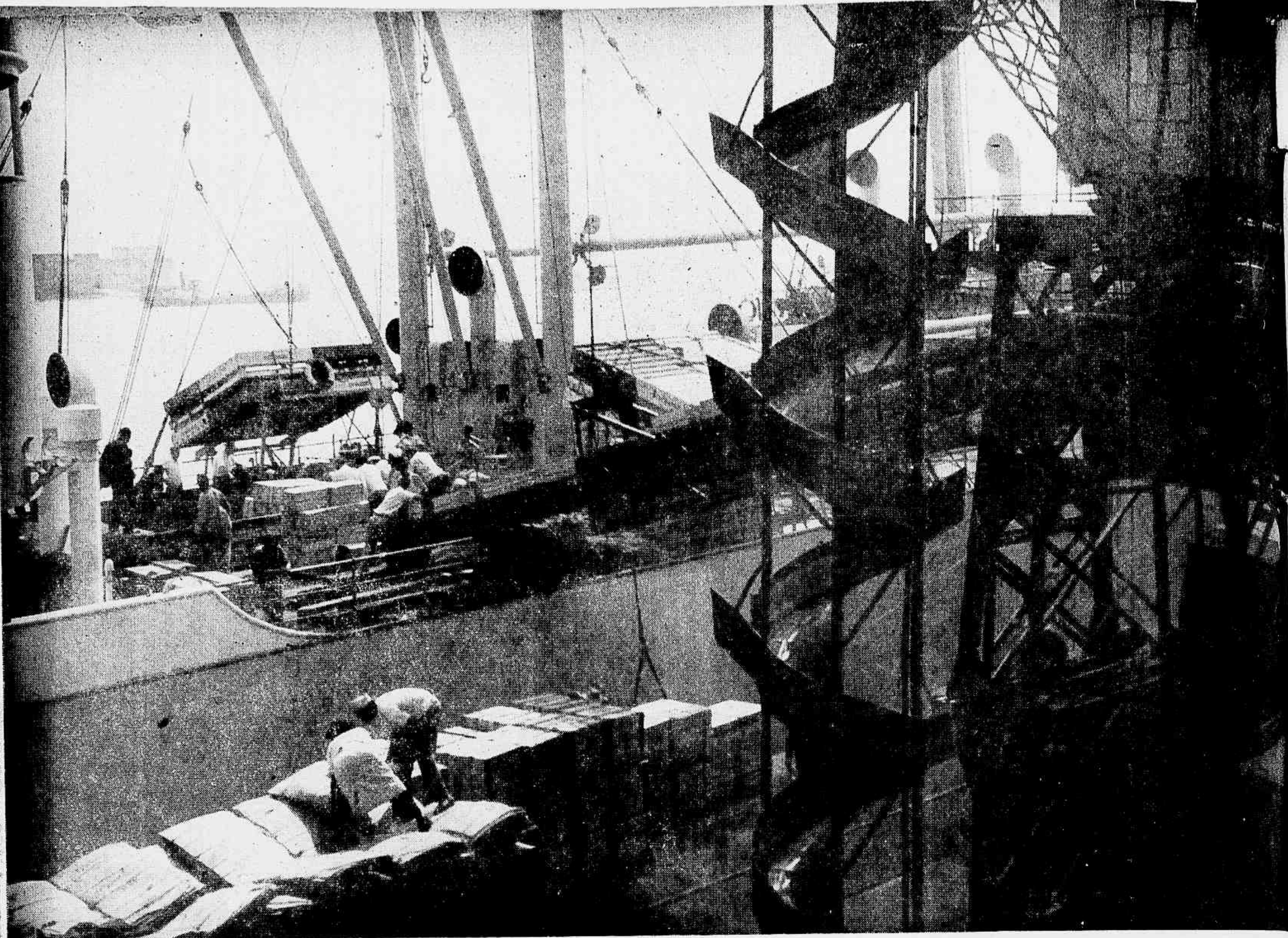
LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓCIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

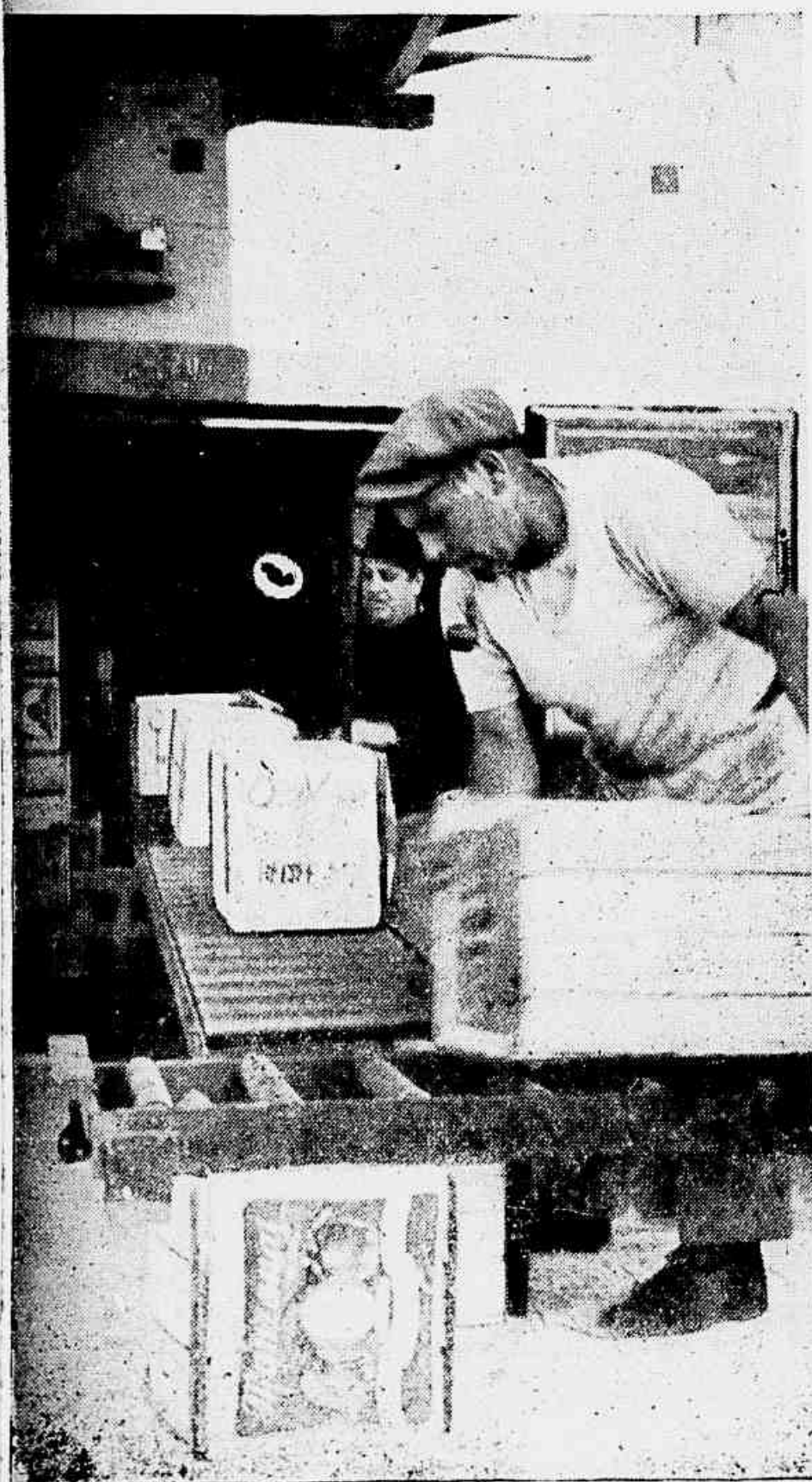
ACIONAL
ppe & Co.
aixa Postal
Montevideu.
enos Aires.

BRITO

publicamos
evolução de



O EMBARQUE MECANICO — O guindaste é aparelhado de uma dala retráctil que se estende sobre o navio e sobre a qual desliza uma esteira rolante. Sobre a esteira as caixas de frutas vão caminhando para o porão do navio já abarrotado que as levará para a Europa. Daqui a um mês, provavelmente, John Bull largará a bíblia e o cachimbo por alguns minutos afim de saborear as nossas laranjas, as laranjas que nós compramos aqui pelos olhos da cara. São três os guindastes do cais do Entrepoto de Frutas, cada um tem a capacidade de 2.000 caixas por hora, no carregamento dos navios.



NO CAIS DAS FRUTAS

O Entrepoto de Frutas do Rio é o maior e mais moderno do mundo — Capacidade para refrigeração de 35.000 caixas por dia — As frutas gostam de ar condicionado — 2.363 metros de esteira rolante fazem o transporte da mercadoria — 20 câmaras de pré-refrigeração e 18 de conservação — Laranjas para Oslo, Gottenburgo e outras cidades da Escandinávia — Um cheiro diferente do das frutas denuncia a presença de cebolas — Não há falta do produto no mercado

Era um dia de sol causticante, um desses dias tão comuns no inverno carioca, principalmente quando o termômetro anuncia chuvas, nuvens e baixa de temperatura. A natureza do Rio é tipicamente do contra. Não se submete às indicações de nenhum barômetro. É rebelde e autônoma, mesmo quando os prefeitos não são eleitos pelo povo como deviam ser. Mas, voltando à história, fazia um sol de amolecer o asfalto e nós tínhamos que cavar uma reportagem. Então, veio-nos como um calmante para o reporter abafado a lembrança do Entrepoto de Frutas. Nada mais apropriado.

E depois de romper o bloqueio das inevitáveis restrições que barram todos os portos do mundo aos curiosos, conseguimos entrar em contacto com o assunto.

7.000 METROS QUADRADOS

O assunto, isto é, o Entrepoto é um estabelecimento de grandes proporções, situado entre os armazens 8 e 9 do cais do porto, com 162,5 metros de comprimento por 43 de largura, ocupando assim uma área de cerca de 7.000 metros quadrados.

Nos seus três pavimentos, além do terraço, estão compreendidas as dependências onde funcionam os serviços burocráticos e casa das máquinas, nada menos de 38 câmaras, sendo 20 de pré-refrigeração, no pavimento térreo, e 18 destinadas ao armazenamento dos estoques, distribuídas pelos outros pavimentos.

400.000 CAIXAS DE FRUTAS

As câmaras de pré-refrigeração têm capacidade para 4.500 a 6.000 caixas de frutas, de acordo com a qualidade, pois variam de tamanho. As de laranja, por exemplo, são maiores do que as de maçã. As outras, para onde são transportadas as frutas depois de refrigeradas, são maiores, com capacidade para 12.000 a 15.000 caixas.

Ao todo, isto significa que a capacidade total do Entrepoto é de cerca de 400.000 caixas de frutas. Tomando por base as de laranja e de maçã que contam uma média de 200 unidades, segue-se que podem ser armazenadas naquele estabelecimento 80.000.000 de fru-

MAÇÃS PARA OS PERNAMBUCANOS — As maçãs vieram dos fecundos pomares argentinos que detêm na América do Sul a liderança na produção de frutas. E dão entrada no Entrepoto onde passarão alguns dias à temperatura de 2 a 4 graus centígrados, enquanto aguardam praça num cargueiro que as levará para Recife. Na foto aparece a entrada da câmara de refrigeração nº 20 com a esteira rolante que conduz as caixas para o interior.

las, desde que não se trate de abacaxi... Mas abacaxi ninguém quer guardar.

O MAIOR DO MUNDO

"The best in world" ou "the greatest, etc." são indicações quasi intalíveis nos produtos norte-americanos. A civilização da grande indústria assegura aos "yankees" (pelo menos éle invocam sempre tal condição) a primazia de tudo fazer maior, melhor e primeiro do que os outros.

No entanto, com relação a entrepostos de frutas, estão perdendo a parada. Muito embora haja em Chicago, por exemplo, estabelecimentos semelhantes ao nosso e de maiores proporções, destinam-se a toda espécie de gêneros sujeitos à conservação a frio.

Mas no gênero, tratando-se de entreposto exclusivamente destinado a frutas, o Rio de Janeiro é o maior e mais bem aparelhado do mundo. E note-se que se atualmente atende à necessidades, prevê-se para dentro de poucos anos a insuficiência de suas instalações. Sendo assim, foi construído já admitindo-se a possibilidade de juntar-lhe mais um pavimento o que aumentará a capacidade para mais de 500.000 caixas de frutas ou sejam, dentro daquela mesma base, mais de cem milhões de unidades.

Convém lembrar ao leitor que continuamos a nos referir a frutas. Sim, porque tais números podem levar o amigo a crer que passamos a tratar de penicilina...

O carioca é, pois, um grande amigo das frutas. Que o digam os caminhões estacionados por toda parte, na Lapa, na Praça Tiradentes, ao longo de Copacabana, nos subúrbios mais distantes, por toda parte, os estoques se esgotam rapidamente.

35.000 CAIXAS POR DIA

O Entreposto para frutas foi construído por determinação do governo e sob orientação da Administração do Porto do Rio de Janeiro que é uma administração autônoma. Sua criação foi imposta pela necessidade de se preservar da deteriorização os estoques de frutas diariamente chegados a esta capital não somente destinados ao

nosso mercado como para serem distribuídos por outros portos do país, e para o exterior. Representa, assim, um fator auxiliar da produção e a pequena taxa que cobra pelo armazenamento e conservação é suficiente para amortizar a dívida contraída com o Banco do Brasil para financiamento da construção. Dentro de 10 anos estará saldada a dívida e o estabelecimento poderá ampliar as suas instalações se for preciso, ou reduzir o custo de armazenamento, — é uma simples conjectura pois nos tempos que correm não se deve pensar em redução de preços... Nada de utopias...

As instalações da casa de máquinas têm capacidade para a refrigeração de 35.000 caixas de frutas por dia, limite de que ainda não foi preciso lançar mão até o presente.

FRUTA GOSTA DE AR CONDICIONADO

O repórter vê grandes tubos de amônia e faz uma pergunta ao dr. Campos, diretor.

— Sim. O processo de refrigeração é pela evaporação da amônia...

Mais tarde o engenheiro fiscal da construção, dr. Zenith Aguiar, nos explicou melhor, como técnico que é.

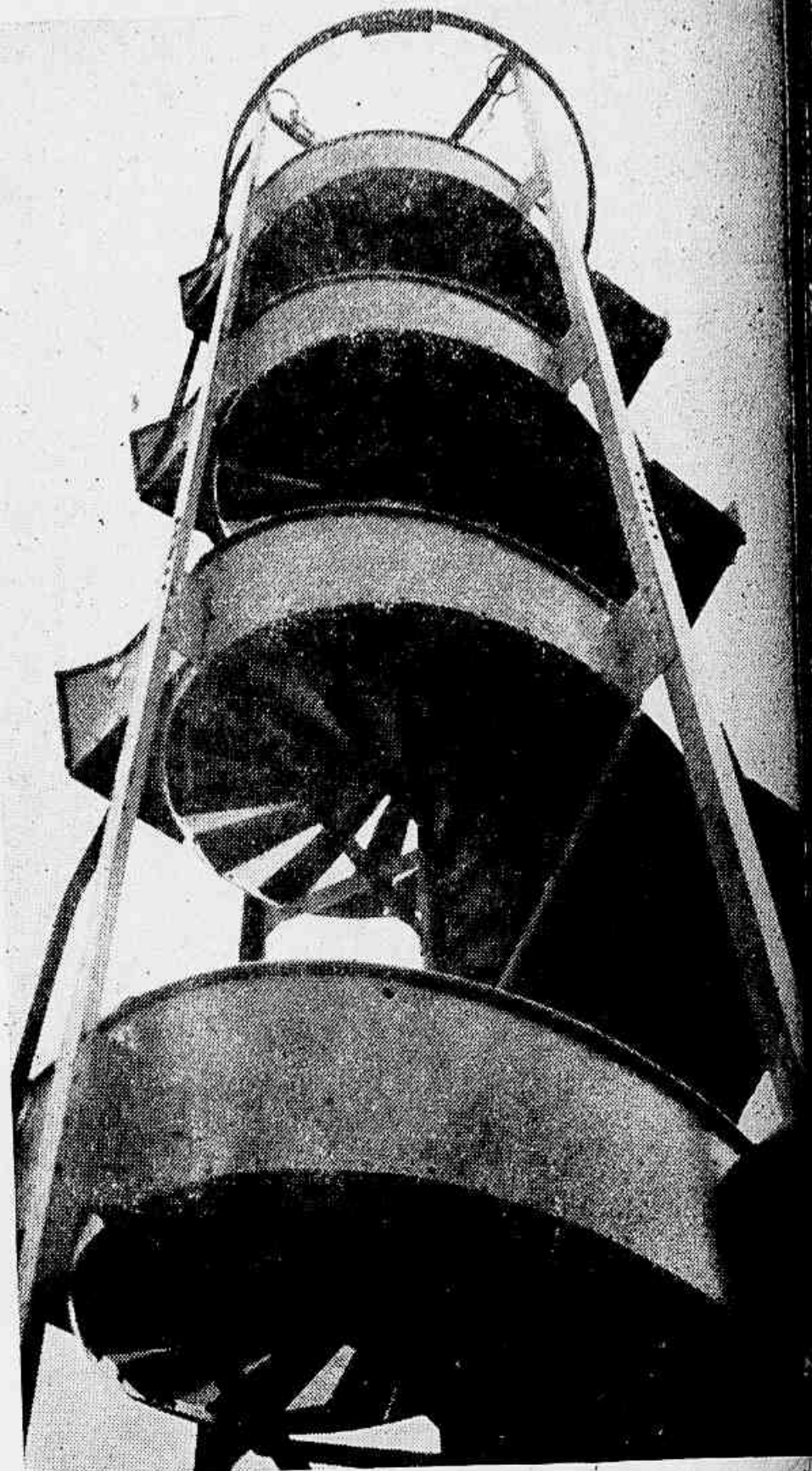
— A refrigeração de outros produtos, de carne por exemplo, é mais simples. Basta a temperatura necessária para que o problema esteja resolvido. Com as frutas, entretanto, é preciso levar em conta o problema da circulação do ar. As frutas se ressentem de uma atmosfera onde o ar não circule. Tornam-se, como se diz geralmente pedradas. Daí, usamos um sistema de ar condicionado. Assim elas se conservam por muito tempo.

— Mais ou menos?

— Não é bem preciso o limite de conservação. Mas nós ainda temos aqui parte do estoque armazenado no início do funcionamento. E o Entreposto foi inaugurado a 10 de abril. Portanto, rematou o dr. Zenith, quatro meses eu garanto.

DOIS QUILOMETROS E MEIO DE ESTEIRA ROLANTE

E agora, vamos com o dr. Campos e o engenheiro visitando as diversas dependências da maior "frigidaire" do



O CARACOL E A CAMARA DE REFRIGERAÇÃO — Na foto acima aparece o transportador helicoidal, ou simplesmente o caracol que conjugado com a dala do guindaste (veja-se legenda 1) transporta com rapidez as caixas de frutas para o porão do navio. O transporte mecânico, aparentemente vagaroso é no entanto o que maior rendimento oferece. Em baixo, uma das câmaras de refrigeração de tamanho grande, com capacidade para cerca de 12.000 caixas. Mas vamos encerrar a referência a esse ambiente. Só em falar, lembramo-nos do cheiro que se exala lá de dentro, fazendo-nos água na boca. Água... que palavra doce!





QUANTO CUSTA UM QUILO DE CEBOLA? — Atualmente não é muito caro mas ainda há alguns especuladores para os quais nunca há abundância nem preços populares. E vão cobrando descaradamente 4 cruzeiros e mais por um quilo dos bulbos da liliácea tão requestada pelas donas de casa e tão necessária à ornamentação de um boa salada. Pois bem. Fique sabendo o leitor que há cebola em grande quantidade. Aqui estão 12.000 das 18.000 caixas que chegaram da Argentina, por preço inferior ao do produto brasileiro. Se o seu fornecedor alegar que há falta, chame o guarda civil. É mentira.

mundo. E o dr. Zenith vai mostrando como funciona. Ao longo do edifício, tanto do lado da avenida Rodrigues Alves como do lado do cais, vemos uma enorme correia deslizando coberta de caixas de frutas. Ante a nossa curiosidade, ele vai dizendo:

— Isto é a esteira rolante por meio da qual é feito todo o serviço de carga, descarga e armazenamento. De cada lado do edifício há uma com cerca de 200 metros. Além disso todas as câmaras são providas de uma que as atravessam de um lado a outro, com 43 metros de extensão. Entre o primeiro pavimento e o segundo e entre este e o terceiro, há as inclinadas num ângulo de 30 graus. Ao todo perpassam 2.363 metros de esteira rolante. Por fim, para conjurar os serviços de umas e outras, temos as esteiras portáteis cuja extensão, adicionada àquele total, dá cerca de 2.500 metros. Essas esteiras são os nossos músculos. Elas realizam o serviço de dezenas de homens, mais economicamente e com a vantagem de não fazerem "cêra"...

O ARMAZENAMENTO

Este trem que aí está — e o dr. Zenith nos aponta uma composição de carga estacionada no cais — chegou

há pouco do Estado do Rio. Vem abarrotado de laranjas, já acondicionadas em caixas, com uma média de 200 cada uma. Colocadas as caixas sobre a esteira rolante longitudinal esta vai conduzindo a carga até a porta das câmaras de pré-refrigeração onde a mercadoria passa para as esteiras rolantes internas. Lá dentro, uma equipe de homens devidamente protegidos contra os excessos da baixa temperatura retira as caixas da esteira e assim está feito o armazenamento.

TRANSFERÊNCIA PARA AS CÂMARAS DE REFRIGERAÇÃO

Dos câmaras de refrigeração, uma vez alcançada a temperatura de 1 a dez graus positivos (no caso da laranja) elas são transportadas pelo mesmo processo e com auxílio, agora, da esteira rolante inclinada para as câmaras de conservação do segundo pavimento, deixando livres as câmaras de pré-refrigeração para o próximo carregamento a chegar.

— E as câmaras do terceiro pavimento?

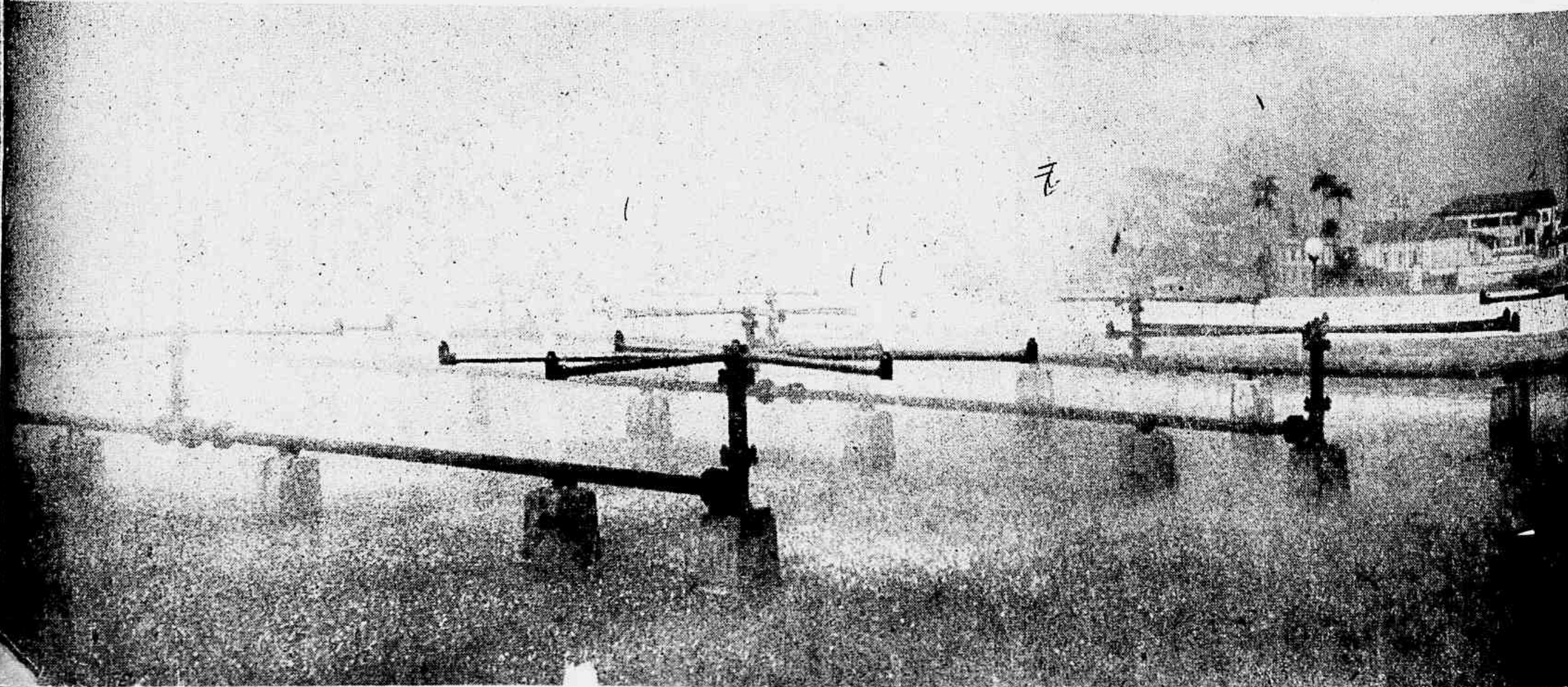
— São utilizadas quando as do segundo estão lotadas e a transferência da carga se faz ainda do mesmo modo.

O dr. Campos manda acionar as esteiras conjuntamente, oferecendo-nos um espetáculo sugestivo, misto de trem de criança e montanha russa. Ante os nossos olhos vão deslizando caixas e mais caixas. O sol dá impiedosamente no nosso palitô surrado de gasemira que foi marrom e nós vamos assistindo atônitos à maravilhosa proeza. 200 laranjas geladinhas, mais 200, 200, 200, 200... Chega! Não queremos mais ver. Com aquele sol nas costas, e aquele cheiro agradável produzindo um contínuo reflexo, o espetáculo era de uma terrível crueldade. Puro suplício de Tântalo. Engenheiro perverso... Sabe que o carioca gosta de fruta...

ESTAMOS EM SÃO PAULO

O aroma simpático que se exala lá de dentro exerce sobre nós uma forte sugestão. E assim mesmo, sem roupa apropriada vamos arriscando uma incursão dentro da câmara. A passagem súbita para a temperatura zero provoca mal estar. As pernas parecem cercadas de ventiladores. Os pés vão rapidamente esfriando e a gasemira surrada já não nos protege. Resolvemos deixar a câ-

A PISCINA PARA RESFRIAMENTO DAS MAQUINAS — No terraço do Entrepósito, há uma piscina que não se destina ao banho dos funcionários, muito embora em suas casas esteja faltando água há vários dias. Serve para o resfriamento das máquinas de refrigeração. A água esguicha aqui o dia inteiro, formando com a luz do sol um constante arco-íris. Não vão pensar que é um desperdício. Se esta água deixar de correr, as máquinas não poderão funcionar e não teremos mais as poucas frutas que nos restam depois que os exportadores satis fazem o mercado estrangeiro.



mar, apesar de gostarmos de frutas. Dois passos à retaguarda, e estamos novamente no Rio de Janeiro, já que a temperatura exigida pelas maçãs é a de uma noite de inverno em São Paulo.

LARANJAS PARA A EUROPA

Ao mesmo tempo que eram armazenadas as laranjas procedentes de Nova Iguaçu outras eram retiradas das câmaras de conservação e, percorrendo todo o sistema de transportes através das esteiras rolantes, davam entrada no navio "Amazonas" sobre o qual, o guindaste estendia um braço para facilitar o carregamento.

O diretor informa:

— Vão para Oslo, Gettenburgo e outras cidades da Escandinávia.

UM CHEIRO DIFERENTE DO DAS FRUTAS

O elevador nos leva além do terceiro pavimento. Ao abrir-se a porta, lá em cima, um cheiro forte e penetrante nos faz recuar. Um aroma de restaurante de segunda classe em dia de muito movimento. Cheiro de prato feito, de 4,50 e preço.

O PERIGO DO GRELO

— Cebola, informa o diretor. Aqui em cima nós aproveitamos o espaço para guardar os estoques de cebola, já que não é necessário refrigerar o ambiente. Basta uma temperatura de 18 graus, mais ou menos. Abaixo disso a cebola está sujeita a grelar. E para ilustrar a sua afirmativa, o diretor vai puxando os grelos que repontam nas frestas das caixas, nos locais mais húmidos do vasto salão.

Sem querer vamos nos lembrando dos comerciantes que para justificar os quatro cruzeiros e tanto que cobram por um quilo de cebola, alegam constantemente a falta do produto no mercado. Nada disso. Pura mentira, caro leitor. Se quiser tirar a prova vá ao Entrepósito e fale com o dr. Campos. Ele lhe dirá, que das 180.000 caixas recebidas da Argentina e que abarrotaram o mercado, ainda se acham no Entrepósito 12.000 caixas. Agora isso, o leitor saberá também que a cebola argentina chega ao Rio por preço inferior ao do produto brasileiro. Tal e qual o que sucede com o açúcar no Rio Grande do Sul: em Uruguaiana, o açúcar brasileiro custa 4,00 o quilo mas atravessando a ponte internacional, o consumidor encontra em Passo de los Libres o produto argentino a 2,50. São mistérios que só a "sabedoria" dos homens pode explicar.

CEBOLA NÃO SE DÁ COM FRIO

Estranhemos que a cebola não mereça, como os demais produtos armazenados no Entrepósito, as honras de uma câmara de refrigeração. Mas o dr. Campos nos explica:

— A cebola absorve muita humidade. Numa temperatura mais baixa do que esta, em pouco tempo ela se estraga. Além disso, uma vez retirada da baixa temperatura, não duraria mais de 48 horas.

ÁGUA À VONTADE

Não pense que se trata de mais uma promessa do prefeito, leitor amigo. Nem tão pouco da jubilosa notícia de que o suplício periódico da falta d'água vai acabar, à custa de entrevistas que as autoridades concedem aos jornais, falando sempre nuns fabulosos milhões ou bilhões de litros de acréscimo...

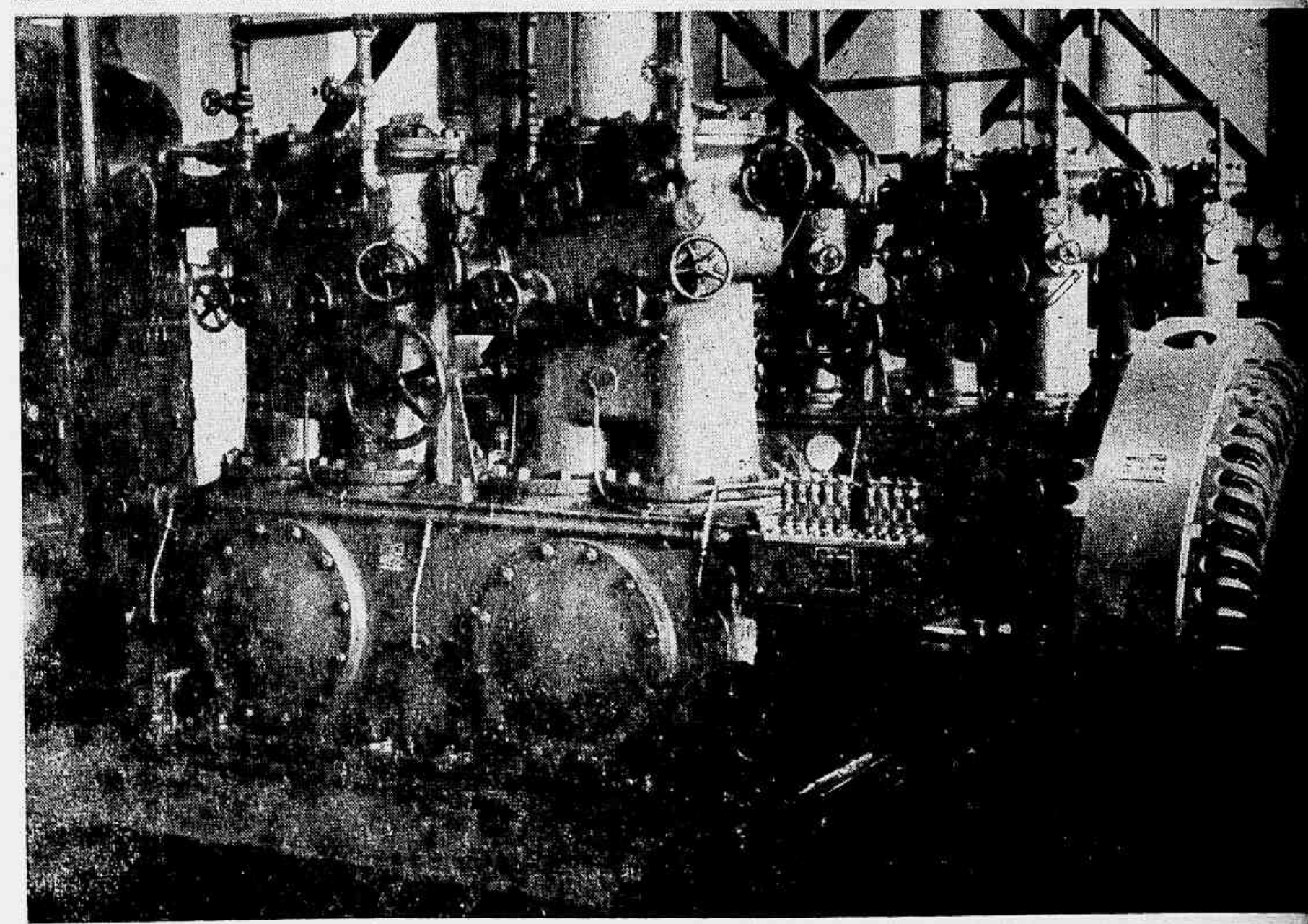
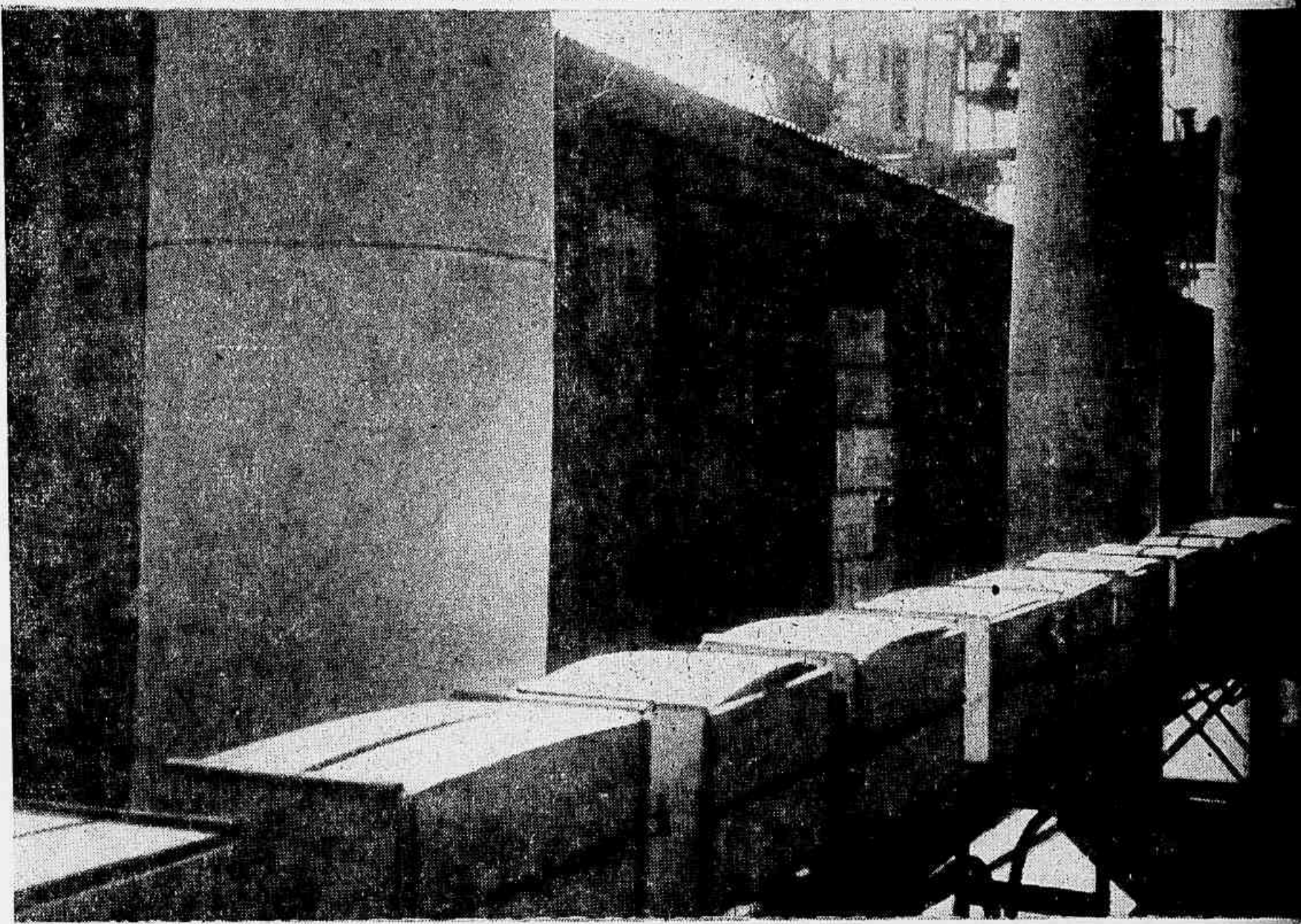
Queremos nos referir a uma piscina que há sobre o terraço do Entrepósito de frutas e onde terminamos a visita a esse estabelecimento.

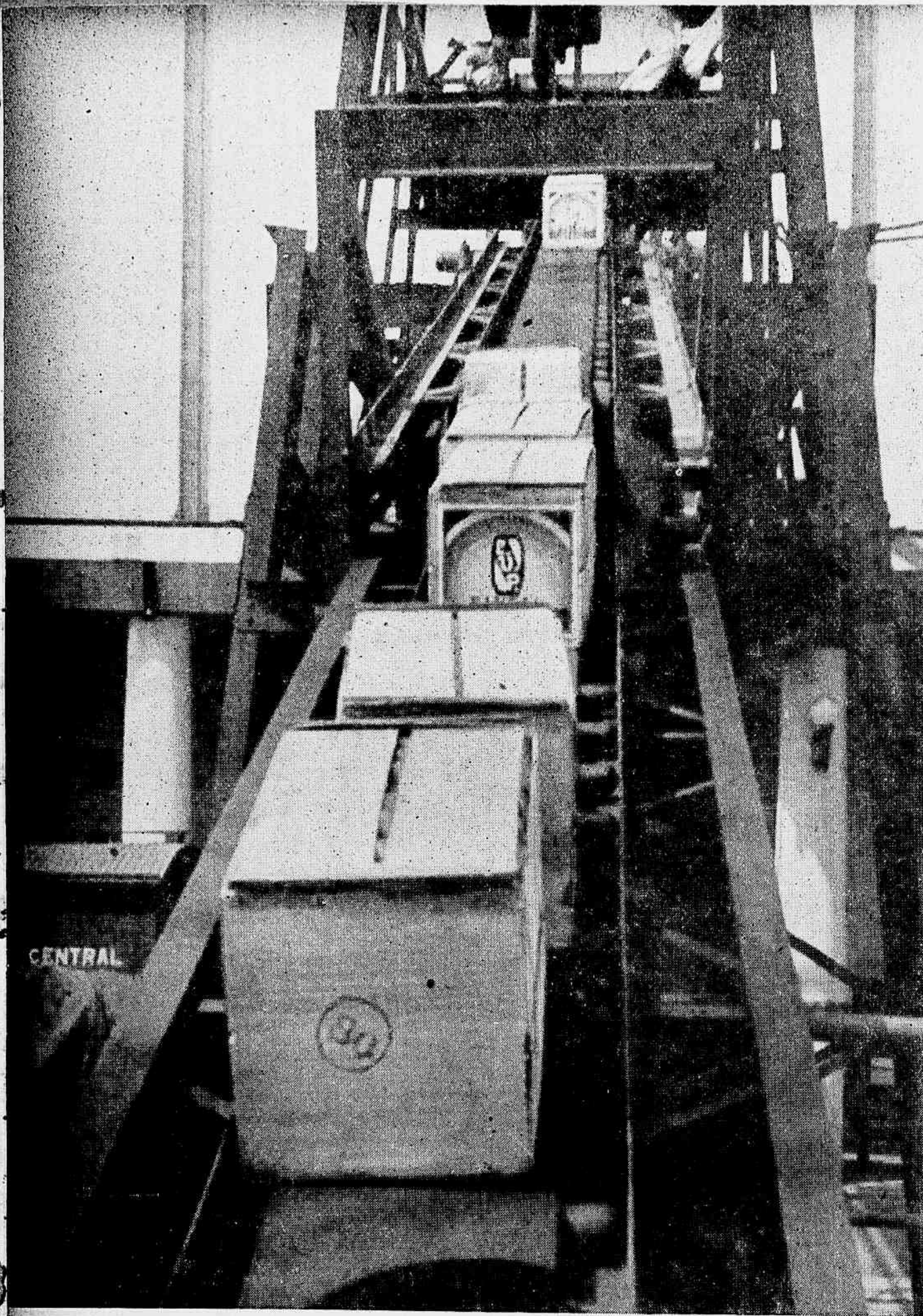
As cebolas estavam nos incomodando com o seu cheiro acre e penetrante. Por um momento, chegámos a pensar que um bom castigo para os nazistas seria deixá-los uma semana num recinto fechado, dormindo em colchões de cebola picada. (As 12.000 caixas, calculámos, dariam francamente uns 6.000 leitos senão macios e confortáveis, pelo menos originais). Foi assim que fomos levados para a coberta do edifício.

SEM FRUTAS A VIDA É UM "ABACAXI"

Um espetáculo diferente do que nos oferecem as bicas das nossas residências que já estão criando teias de aranha. Dezenas de bocas de ferro esguichando a

FRUTAS PARA OS CARIOCAS — Ao alto, um aspecto externo do Entrepósito, vendo-se caminhões carregados para distribuição; ao centro, um detalhe do transporte sobre a esteira rolante e em baixo, um aspecto da casa das máquinas, com capacidade para refrigeração de 35.000 caixas por dia, cada caixa com cerca de 200 unidades. No género, é o maior frigorífico do mundo.





A ESTEIRA ROLANTE SOBRE A DALA — A foto mostra um flagrante colhido de bordo do "Amazonas" que levará um carregamento para a Europa. É uma vista da esteira rolante que estendida sobre a dala do guindaste, traz diretamente do interior das câmaras até o porão dos navios as caixas de frutas. São laranjas da melhor qualidade.

cisos uns 20.000, sem contar com o atropelo que a construção acarretaria importando no sacrifício do funcionamento do Entrepoto.

A economia custou, pois, 8.000 contos. E amanhã custará mais.

87.000.000 DE FRUTAS EMBARCADAS

As frutas no Rio de Janeiro são mercadoria privativa das pessoas mais ou menos enriquecidas. Um luxo, assim como os concertos e espetáculos de ópera a 50 cruzeiros a galeria. Maçãs e peras são tão caras aqui como nas capitais do nordeste, para onde vão depois do estágio que fazem no Entrepoto, aguardando praça nos navios. Difícil de compreender, mas é verdade.

Faltam frutas por preços acessíveis no mercado mas do Entrepoto já saíram, de junho até 19 do corrente 145.351 caixas de laranjas e 283.584 de frutas diversas, perfazendo a soma de 434.945 caixas. Levando em conta que cada caixa contém cerca de 200 unidades segue-se que foram embarcadas cerca de 87 milhões de frutos.

E ainda há, em estoque, (números da data em que lá estivemos) 45.500 caixas de laranjas e 224.264 de outras frutas, um total de 269.764, por conseguinte.

E nós, pobres consumidores, entregues à mais despuddorada especulação que é a fruta mais abundante nesta cidade maravilhosa. Temos o maior frigorífico do mundo para frutas e no entanto somos talvez o povo que consome as frutas mais caras. Foi com esta reflexão que descemos novamente pelo elevador do Entrepoto, voltando mais uma vez às câmaras de conservação e de pré-refrigeração para registrar algumas chapas. A Exakia de Vieira, acostumada ao frio germânico, pouco se incomodava com os 2 graus centígrados no interior do frigorífico. Mas o nosso amigo, metido num lenho próprio para o "inverno" carioca fazia dó. Felizmente, para os dois esquimós improvisados, o material acabou, ficando apenas o necessário para os flagrantistas do cais.

NO RIO ESTÃO SOBRANDO

Lá fora, os vagões procedentes de Nova Iguaçu continuavam a ser descarregados pelas esteiras rolantes incansáveis na sua faina de transportar caixas e mais caixas, uma após outra, para a boca insaciável das câmaras de pré-refrigeração. Ao mesmo tempo, em cima, as esteiras faziam o serviço em sentido contrário: retiravam a mercadoria das câmaras e levavam-na até as aberturas de escoamento onde o trajeto mudava de sentido, passando para a dala do guindaste e daí para o porão do "Amazonas" já quase cheio. Laranjas para Londres, Oslo, Gottenburgo, que no Rio de Janeiro estão sobrando...

O funcionamento do Entrepoto de frutas devia-nos

preciosa linha e produzindo, ao contacto da luz do sol maravilhosos efeitos de arco-íris, amenizando a agressividade da paisagem constituída pelos armazéns do cais do porto, pelos casbres de madeira e folha de fiandres mais açorianos e ao longe pela poeira de São Cristóvão.

Antes que o leitor faça conjecturas pouco amáveis em relação ao "desperdício" do que falta diariamente em casa, vamos adiantando que essa piscina com os seus esquichos e os seus muito metros cúbicos d'água é absolutamente necessária ao funcionamento das máquinas de refrigeração. Se faltar água ao Entrepoto, elas não poderão funcionar e consequentemente, além da falta d'água não teremos laranjas, uvas nem maçãs. Vai ser um verdadeiro "abacaxi".

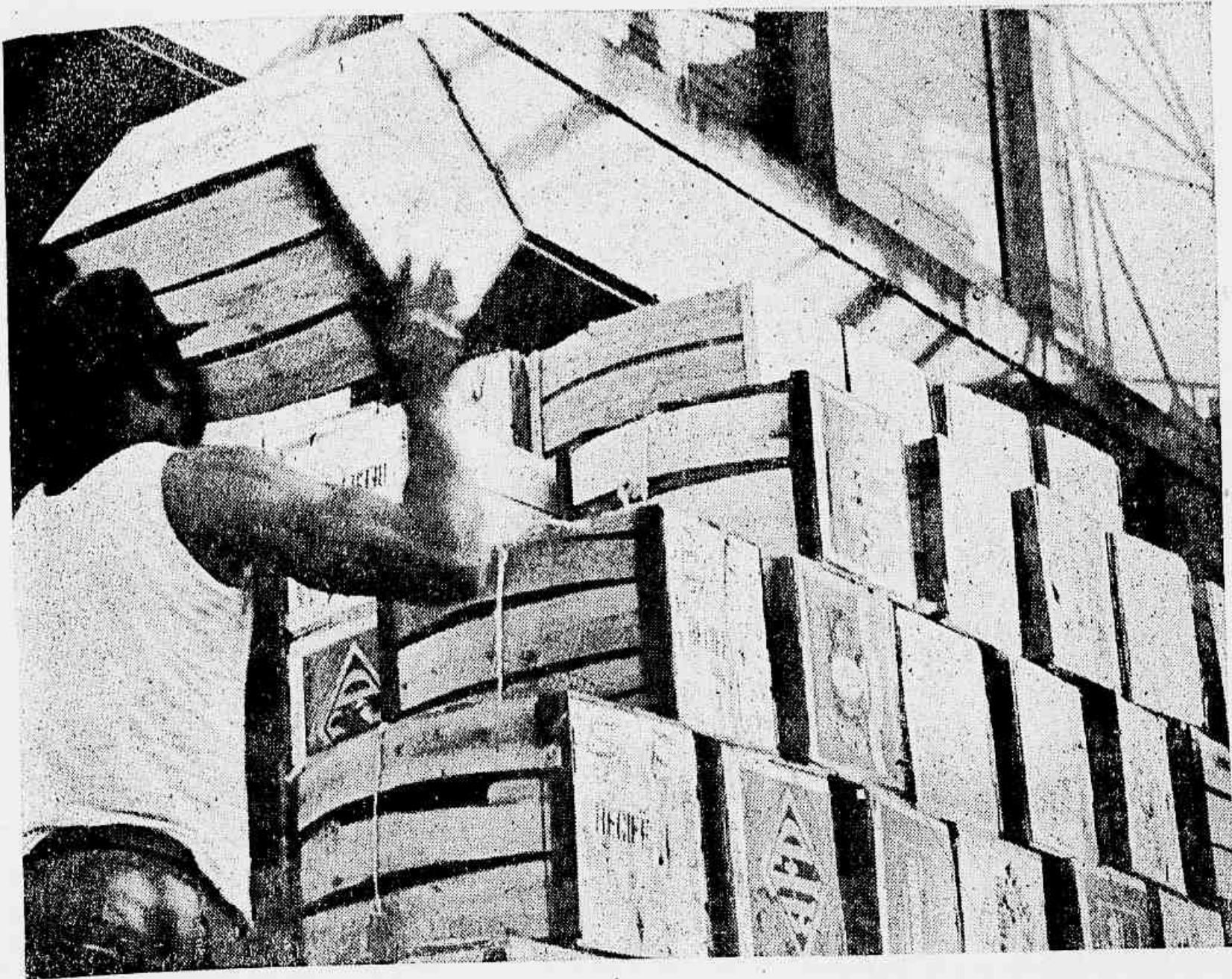
OITO MIL CONTOS A MAIS

— Em baixo desta piscina, justamente onde estão as cebolas — explica-nos o engenheiro Zenith Aguiar — é que foi projetada a construção da parte complementar do Entrepoto, o pavimento a mais de que falei e que aumentaria de cerca de 150.000 caixas a capacidade do estabelecimento.

Quando foi levantado o edifício, esse pavimento custaria uns 12.000 contos. Agora, para levantá-lo serão pre-

NADA DE CARRINHOS — Este é um processo antigo de carregar mercadorias no cais. Prevalece para outras mercadorias mas foi abolida para as frutas, que agora passam diretamente dos porões dos navios ou do bojo dos vagões para as câmaras de refrigeração ou vice-versa.





assegurar a distribuição do produto por preço acessível. No entanto, assim não acontece porque os comerciantes não podem se "sacrificar" com lucros mesquinhos de 20 ou 30 por cento...

TENTARÃO AUMENTAR OS PREÇOS

Até o presente, não é obrigatório o armazenamento de frutas no Entrepósito. Os importadores o fazem simplesmente porque é aconselhável do ponto de vista econômico, para evitar prejuízos com a deterioração do produto. Entretanto, afim de garantir a distribuição de frutas em perfeito estado de conservação, cuida-se de tornar obrigatória a medida. Quando isto acontecer é bem possível que os negociantes tentem mais uma sortida sobre a bolsa do povo, aumentando o preço sob fundamento de que o armazenamento obrigatório onera a mercadoria com tanto por cento, etc., etc., ajuntando o infalível lero-lero das suas lamúrias para embasbacar o consumidor incauto que termina acreditando nas lábias do "infeliz" retalhista.

Para conhecimento de todos, é oportuno dizer, desde já, que os direitos cobrados para permanência durante um mês no Entrepósito variam de 11 a 13 centavos por quilo. A laranja, por exemplo, paga 11 centavos por quilo, cerca de 2 a 3 centavos por unidade, aproximadamente. Pois é bem possível que eles passem a cobrar 20 centavos. Cuidado! Qualquer alegação além destes dados é mentira, caro leitor. Chame o guarda civil.

UMA SUGESTÃO ÀS AUTORIDADES

De algum tempo para cá, têm-se criado diversos institutos, entrepostos, comissões ou cousa que o valha, visando controlar a distribuição de produtos como o café, leite, mate, peixe, frutas, etc. O resultado, como é do conhecimento do leitor, é o desaparecimento desses produtos ou a alta escandalosa dos preços que, em última análise, é objetivo a conseguir.

A Comissão Executiva do Leite é um exemplo frustante. Desapareceu o produto como se as vacas tivessem feito greve geral. Por alguns dias, a população passou a leite condensado que depois começou a faltar. Mas os técnicos não se apertaram. Tinha graça deixarem-se emborçar por uma coisa tão banal. Subiram o preço do leite e agora quem quiser pode comprar tantos litros quantos necessite e a qualquer hora do dia.

Com o café, aconteceu coisa semelhante. De um dia para outro, as torrefações paralisaram. Aliás, neste caso a manobra foi feita às claras. Deixaram de funcionar alegando que não podiam vender o produto senão por tanto a mais. Fez-se-lhes a vontade e o café apareceu

O CABEÇAO AGUENTA O REPUXO — No cais, um navio aguarda um carregamento. E enquanto espera, para suportar o vai-e-vem das âncoras sem perigo de destorçar-se de encontro ao cais, fica de castigo, amarrado aos cabeções. É o único momento em que o navio não tem liberdade.

A CONTRIBUIÇÃO DOS MÚSCULOS — No Entrepósito de Frutas, o homem quase que não faz força, no sentido de pegar no pesado, como no caso do carregamento de café. Aqui está uma exceção. Também, para maçãs geladas, até eu...

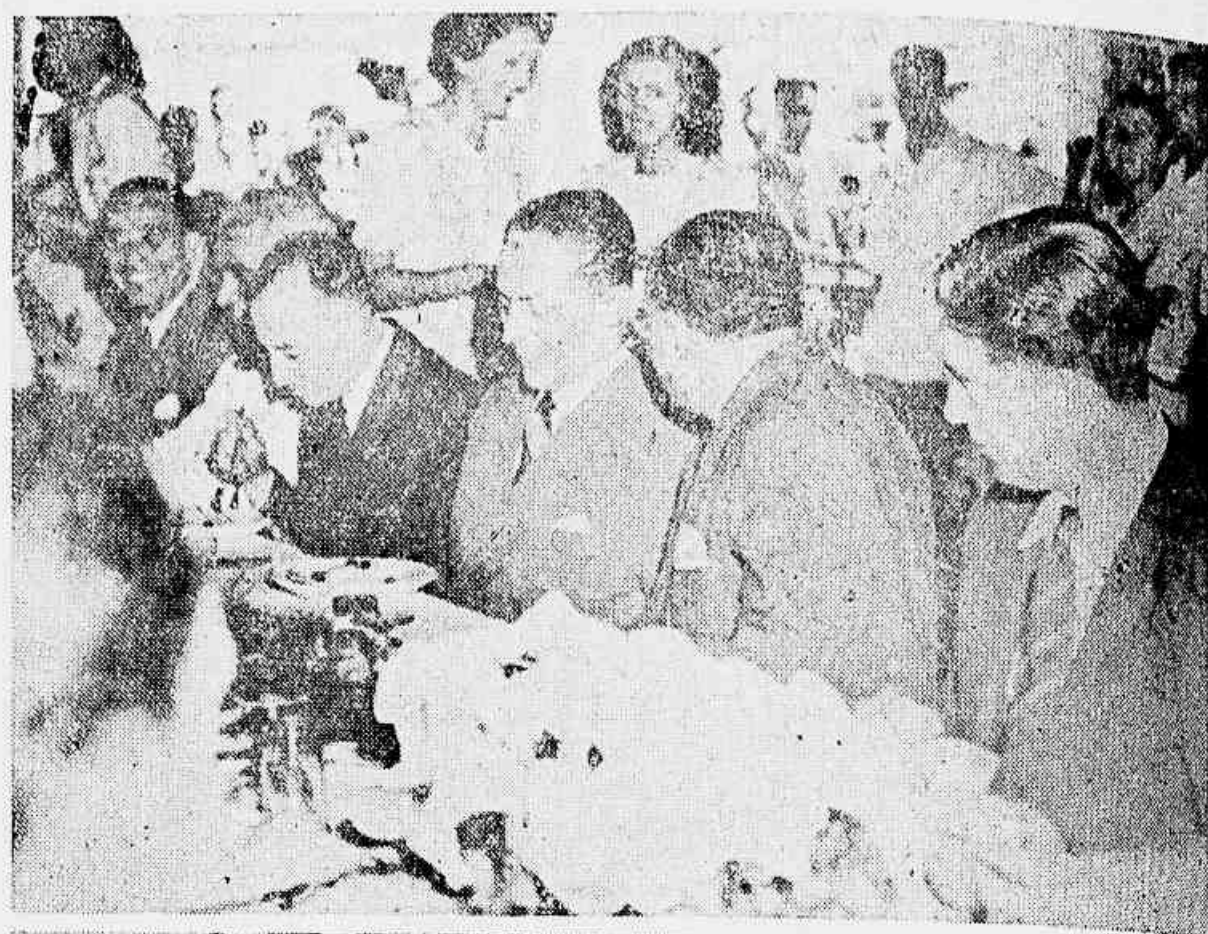
sem racionamento nem filas, nas torrefações e nos botecos.

Está faltando a manteiga? Subam o preço para 30 cruzeiros o quilo (o boato já está correndo) e não faltará manteiga.

Com a falta de leite, como já dissemos, a população correu aos estoques de leite condensado e creme de leite acondicionado em latas. Pois os revendedores estão dizendo ao povo que receberam nova encomenda por preço majorado. (O dono de um estabelecimento que fica entre o café Novo Mundo e o bar Amisade, na av. Pres. Wilson, por exemplo). Pura mentira. Os fabricantes daquele produto anunciaram pelos jornais nesse sentido.

Lembrando esses exemplos é que nos veio a idéia de fazer uma sugestão às autoridades, se é que desejam mesmo pôr termo à carestia. Façam um Entrepósito para os ladrões do câmbio negro, um estabelecimento com a mesma eficiência do de frutas. Metam-nos sobre as esteiras rolantes e deixem-nos nas câmaras de pré-refrigeração até alcançar a temperatura zero. Mudem-nos depois para as câmaras de conservação, pagando 11 centavos por quilo durante um mês. Depois, encostem um carqueiro no cais e façam-nos descer pela esteira rolante sobre a dala até o transportador helicoidal que os levará ao porão. Entreguem o comando do navio a um inglês bêbado e dêem-lhe carta branca. O sucesso é garantido.





O GOVÊRO CONSTITUCIONAL DE MINAS

Estes flagrantes foram tomados nas cidades mineiras de Leopoldina e Carangola, em 17 e 18 do mês que hoje finda, por ocasião do lançamento da candidatura do Sr. Carlos Coimbra da Luz, Ministro da Justiça e Negócios do Interior, ao futuro governo constitucional do Estado de Minas Gerais. Vários oradores representantes

políticos e de classes, em vibrantes discursos, fundamentaram por entre aclamações da massa popular, a escolha do ilustre mineiro para o elevado cargo de governante do grande estado montanhês.

Entre os membros da comitiva que acompanhou o ilustre e eminente patricio na mencionada excursão, figu-

rou o Sr. Melo Viana, ex-Presidente de Minas e atual Presidente da Assembléa Nacional Constituinte.

Nestas páginas estão fixados alguns flagrantes dos acontecimentos, realmente de grande repercussão nos meios políticos e sociais do país. Ao alto à esquerda, o Sr. Carlos Luz quando agradecia as homenagens.





Nesta página estampamos a fachada de VESUVIO, com suas lindas vitrines de exposição, e dois aspectos da benção inaugural das novas instalações, em que se destacam o Monsenhor Magal e os proprietários do estabelecimento.

Os jovens e dinâmicos proprietários da conceituada casa VESUVIO, Srs. Armando Lauria e Vitor Sarcone, apoiados na capacidade artística e profissional de Salvador Storino, a quem foram confiados em boa hora os respectivos trabalhos, acabam de prestar à cidade um serviço de inestimável valor, dotando o tradicional estabelecimento de novas e modernas instalações que poderão proporcionar à sua numerosa e distinta clientela o maior conforto que ela pode-

ria exigir, e o fidalgo tratamento que constitui tradição da casa VESUVIO.

Além da seção de que dispõe, e do pessoal devidamente habilitado para coberturas e outros consertos, VESUVIO, que se especializou em SOMBRINHAS PLÁSTICAS, de sua exclusiva fabricação, está aparelhada como nenhuma outra casa do gênero para a venda por atacado e a varejo, de GUARDA-CHUVAS da mais alta e fina qualidade, e SOMBRINHAS FORMIDÁVEIS capazes de



produzir no espírito de suas gentis clientes inapagável impressão de verdadeiro encantamento.

A inauguração das novas instalações teve lugar no dia 15 deste mês, tendo sido dada a benção inaugural por Monsenhor Magal, na presença de grande número de convidados, que foram cumulados das mais cativantes gentilezas.

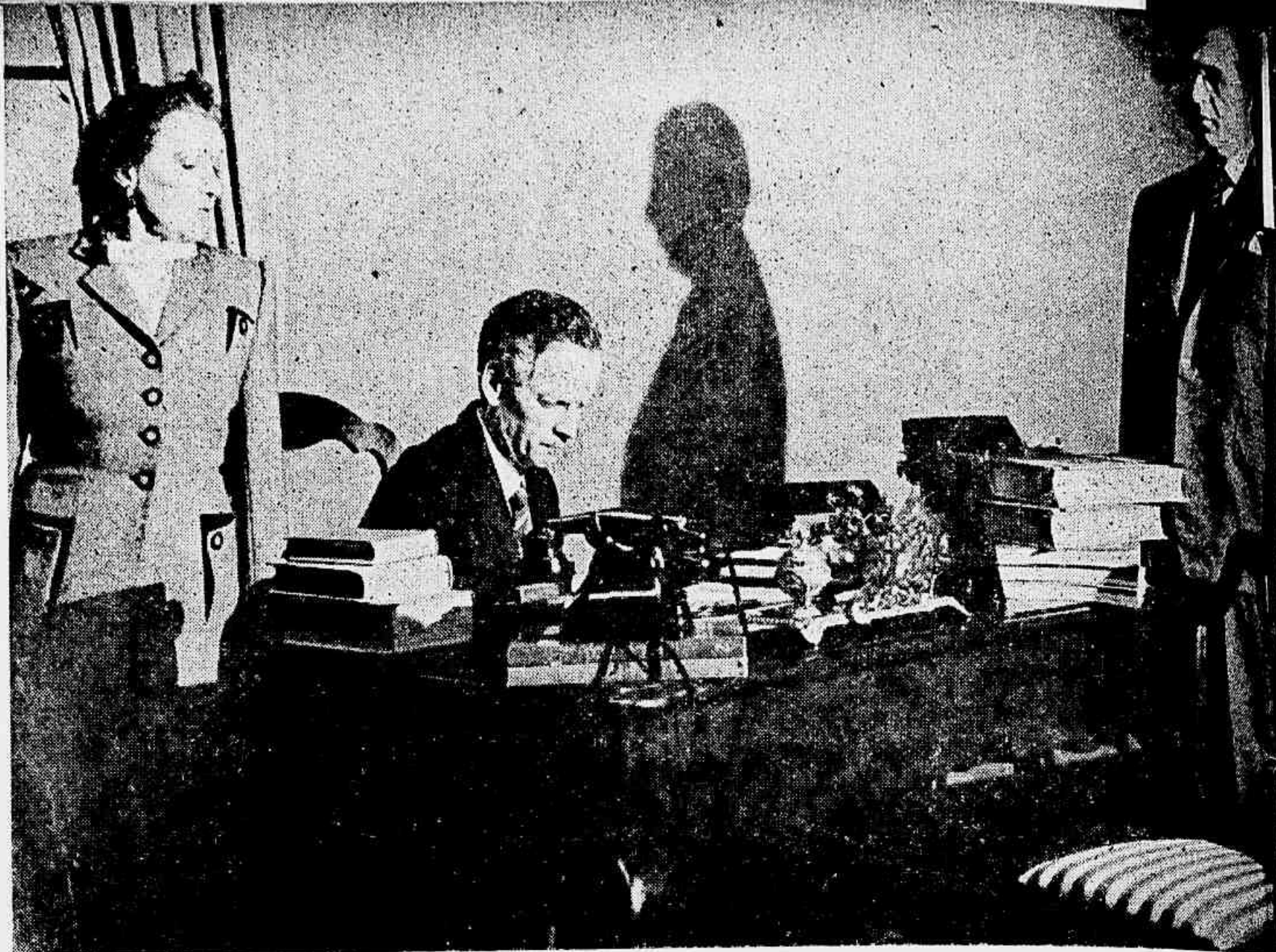
VESUVIO, que funciona à Rua 7 de Setembro, 202, espera, portanto encontrar na preferência sempre crescente do povo carioca a melhor recompensa para os esforços agora realizados pelos seus inteligentes e progressistas proprietários Lauria & Sarcone Ltda.



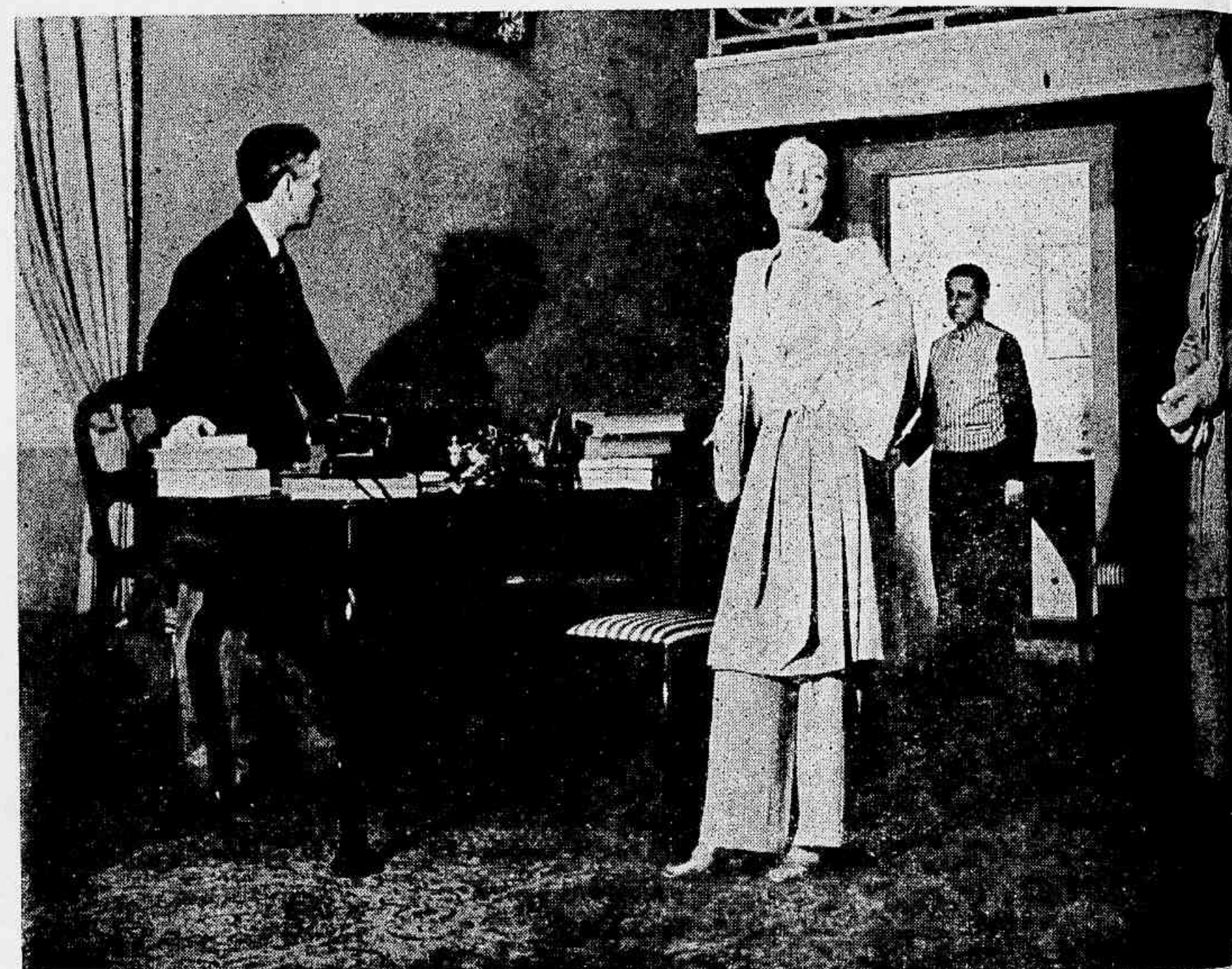
VESUVIO



1 — Ela é carinhosa, uma "criança-grande", e sabe fazer-lhe todos os agridos. Ele acredita na fidelidade que se traduz dessas atenções, e apesar da diferença de idades, vivem felizes. Um homem de espírito e uma jovem inteligente, sabem criar um "modus-vivendi" satisfatório. Marta e Barnac estão nesse caso. E tudo vai correndo maravilhosamente, até quando, um dia...



2 — ... Barnac recebe a visita inesperada de um velho amigo, Genius. E no transcurso da conversa, vem a tomar conhecimento da traição que lhe faz a sua companheira. Está presente Miss, pessoa de confiança de Barnac, incumbida de vigiar a Marta. E ela cai em sérias contradições, pelas quais Barnac vem a certificar-se da verdade. Tem razão Genius, continua sendo de uma falta de sorte extraordinária na escolha das mulheres que lhe passam pela vida...



3 — Aparentemente, porém, tudo continua sem a mais leve alteração. Marta ignora que a sua traição está descoberta, enquanto Barnac continua a tratá-la com a mesma deferência. Miss está desconfiada, alguma coisa vem acontecendo às ocultas... E o bom homem lança mão de um recurso. Contrata uma estepógrafa para ficar oculta na parte superior daquela dependência, anotando todas as conversas que ali se derem enquanto ele estiver fóra.

TERNURA

Marta	Maria Sampaio
Barnac	Rodolfo Mayer
Sergil	Rodolfo Arena
Morel	Wahya Brasil
Genius	Nelson Vaz
Miss	René Bell

Para reaparecimento no Teatro Fenix do elenco da Sociedade Amigos do Teatro, ali foi estreada a comédia de Henry Bataille "Ternura", em tradução de Brício Abreu, com o seguinte elenco:

Essa estréia constituiu um interessante espetáculo, pela maneira apurada por que o original francês foi posto em cena e representado com a correção já característica no referido elenco. A volta da Sociedade Amigos do Teatro, agora podendo oferecer ao público espetáculos todas as noites, foi sem dúvida um dos auspiciosos acontecimentos deste fim de temporada. Outras peças serão encenadas durante os três ou quatro meses da permanência de Maria Sampaio e seus comediantes, naquele Teatro.

4 — Sim, eram fundamentadas as suspeitos de Genius, transmitidas a Barnac. Tão depressa ele se ausentou naquela manhã, não tardou que Sergil, o novo "caso" secreto de Marta, ali entrasse. Ela revolta-se, com a audácia do rapaz ao procurá-la na residência de Barnac, mas o atrevimento de Sergil vai muito mais longe... E não fôra a atitude digna de Marta, esse atrevimento ali mesmo se consumaria. Mas o rapaz consente em ausentar-se, depois de beijá-la...



5 — Boa fôra a idéia de Barnac contratando os serviços da estenógrafa. Curioso é — que ao procurá-lo para esse fim, a moça pensava tratar-se de outro assunto. Ela mal disfarçava uma forte simpatia por Barnac, mas consente em ocultar-se, tal como lhe pede este, para anotar todas as conversas de Marta com os seus visitantes. E auxiliada por uma colega, vai fixando no papel, palavra por palavra...

7 — "Que fazias tú na minha ausência?" — pergunta-lhe mal disfarçando o desespero que o dominava. — "Ensaíavas?" — Ela responde: — "Sim. E tú? Que foi que aconteceu em Melun para regressares tão inesperadamente?" — É quando Barnac lhe conta tudo, declarando conhecer a verdade da sua traição, mas atribuindo essa traição a uma suposta peça, que ele estaria escrevendo, e cujo desfecho vinha encontrar.



6 — Todas as frases arrebatadas de Sergil, seus apelos para Marta consentir que a beije, todas as suas súplicas, vão sendo anotada lá em cima. Quando Barnac volta, sóbe pela porta do serviço até o gabinete das estenógrafas, arrebatá-lhes das mãos os cadernos de apontamentos e sai desvalrado, para telefonar, da rua. Assim mesmo, louco de ciúmes, tem o cuidado de indagar de Marta se pode vir...

8 — É curioso, mas até sabendo que Marta o engana, Barnac não tem coragem para se revoltar. Joga-lhe em cara toda a toipeza do seu procedimento, e pergunta o que lhe falta... Sim, éle sabe. Poderia ser um pai afetuoso e muito amigo, mas nunca um apaixonado, tão grande é a diferença de idades. Ele, amadurecido e grave. Ela, pequenina, muito joven, toda ansiando carinho e amor, muito e muito amor...

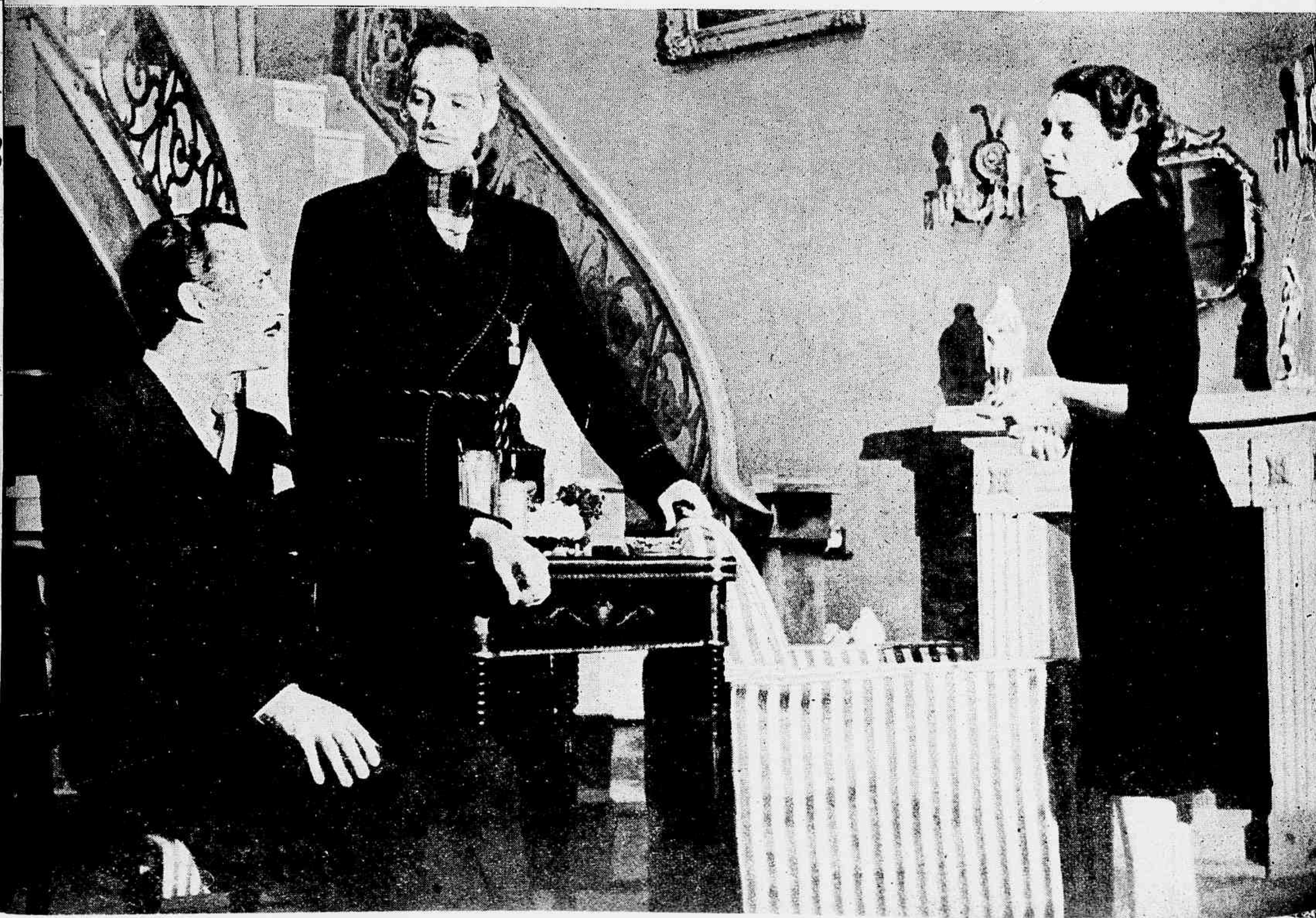




9 O encontro de Barnac e seu rival, transcorre num ambiente grave. O primeiro oferece ao segundo uma compensação no negócio de filmes em que ele toma parte, e procura defender ainda os interesses de Marta. E o inevitável acontece: Marta retirou-se daquela casa, para a companhia de Sergil, deixando o velho Barnac solitário, triste, mal sufocando a saudade da única mulher a quem realmente amou...

10 Outra mulher fez tentativas para tomar-lhe o lugar no coração de Barnac: Morel. Ela também é jovem, fascinante, veste com elegância e talvez possuísse, sim, os encantos necessários para se tornar uma deliciosa amante. Mas Barnac está com o pensamento voltado para Marta. E é Genius, seu velho amigo, quem se incumbe de muito discretamente despachar Morel, para outros destinos...

11 Afinal, o conflito atinge ao ápice. Barnac está necessitando resolvê-lo e o faz de um modo imprevisto: Desde que Sergil e Marta se amam, só lhe resta concordar com o inevitável. Mas não podendo ser o objeto da paixão de Marta, prontifica-se a representar a seu lado, o papel de pai, de velho e generoso amigo. Só haverá entre ambos, ternura, e assim, talvez conseguisse um pouco de paz para a alma...



Conto de V. H. Hudson

ESTA é a história de um cavalo malhado. Há pessoas que são e mo os passarinhos, que vêm em bandos, chilreiam e esvaziam, e nem suas sementes e depois vão para longe, esvaziando aquilo que acabaram de engulir. Eu não gosto de perder tempo com gente assim. Mas com o meu amigo, é diferente. Outros podem até rir do velho contador de histórias, que guarda todas as coisas no cofre de bre da sua lembrança. Eu posso rir também, porque sei que todas as coisas são destinadas pelo destino. De assim não fosse, seria capaz de me sentar e chorar.

As coisas que eu tenho visto! Por exemplo, o cavalo malhado que me viu há tanto tempo — por via levá-lo ao lugar exato em que seus ossos ficaram amarelados ao sol. Há um cardo crescendo no lugar. Não entendi. São lá assuntos de importância para serem recordados. A essência de um cavalo e um carro; um filho de passarinho que caiu a noite do rio e é encontrado morto; belas de puma carregadas pelo vento; um cavaleiro treze-malhado do rebocho, batido à noite entre os arbustos cheios de espinhos, e o perigo de ser ouvido pelas raposas cujos cães selvagens! Assuntos de sonhos, e assim também nestas coisas, não é mesmo? É a gente que conhece a história e a natureza e a vida e a morte e que não se preocupa com suas próprias coisas — os olhos brilhantes e os lábios rubros! Por que se atirar tudo isto ao fogo, e não se lembrar das coisas? Podemos por acaso adormecer carregados com o peso de tantas recordações e nos levantarmos no dia seguinte sem elas? Ah, amigo!

Vamos voltar à história do cavalo malhado. Havia uma ferra de gado na estância do vizinho. Sete, e de mais de três mil cabeças tinham-se separado as crias, para marcação a fogo. Depois disso, o programa era jantar e dançar. Ao amanhecer, nós nos reunimos, mais ou menos umas trinta pessoas, todos amigos e vizinhos, para fazer o serviço. Só veio conosco uma pessoa que ninguém conhecia. Juntara-se ao nosso grupo quando já vínhamos vaqueando o gado. Era um jovem esbelto bem enfeitado, de maneiras simpáticas e esdrúxulas, pouco de nós poderiam vestir naquela época. Seu cavalo trazia arreios de prata rebrilhantes. E que animal! Já vi muito cavalo em minha vida, mas nenhum com a importância do bagual daquele desconhecido.

Chegando ao cercado, começamos a separar as crias, os pequenos montados, as feras, de sorte que cada animal pudesse ser conduzido facilmente para o lugar da ferra, e um cavaleiro de cada lado, afim de não refugar o caminho da manguieira. Eu estava montado num redomã, verdadeiro denário, duro de cabeça, e já havia meio de obrigá-lo a trabalhar. Por isso tive de deixá-lo que separavam o gado, limitando-me a vigiar as crias e a impedir que elas se fossem para a mata. Nessa ocasião, o vizinho Chapaco cavalgou para o meu lado. Era um homem alegre, sacudido, falastrão, meio índio, meio branco, mas tinha ainda uma outra metade e essa pertencia ao diabo.

— Que é isso, amigo Lucero? — disse ele. — Está montando um junco com um bode, para ficar aí fazendo trabalho de criança de peito?

Expliquei-lhe o que se passava com o meu redomã, mas ele não me ouviu. Já estava observando os que separavam o gado.

— Quem é aquele jovem desconhecido? — perguntei.

— Eu o vi hoje, — respondi — e se o encontrar de novo amanhã, é que o estarei vendo pela segunda vez...

— E em que país terá ele aprendido a separar gado? — inquiriu Chapaco.

— Ele não sabe, — respondi — como qualquer um pode montar num bom cavalo. Mas não corre risco. Seu companheiro é que está sempre em perigo.

— Acredito no que diz, — declarou Chapaco. — Ele investe furiosamente e atira as novilhas à frente do seu camarada, que tem todo o trabalho para mantê-las no caminho e que corre todo o perigo, porque de um momento para outro o seu cavalo pode dar e morder os peitos do animal e cair com ele, e o cavaleiro, num bôlo dos diabos. E esse jovem desconhecido sabe o que faz, mas está pensando que somos bobos e ninguém aqui se ressentirá disso. Não, Lucero, ele confia mais na faca de ponta que tem na cinta do que no seu cavalo malhado...

Enquanto falávamos, os dois que estávamos a observar calvaram para o nosso lado. Chapaco saudou o jovem e perguntou:

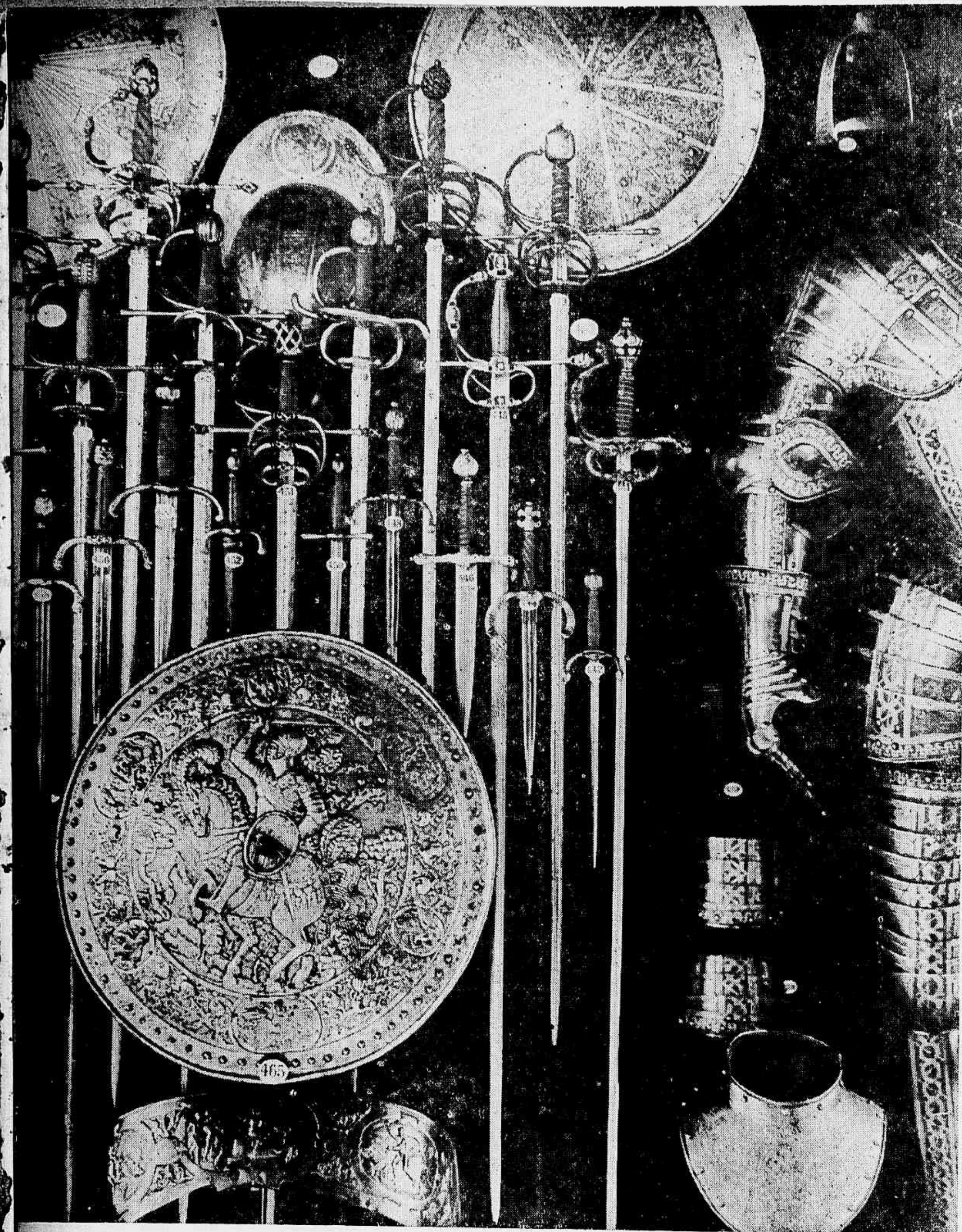
— Quer apartar umas terneiras em minha companhia, amigo?

— Sim. Por que não? — respondeu o outro. E os dois galparam juntos para o cercado. Agora vou observá-los, disse eu comigo mesmo, para ver o que é que esse índio do diabo quer fazer. Cedo eles emergiram da gadaria conduzindo uma novilha entangida. Eu sabia o que estava para acontecer. "Que o teu anjo da guarda te livre de uma calamidade, desconhecido?" — exclamei. De chibata e esperas, os dois homens pareciam que estavam apostando corrida, e não separando gado. Chapaco observou o bagual perto da terreira, afim de tirar vantagem disso, porque a sua montada era bem treitada. No fim ele se adiantou um pouco e, depois, rápido como um cisne, fêz a rês quebrar de lado, rente diante do outro. O cavalo malhado deu em cheio no meio da rês e caiu, porque tinha medo de cair. Mas, Deus do céu, por que o cavaleiro não se salvou? Aquêles que estavam observando viram que ele passou uma perna sobre o pescoço do cavalo,

Continua na pag 54



HISTORIA DE UM CAVALO MALHADO



Existe um pouco de tudo na coleção Wallace: desde os vestuários típicos do século 14 até às vividas marinhas, mas principalmente floretes, espadas, punhais, armaduras, escudos e capacetes de todas as épocas. Aqui estão alguns tipos que datam de 1590, procedentes da Itália, da Espanha e da Alemanha. Trata-se de requintados trabalhos executados por artistas famosos, cujos nomes nem sempre o tempo levou consigo. A armaria ocupa toda a parte trazeira do edifício principal, aliás um pouco menor que a da Torre de Londres

PÓXIMA ao lado norte de Hyde Park, junto a um quarteirão de casas tradicionais de tijolos que datam dos fins do século dezoito, está situada a casa de campo do Marquês de Hertford. Hoje, após todos os horrores e os terrores da guerra, quando uma casa situada a quarenta passos foi completamente destruída por uma bomba inimiga, o edifício uma vez mais abriga sua encantadora coleção de arte, aberta permanentemente ao público londrino.

Todos os quadros, os móveis, a porcelana, o ouro que constituem a coleção Wallace foram, naturalmente, abrigados em lugar mais seguro quando as bombas começaram a cair dos céus convulsionados. Mas a própria escapatória da Casa Hertford é em si mesma uma oportunidade para que sejamos gratos, pois a disposição dos objetos em seu interior constituía parte de seu encantamento.

Não que a casa em si mesma seja bela. Mas ela é essencialmente para o caráter da coleção, pois além de que suas paredes, aparelhadas e cobertas de brocado de seda, são um admirável "background" para os brilhantes candelabros de cristal e as velhas gemas e as tabaqueiras preciosas, a Casa Hertford é um verdadeiro símbolo, possuindo toda a sombra e sólida magnificência própria da residência de um daqueles "milords" ingleses que se notabilizaram pela excentricidade, nem sempre louvável, de suas atitudes na história social da Europa do século dezanove.

A mansão imponente mas sombria de tijolos vermelhos, com seu pórtico e suas cavalariças, as pilastres e a enorme janela postada sobre o pátio, tem seu lugar na ficção inglesa. Ali Thackeray desenvolveu uma das mais notáveis passagens de *Vanity Fair*: pois o seu Mar-

quês de Steyne é baseado no caráter do quarto Marquês de Hertford, criador da coleção Wallace. Sua viúva, Amelia, transmitiu em testamento a Casa para a Nação Britânica em 1837, e ali ela permaneceu, exatamente como a deixara o Marquês de Hertford, até 1939. E ali, após um intervalo de seis anos, ela está outra vez, aberta à visita pública, para satisfação de todos os apreciadores da arte.

Quem quer que tenha apreciado a coleção Wallace não pode negar que, Lord Hertford, mesmo se tendo em conta seus inúmeros erros (Thackeray certamente não lhe foi muito amável), possuía um excelente gosto artístico católico. Existe um pouco de tudo na coleção Wallace. Ao mesmo tempo, não existe nada demasiado e, graças à sua discriminação, todos os objetos são verdadeiras obras primas. Desde os vestuá-

marinhos, fruto do pioneiro impressionista britânico Parkes Estimation (1830-1822), quase toda a produção criadora e artística de Europa através de mais de cinco séculos está representada ali por um perfeito paradigma de seu gênero. E em lugar de estarem separadas em seções diferentes, as obras de arte estão entremeadas em cada sala, constituindo uma decoração integral. O visitante da coleção Wallace sente que está em uma particular, e não em uma galeria pública.

A coleção de armas e armaduras e uma exceção a este princípio. A armaria ocupa toda a parte trazeira do edifício principal, sendo menor do que a da Torre de Londres, mas devido ao fato de ser menos gigantesca ela é mais fácil de ser apreciada. As armaduras e os tréus de armas são geralmente coisas tediosas em massa, para todos que não sejam técnicos no assunto. Mas esta pequena armaria é suficientemente sintética e variada para deliciar o amador. Todos os famosos estilos da Europa medieval e da renascença estão ali representados. Eis aqui a armadura que o famoso Duque de Alva vestiu nas grandes ocasiões. Eis aqui também a panóplia na qual Mocenigo, Doge de Veneza do século 15, avançou para lutar contra os Turcos no épico sítio de Cyprus. Mas o mais notável objeto em toda a armaria é a armadura para cavaleiro e cavalo, feita por um mestre de Nuremberg, destinada a um cavaleiro do século quinze.

O total é reconstruído, um vívido grupo de batalha, um Durer volta à vida, a espada erguida no pulso vil. É a única amostra no gênero que o museu possui, mas é realmente perfeita.

Os salões restantes do andar inferior estão dedicados a vários produtos da Renascença, francesa e italiana: Pratos e vasos de Faenza de muitas cores e desenhos; pilares verdes suportando o leão de S. Marcos; esmaltes que conservaram o brilho através de quatrocentos anos. Mas devido ao fato de que estes objetos estão geralmente dispostos em caixas especiais, é justamente esta seção que mais sintetiza o caráter do museu e que, para os visitantes, parece a menos cheia de vida. Por esta razão, é provavelmente melhor apreciá-la no fim.

O encanto fundamental da coleção Wallace reside nos salões do andar térreo. Aqui os brocados creme e verdes forma um conjunto perfeito com os móveis e os quadros. O mobiliário, de maneira geral, é mais notável do que os próprios quadros porque, apesar de que estes tenham sido pintados por grandes mestres (Rembrandt, Velasquez, Ticiano, Murilo estão todos ali), poucos deles com exceção das escolas francesa e inglesa do século dezoito constituem seus melhores trabalhos. Mas as escrivaninhas e as secretárias, as cadeiras e as mesas trabalhadas, precisas combinações de madeiras preciosas e metais embuídos, porcelana e ouro e prata e couro, estas são verdadeiramente fabulosas, estranhamente belas. Estes objetos foram reunidos em uma época em que seu valor era apenas uma fração do valor atual, quando Lord Hertford antecipou o gosto das gerações futuras, e quando a Revolução Francesa e as Guerras Napoleônicas tinham recém entulhado os mercados da Europa com os mais esplêndidos tesouros do velho Regime.

Deliciosas miniaturas de muitas gerações, uma miniatura auto-retrato de Holbein, trabalhos representativos de Napoleão e da Imperatriz Josefina, dispostos em encaixes de brilhantes.

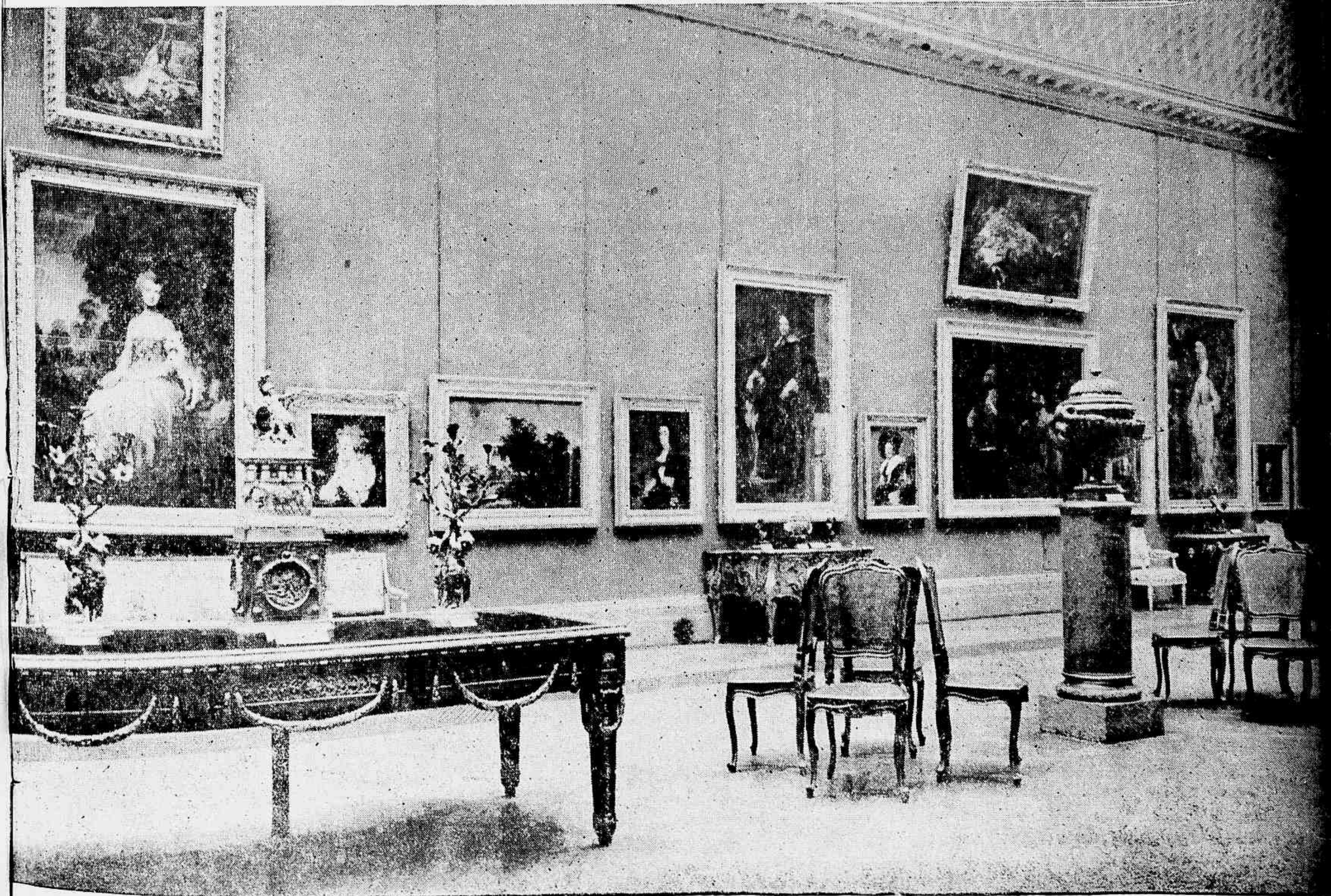
A coleção Wallace forma uma unidade perfeita e às vezes surpreendente. Verdadeira jóia digna da apreciação de todos, cigna da gratidão de todos.

Por GEORGE EDINGER

COLEÇÃO DE OBRAS DE ARTE



Em cima, vista da fachada de Hertford House, onde se encontra, em Londres, essa preciosa Coleção Wallace. Em baixo, uma das suas dependências, vendo-se da esquerda para a direita, telas de Thomas Gainsborough (1727-1788); Mrs. Robinson (Perdita); Sir Joshua Reynolds (1723-92); e outras obras-primas como "Lady With a Fan", "Laughing Cavalier" e "A Stormy Landscape", todas com vários séculos de existência. Todos os quadros, móveis, a porcelana, o ouro que constituem a coleção Wallace foram abrigados em lugar seguro quando as bombas começaram a cair em Londres, dos céus convulsionados. Mas nada se desperdiçou.



PISTOIA



A BANDEIRA BRASILEIRA HASTEADA EM FRENTE DO CEMITÉRIO DE PISTOIA.

A TE' ha pouco este nome — Pistoia — pertenceu inteiro à Itália setentrional.

Recentemente o nome de Pistoia passou à América do Sul inscrevendo-se sempiternamente na história do Brasil. Para este, antes, Pistoia, não tinha significação especial nenhuma, caindo a uma das inúmeras cidades registradas na geografia europeia.

A incorporação do nome italiano aos fatos brasileiros far-se-ia, fez-se, mas a que preço? 'A custa de heroísmo e morte, de sangue e lágrimas.

Sangue o derramariam soldados nossos sucumbindo ou se inutilizando para a vida em campos de batalha.

Lágrimas correriam dos olhos de quartos e m a perda dos seus entrariam uns no desamparo afetivo, outros no acrecimo de pobreza, no multiplicar de privações.

Pelejas cruentíssimas, ardis inferrais, terremotos de toda ordem, sacrifício em massa de inocentes, tripudios sobre a civilização, nada de horror faltou à recerta guerra ultra-demoníaca ateiada por alguns homens em dano de milhões e milhões de semelhantes, em seguimento revolução social de rascira sobre o mundo, tudo de oprobrio a um século.

Participou o Brasil da calamidade quasi universal, raro o porto de globo preservado dos flagelos da desorientação e da maldade em paroxismos.

Coube ao Brasil setar de luta e morte na Itália, esta desde rem t s da História dando triste espaço a guerras, a todas excedendo a tragedia de um sem numero de atos no teatro da Europa atual.

E' dada por firda a tragedia quando tudo induz no rec meçar do espetáculo, tantas as ambições, tantos os má s propósitos em torno de reunião política chamada quasi irnicamente Conferencia da Paz.

Na mesa dos deuses mitológicos, uma divindade malefica, por não convidada a nupcias, lançou o pomo da Discórdia.

Na mesa da Conferencia da Paz que de pomes de discórdia estão relando, quartos ainda pretes a relar.

Trasidas à Itália, para que muitas de suas uridades só tivessem viagem de ida, forças armadas brasileiras

portaram-se com bravura, não permitindo que se lhes puzesse em duvida o denodo.

Depois das calamidades ha de seguir-se sempre o cuidar dos vivos e o enterrar dos mortos, a providencia que, resoluta, Pombal trouxe após o terremoto de Lisboa.

Acudindo a seus vivos, o Brasil na Itália tratou de sepultar seus mortos, ali de todos em terra estranha.

Para os mortos da FEB em terra italiana, abriu-se necropole especial, em Pistoia, cidade em cujo proprio âmbito e ras suas circumvisiu harças, de de artigidade, capitulos de história se e creveram a tinta de sangue.

Em Pistoia, combatente de guerra civil, morrera Catilina, o conspirador marcado pelo ferro da eloquencia de Cicero.

Em Pistoia medieval degladiaram Guelphs e Ghiblins, tendo por sucessores as fações florentinas dos Negros e Brancos, incendiando e pilhando nos primeiros dias do século XIV, ou transição entre a idade medievla e a moderna.

Na política e nas artes, Pistoia sempre perdeu de Florença merecendo nome da Pequena Florença nessa Etruria tanto circundada pelo caminho que arda do Tibre como pela barreira imutavel dos Apeninos.

Sobre Pistoia, sobre a Pequena Florença, paira hoje uma grande saudade a do Brasil, de luto por filhos seus.

Em Pistoia existe um recanto sagrado, o cemiterio já de leito ultimo a tantos brasileiros que ra patria, pela ultima vez, viram sua familia, sua casa, tudo quanto lhes aquecia coração e receiava vida de assistencia e afeto.

O governo brasileiro, por seu ministro da Guerra, obteve em Pistoia abertura de cemiterio onde se reservasse lugar distinto para os despojos de brasileiros vítimas lutantes da guerra.

Que ao menos se lhes concedessem palmos de terra onde ficassem a parte, sem o horrivel e indistinto despejar de corpos em vála comum onde impossivel mais tarde qualquer reconhecimento, firda a obra da sepultura.

Tal não succedeu aos brasileiros tombados fóra de patria. Para eles, em Pistoia, abriu-se necropole na qual cada túmulo tem placa identificadora, sobre as cóvas erguida a Cruz sob cujo signo o Brasil amareceu.

Afinal cessou a guerra maior, a dos morticínios de todo dia para que se começasse a processar a contenda de rivalidades ideológicas, umas e outras ora ameaçando acabar com o que resta de humanidade à pressão de pavor.

Mas enfim o cemiterio de Pistoia deixou de receber

cadáveres, de ter sólo revelido por enxadas de coveiros improvisados.

Foi possivel estabelecer respeito a mortos, dar-lhes merecida atenção, impossivel de conceder-lhes entre rajadas de metralha ou alerta de todas as horas.

A necropole de Pistoia recebeu não só soldados das forças armadas do Brasil como os de soldados de reserva do exercito ou civis habilitados para a guerra pela obrigatoriedade do serviço militar.

Um exemplo, o do terente da reserva Ruy Lopes Ribeiro. Chamado às fileiras a elas acudiu com entusiasmo. Casado havia meses, acabando de constituir lar, Lopes Ribeiro não hesitou, impôs silencio a coração ao apelo do dever.

Morreu no campo de batalha, deixando nome marcado de heroísmo e um berço que não conheceria, uma filha a cujo lado ficaria não viuva a dar-lhes cuidados sufocando lágrimas para mais tarde lhe recordar o pai de eterna ausencia.

Chegou o dia da FEB regressar ao Brasil. Partiria, porém, da Itália não sem um adeus solene aos mortos jacentes em Pistoia.

Por determinação do general Dutra, ministro da Guerra, a força expedicionaria brasileira reunida em Pistoia despedir-se dos companheiros de armas, encheu-se o cemiterio onde repousavam.

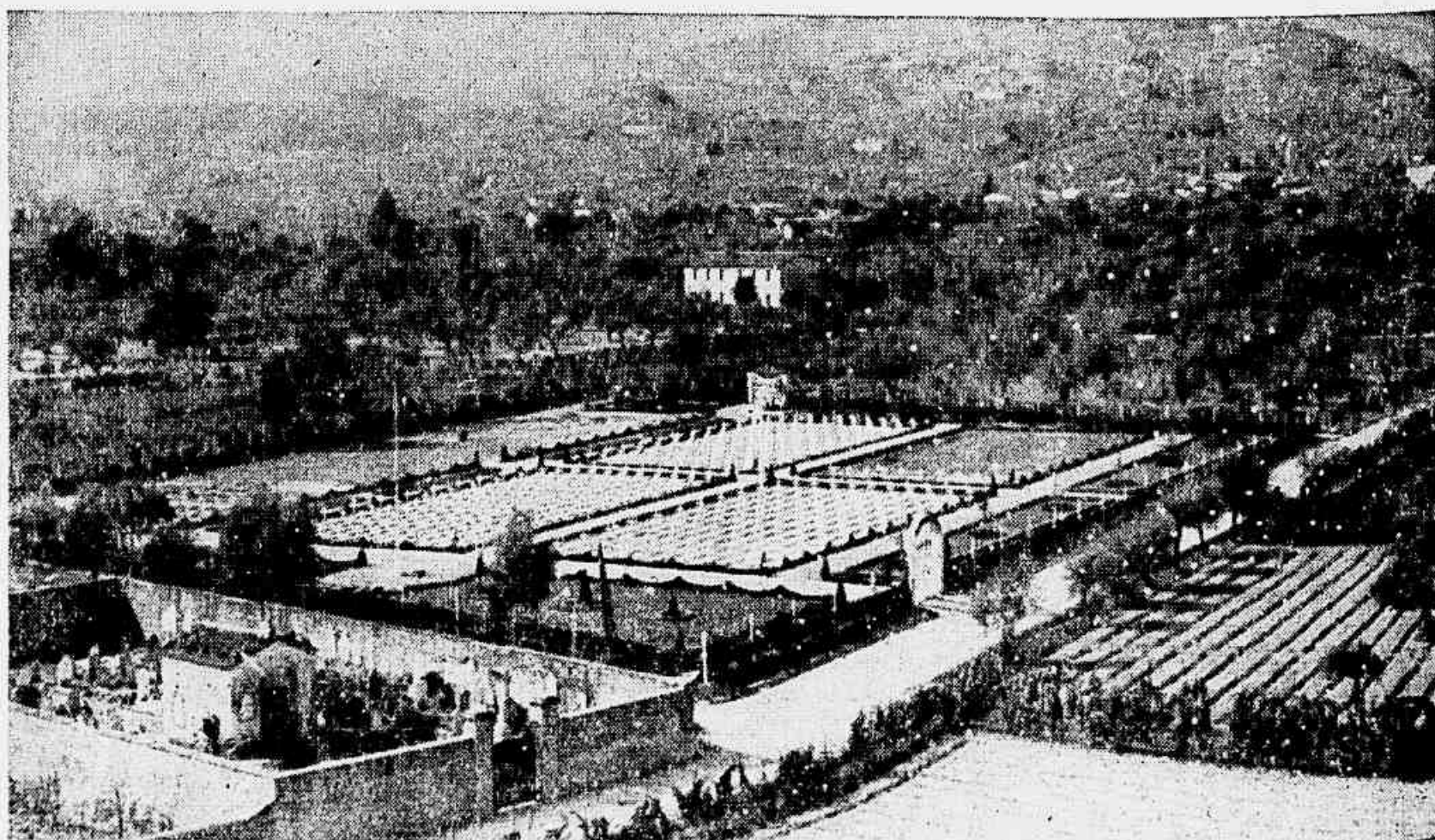
Tinha a FEB de dizer silente adeus aos que deixava atraz de si muitos e muitos que na hora dos combates nunca se tinham recusado ao ir adiante.

Despediu-se a FEB em massa e homenagem continuada. Ainda por determinação do ministro da Guerra, ficaria no cemiterio de Pistoia um grupo de soldados, quatorze, ao comando de um terente. Ao cabo de um ano a guarnição de piedosa vigilancia seria substituida por outro grupo de quatorze soldados e um comandante. Tudo isto, caso sem duvida, incumum na história das guerras nas quais tão frequente a vala promiscua.

Ainda mais. Dia a dia no cemiterio de Pistoia, por mãos brasileiras, é içada pela manhã e de içada á tarde a bandeira auri-verde. Aos caprichos do vento o pavilhão nacional pendre do mastro ou bem desdobrede trapéa nos ares, — guisa de proteção, enquanto os mortos de Pistoia aguardam repatriação e portanto encontro no sólo patrio acende os esperam os que os choram.

ESCRAGNOLLE DORIA

ASPÉCTO DO CEMITÉRIO DE PISTOIA



O QUE É PÓ VOLTA AO PÓ...

Conto de BERNA MORRIS



Ninguém os viu entrar no mausoléu... a velha de cabelos brancos e o homem ainda jovem e elegante... e ninguém jamais os verá sair...

HÁ longo tempo, a velha parecia morrer aos poucos — Roderick Jabez olha sua tia, minúscula, frágil, enrugada, debater-se entre a vida e a morte, enquanto suas dívidas cresciam. E a velha não morria... Parecia ter certo prazer em continuar assim, entre a vida e a morte, hoje pior, amanhã melhor...

— Você está tão calado, — disse a velha. — Os nossos hóspedes vão acabar ficando aborrecidos, Roderick...

Roderick sorriu e bebeu, de um sorvo o copo de vinho que tinha nas mãos.

— Desculpe, tia Lina. É que tenho uma idéia me parafusando a cabeça...

Riu por dentro. E continuou:

— Sim, minha querida tia. Lamento muito, porque terei de voltar ao meu escritório esta noite... Vou preparar um caso, que terei de apresentar em juízo amanhã...

— Oh, Roderick, — disse a velha, com mágoa. — Será que você não lembra de que noite é esta? Será?

Não. Roderick não havia se esquecido. Ele sabia muito bem que era a véspera de Finados e que a velha, como sempre, havia de querer ir ao cemitério, ver como estava o mausoléu da família.

— Oh, tia Lina! Veja só! É a véspera de Finados. Mas não faz mal... Nós iremos amanhã... Eu lhe prometo...

A velha mordeu os lábios. Não. Não era a mesma coisa. Ela queria tudo em ordem. As luzes acesas, as flores no seu lugar. O juiz e sua esposa, convidados do jantar daquela noite, — levantam-se para sair. Antes, porém, o grave magistrado declarou:

— Minha senhora, se Roderick não pode ir eu terei prazer em acompanhá-la... É perigoso sair assim sózinha, à noite... Há desordeiros e vagabundos...

Roderick fez um gesto de contrariedade, quase quebrando, entre os dedos crispados, a haste do cálice que tinha nas mãos. Era o diabo, a teimosia da velha. Era capaz de perturbar os seus planos. Mas, logo, serenou e sorriu, ao ouvi-la dizer:

— Não. Obrigada, juiz. Ficará mesmo para amanhã...

E, dando de ombros, juntou:

— E' assim mesmo... Os velhos costumes estão morrendo...

O juiz Tandars e a esposa levaram sua gentileza para com Roderick ao ponto de levá-lo de automovel à porta do edifício em que tinha o seu escritório. Seriam duas excelentes testemunhas, se fôsse necessário, mais tarde, chamá-los a depor... Subiu, abriu a porta, acendeu as luzes do escritório e, depois, desceu cautelosamente pela escada de serviço.

O cemitério estava envolto numa semi-obscuridade, naquela noite em que a lua começava a entrar no quarto minguante. Um perfume ativo de magnólias se espalhava no ar outonal. Roderick encaminhou-se para o velho tronco de carvalho, ao pé do qual se erguia o mausoléu da família. A distância, brilhava uma ou outra luz indecisa, ao pé dos túmulos mais ricos. Com o coração batendo apressadamente, Roderick começou a esperar. Não esperou muito. Logo, à distância, notou a figura minúscula e vacilante de uma mulher, que caminhava em direção ao mausoléu, como se estivesse atraída por um íman. Ele bem sabia que ela não poderia faltar! Como poderia uma criatura como aquela romper com uma tradição de dezenas de anos, religiosamente cumprida?

— Tia Lina, — disse ele, esforçando-se para falar com naturalidade.

— Oh, Roderick! — exclamou ela. — Você me assustou! Ele riu e depois ajuntou, em tom tranquilizador:

— Tia Lina, eu fui para o escritório, mas não pude trabalhar dominado como estava, pelo pressentimento de que a senhora acabaria vindo para aqui... Eu sabia que a senhora não dormiria sem primeiro ter se certificado de que tudo, no mausoléu, estava em ordem... Por isso, deixei o trabalho para depois e vim. Não quis que a senhora ficasse sózinha...

— Obrigada, Roderick. Não sabe como fico contente! E mais ainda, porque, — confesso, — eu estava ficando com medo... Está tão escuro...

— Nem tanto, minha tia...

— Você devia ter pedido a Cassey para vir também.

— Mas, minha tia, não era necessário. E os motoristas, também, têm o direito de ir jantar em casa...

— Ora, os motoristas! Têm hoje tantas regalias... via quem pudesse com ela. Era voluntariosa e achava que o mundo, inteiro, devia ser seu... Roderick sorriu. Nem Cassey, o motorista negro, nem ninguém mais, E' até melhor ser motorista que patrão, apostolava que o mundo, inteiro, devia ser seu... Roderick sorriu. Nem Cassey, o motorista negro, nem ninguém mais,

o vira entrar no cemitério. Somente uns dois ou três dias depois é que iriam se lembrar de procurar a velha no mausoléu. Ele próprio se incumbiria disso. E o seu alibi seria perfeito. Ninguém suspeitaria dele...

— Um dia, — continuava a velha a tagarelar, — caberá a você, Roderick, a tarefa que eu estou executando hoje... Ninguém deve dizer que os Jabez desprezam os seus antepassados...

— Claro, tia Lina... — respondeu Roderick. — A senhora tem a chave?

Ela vasculhou a bolsa e colocou na mão do sobrinho um pequeno pedaço de metal.

— Isso não é a chave, tia Lina. Essa deve ser a da porta lá de casa...

— Não... É' daqui mesmo, do mausoléu. Mandei mudar a fechadura na semana passada... Coloquei coisa aperfeiçoada... Por causa dos ladrões, que andam violando cadáveres, para tirar dentes de ouro... O juiz Tandars me disse... E vocês sabe: aí dentro há muito o que roubar...

Roderick abriu, primeiro, o portão de ferro em frente ao mausoléu, riscou depois um fósforo e procurou a fechadura. Ouviu-se um pequeno estalido e a enorme e massiva porta de metal se escancarou, sem fazer ruído. O ar bolorento do interior do mausoléu se escapou e feriu-lhe o olfato.

— E' bom esperarmos um pouco, porque aí dentro não há janelas, — disse Roderick.

— E teria graça! — comentou tia Lina. — Teria graça, um mausoléu com janelas!

Mas foi a própria tia Lina quem se mostrou impaciente.

— Chega, Roderick! Vamos entrar...

Entraram. Tia Lina, primeiro que tudo, ajoelhou-se e começou a rezar. Só depois de haver feito sua oração, foi que se ergueu e começou a acender as velas.

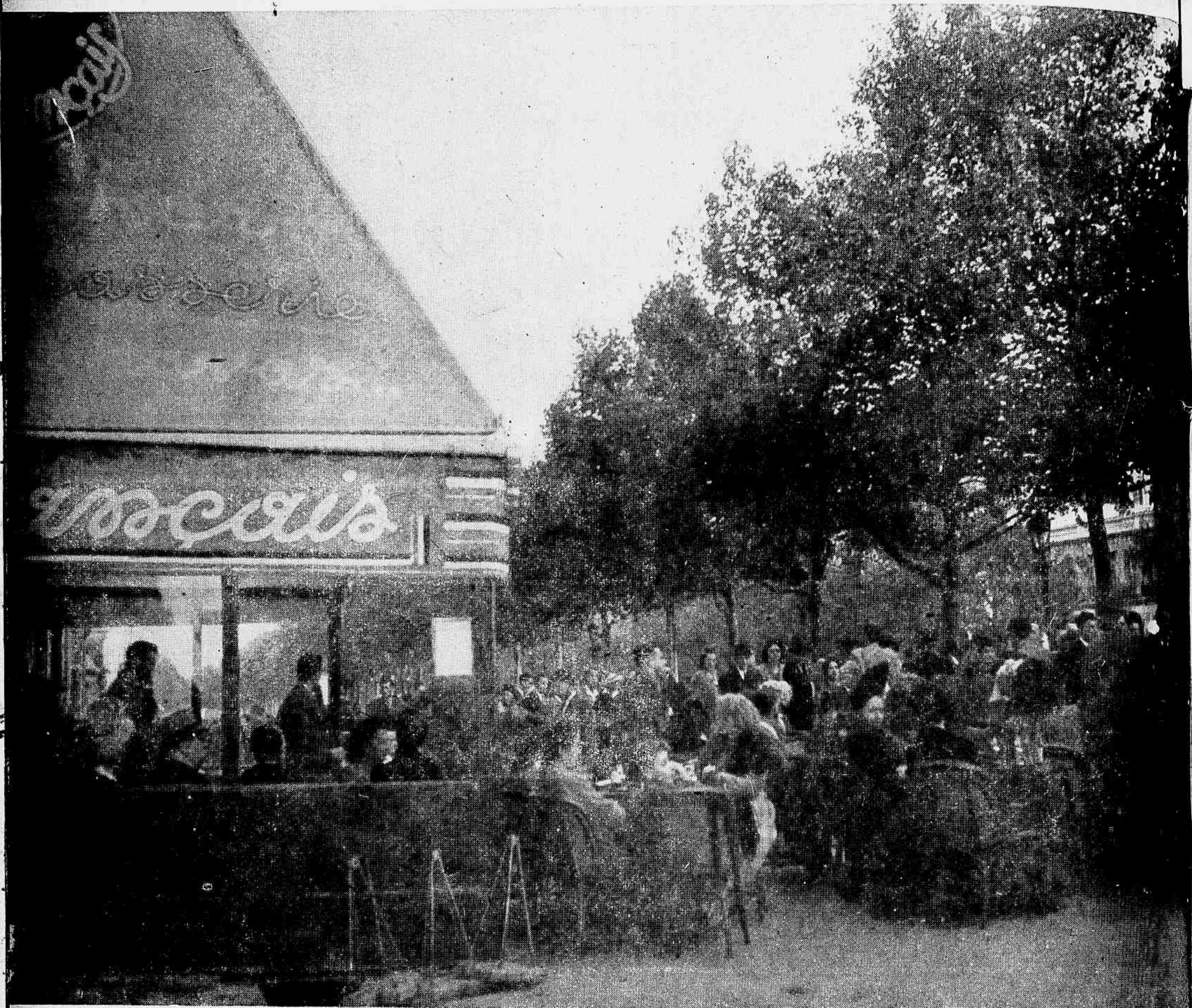
Roderick tocou-lhe no braço, mostrando-lhe o caixão de Maria Jabez, em madeira de lei com alças de metal pesado.

— Tia Lina, aquele caixão ali... Não é o da nossa parenta que foi enterrada com o colar de diamantes no pescoço?

— E' sim... Meu pai a viu, no seu caixão... Foi um crime, disse ele enterrarem jóias tão lindas... Mas as jóias eram dela, coisa de família, e ela sempre pedira aos parentes... "Quando morrer, quero o meu colar comigo". E seu desejo se cumpriu...

Roderick engoliu em seco.

(Continua na pág. 54)



Nos dias de sol, enchem-se os terraços dos cafés da Avenida dos Campos Elíseos. Ali se reúnem artistas de todos os gêneros, turistas ávidos de conhecer aos primeiros de perto, jornalistas que repousam da agitação das redações, e tudo é um convite amável à galanteria e ao bom humor. Paris volta ao seu "clima" de antes da guerra. As "terrasses" dos cafés nos Campos Elíseos apresentam de novo aquele aspecto fulgurante e tradicional. É Paris, aluminosa que volta...

Os Campos Elíseos, reflexo da vida parisiense

Por ANDRÉ BEUCLER

A O percorrermos a avenida dos Campos Elíseos, que agora nos apresenta, novamente, seu magnífico esplendor, sentimo-nos tomados, por alguns instantes, pelo entusiasmo e pela primavera. Os Campos Elíseos não têm mais que dois séculos e meio de existência. A região que, ao tempo do Imperador, não se achava ainda construída, chamava-se, então, avenida de Neuilly. Havia, aí, pequenos bosques, jardins e caminhos que conduziam às pequenas cidade de Chaillot, Passy, Auteuil e Boulogne. Neste local muitos heróis de Alfred Musset e Balzac, passavam em suas carruagens. Eugène Sue, achou o sítio digno de seus "Mistérios". E, durante cerca de 100 anos, os Campos Elíseos permaneceram cheios de vegetação de áreas silenciosas, sendo um local melancólico e poético que, aos domingos, ficava coalhado de passeantes. A rua do Coliseu, também chamada Gourdes, foi conhecida, por muito tempo, como uma das piores de Paris, e a atual Avenida Montaigne, denominou-se até 1930, Avenida das Viúvas. Durante trinta anos, realizaram-se duelos nos recantos desse "arrabalde" mal definido, que se elevava docemente até o promontório revestido de madeira, onde surge a porta de Paris,

do tempo do Império, com o arco de 272 degraus e de onde partem doze avenidas: é o grandioso Arco do Triunfo, que mereceu estas magníficas estrofas de Vitor Hugo:

"Entre tes quatre pieds toute la ville abonde
Comme une fourmière aux pieds d'un éléphant..."

Assim, o exilado de Guernesey, pressentia o destino comum do arco e do local. Podemos imaginar quais os versos finais dessa ode, se Vitor Hugo por uma daquelas visões geniais que costumava ter, pudesse adivinhar a inscrição gravada mais tarde nas abóbadas do monumento que tanto amava:

"Aqui jaz um soldado que morreu pela Pátria".

Imaginamos, ainda, as estrofas que lançaria aos céus, se tivesse vivido outras datas inscritas no monumento:

11 novembre 1920, inhumation du Poilu
24 mars 1930 nuit du maréchal Foch
25 août 1945, Libération de Paris.

Há cinquenta anos, abrem-se as janelas para apreciar as paradas militares ou as visitas de reis e heróis; mas a Vitória da Liberdade apagará eternamente, os traços dos inimigos.

Os Campos Elíseos constituem um romance dividido em duas partes: a primeira é um parque que liga a história ao monumento atual, o passado ao presente. Esta história e este passado ocupam a direita do longo jardim, quando se vai em direção à "Étoile". Com seus hotéis calmos e secretos, suas embaixadas, seus "clubes" e teatros, essa parte da avenida traz-nos à lembrança um passado de mazurkas, fiacres, preciosidades, cerimônias e elegâncias que não querem desaparecer ainda, pois há sempre um romancista, um compositor ou um dramaturgo renitente para lhes perpetuar as recordações. São tão numerosas que se torna difícil citá-las. Eis aqui o "Elisée", onde se hospedaram, desde 1718 as mais célebres personagens: o conde d'Evreux, madame Pompadour o conde de Marigny, o rei de França, o financista Beaujon, Napoleão 1º, Caroline Murat, o Tzar Alexandre, Wellington, o duque de Berry, Luís Napoleão, e enfim, os Presidentes da República.

Não se pode ficar indiferente a este encanto, realista e democrático, do clima parisiense; é um aspecto agradável para nossa sensibilidade, o contraste que oferecem tantos aparatos, protocolos e solenidades, misturadas a imagens poéticas bastantes íntimas: Marigny, Langer, o Palácio dos Espelhos, jogos de crianças procissões de cabras e cavalos e o Teatro de Guinoll!

Em pitoresco recanto do Sana, havia um palácio onde se realizava o famoso baile Mabille, cujo animador foi, nos seus mais fulgurantes tempos, Olivier Métra, um príncipe da valsa. Desses anos de fausto e facilidades, só nos resta neste local, o restaurante Ledoyen onde se viam frequentemente, Benjamin Constant, Caram d'Ache os mestres e os críticos, os grão-duques e os reis da Boêmia. Como certos restaurantes de hoje, foi ele um bastião que resistiu durante muito tempo.

"O drama de Paris", dizia Rainer Maria Rilke, "é que seria necessário estarmos ausentes de manhã à noite, para observar tudo..." Mas, a fantasia possui, também, seus vestígios históricos e talvez deixemos a gerações mais sérias, mais aplicadas e objetivas, este outro monumento da alegria de viver, que foram os "Ambassadeurs" onde, segundo rezam as crônicas, todos os refinamentos pareciam ter atingido um limite inconcebível.

Com sua desembocadura na coluna dos Inválidos, suas clareiras e bancos, esta parte da cidade é, também, um recanto para meditação, descanso e esquecimento... Sim, de esquecimento... Ali vemos uma figura, um velho à moda de Verlaine, que repousa em paz no seu mármore verde. É Clemenceau, cujo nome tão francês, os alemães puderam ler, durante quatro anos, na placa da estação, talvez um pouco apagado, mais vivo e tenaz na lembrança sobretudo depois da fusão dos nomes: Champs-Élysées-Clemenceau...

Na altura do "Rond-Point", a poucos metros do rio, começa a moderna Paris, que sobe alegremente sem fra-



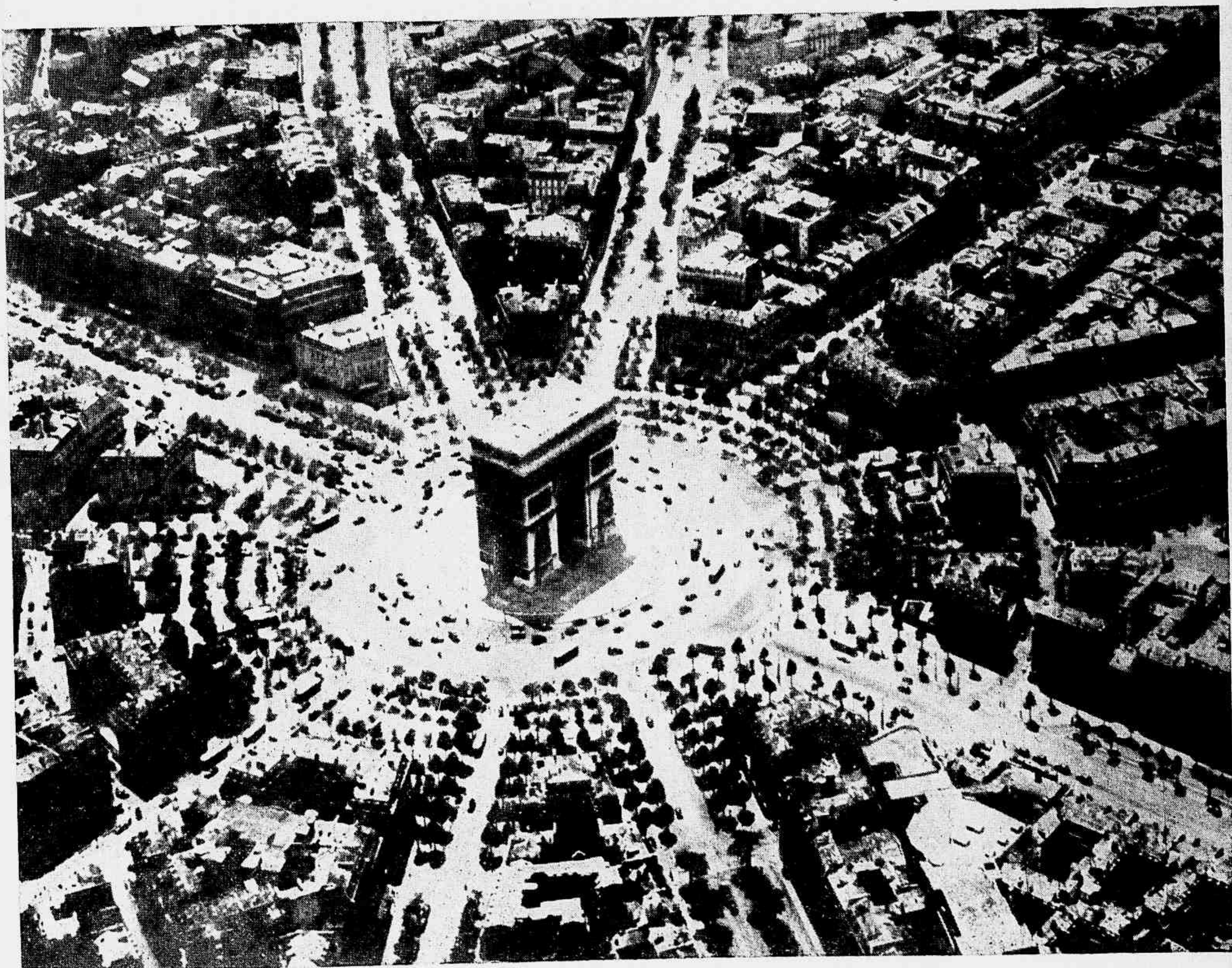
O "Petit Palais", na Avenida dos Campos Elíseos, outro flagrante tradicional da Cidade-Luz. Ali perto está o Sena pitoresco e histórico, falando-nos de tantos capítulos heróicos da França, e com o seu espírito garoto o parisiense já mandou para longe as tristezas da ocupação. Não há mais sombra de nazistas por esses lados!

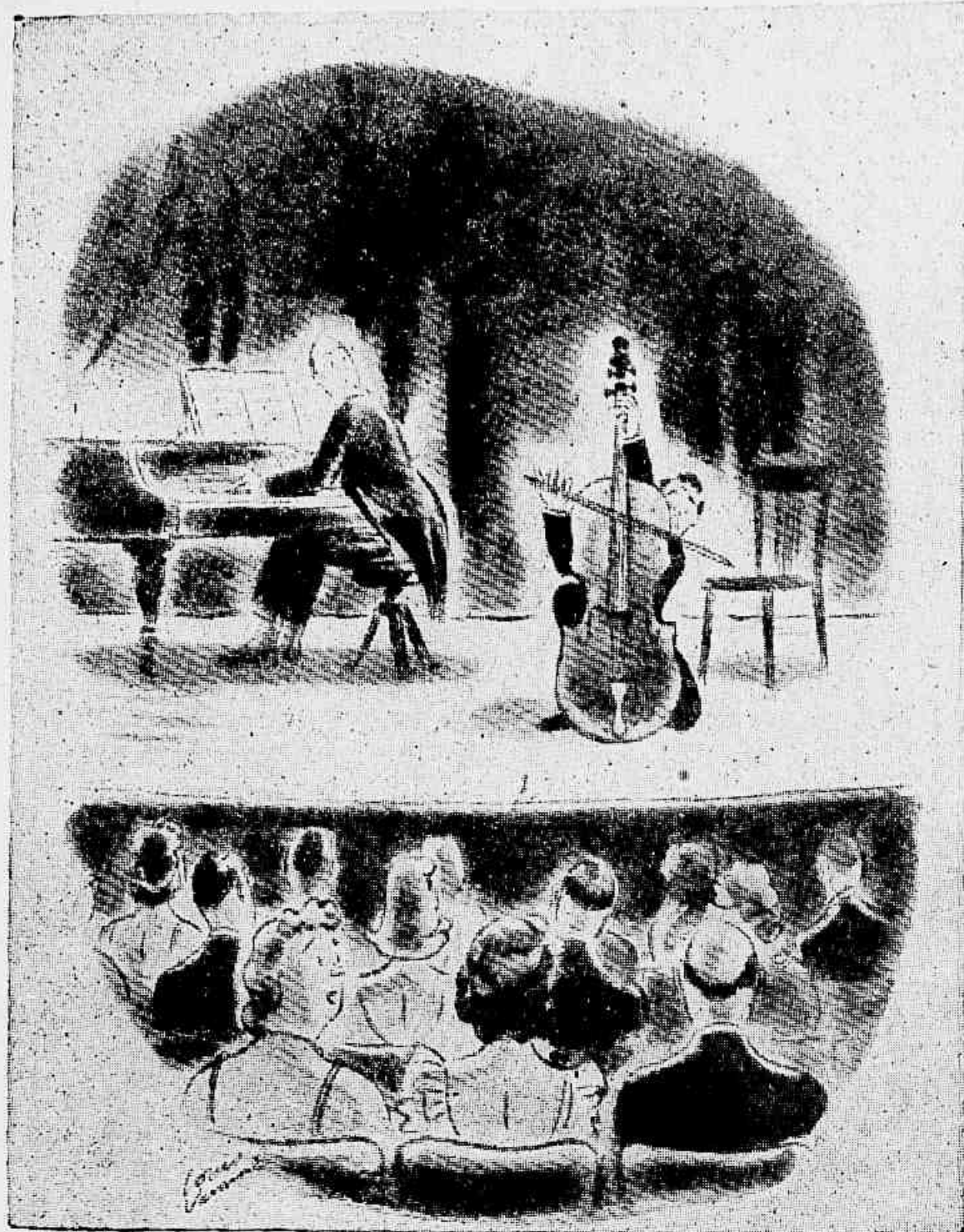
quezas, que até quase o topo da antiga colina Chaillot. A avenida é, atualmente o novo coração da cidade. Talvez não seja, ainda, a Paris exigida pelos sentimentos dos velhos passeadores ligados ao passado mas, e acompanhamento é exata, é a cabine de comando de um navio.

É a Europa e é o mundo. Aqui não temo necessi-

dade de voltar atrás, pois tudo que se pode esperar de uma cidade moderna — esportes, silhuetas femininas, jornais vitrines, uniformes, vibrações da indústria ardor de pensamento, veículos, engenhosidade comercial e, também, desassossego... — aí encontramos numa sinfonia visual, que nos torna otimistas, dispostos e ativos.

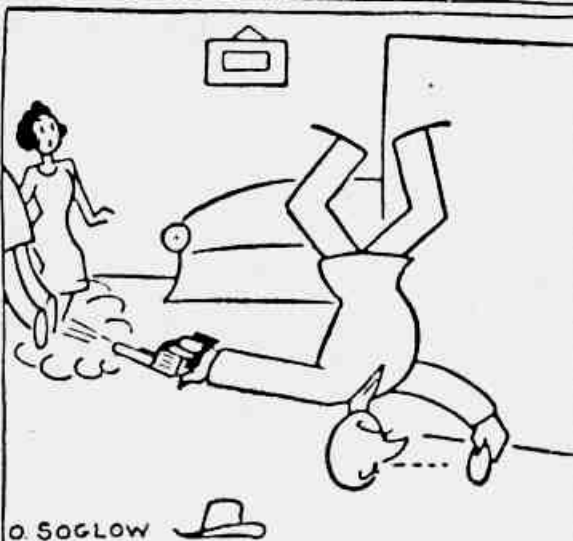
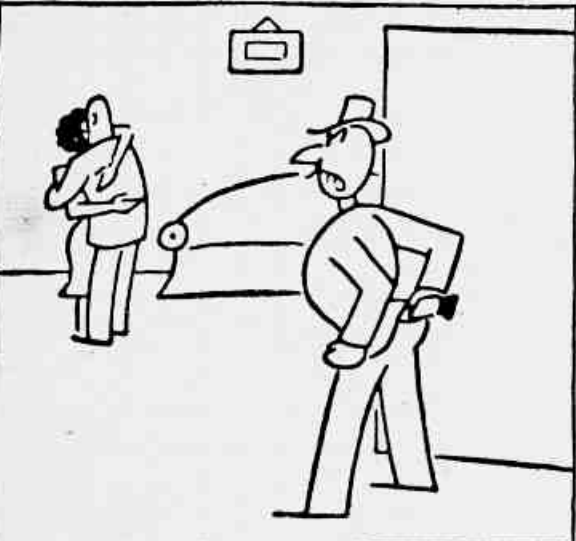
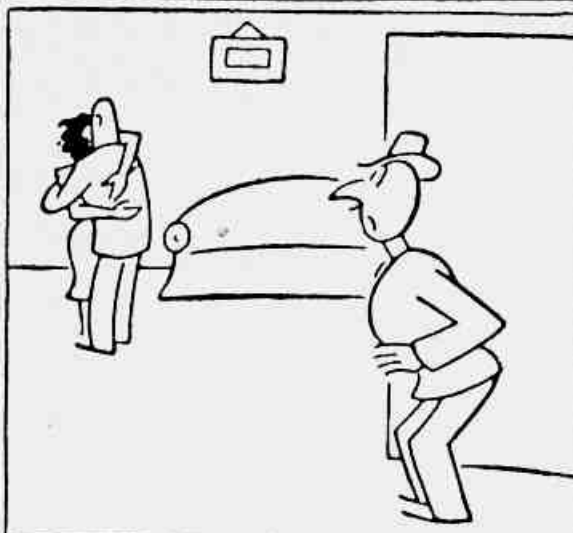
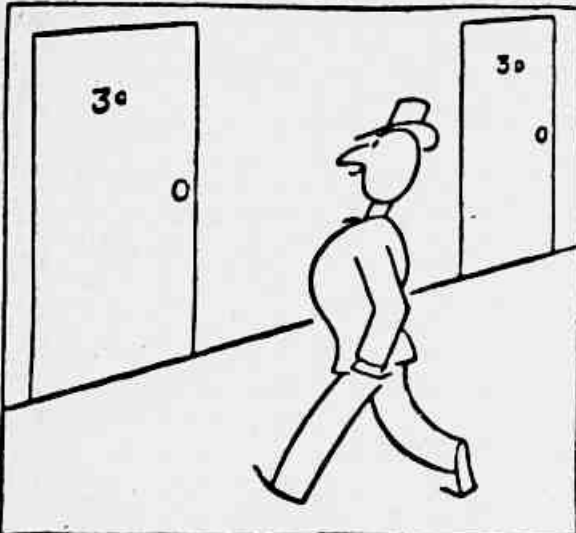
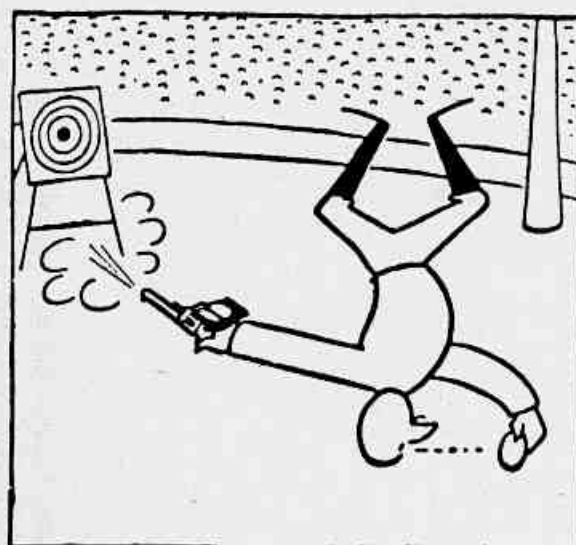
"Place de l'Etoile" em Paris e o Arco do Triunfo. Aqui está um pouco da Europa e muito do próprio mundo. Aqui não há necessidade de voltar atrás, pois tudo que se pode esperar de uma cidade histórica e moderna, se encontra, numa visual sinfonia que nos trona otimistas, dispostos e ativos. Os dias sombrios da guerra, vão longe, e o parisiense procura esquecê-los, vivendo estas horas de paz, que muitos julgam transitória, mas que devemos segurar com unhas e dentes...





— Já era tempo desse sujeito perder a vergonha e enfrentar o público!

DE BOM • HUMOR



O. SOGLOW



Miguel: — Esse negócio de des em des horas é conversa! Comigo é tudo de uma vez... Tchê!

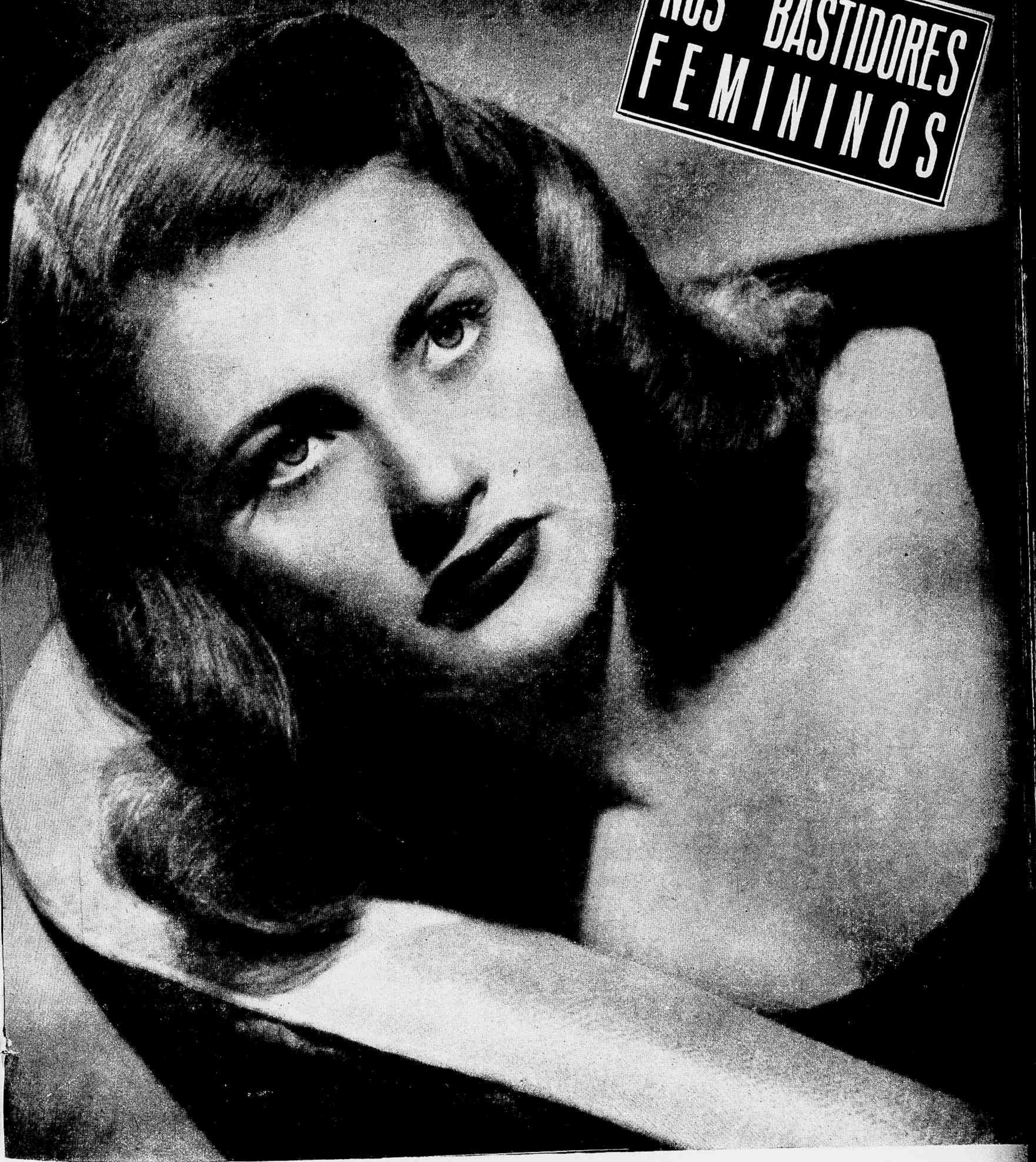


— Não é o que você está pensando, Larbosa! Isto são as cortinas da sala de jantar...



levo você para casa agora mesmo! — Não, do contrário...

NOS BASTIDORES FEMININOS



(NANCY GUILD — Fox)

Trace o seu programa de beleza

TODA a mulher tem o direito de ser encantadora. Mas, para chegar a possuir esse direito, é preciso trabalhar muito. Antes de mais nada, é necessário um "self-control" acima de toda a prova. Porque a luta não será tão fácil, e, justamente por isso, faz-se mister uma grande força de vontade capaz de transpor quaisquer barreiras.

Em segundo lugar, tenha em mente o seguinte: mulher alguma poderá ser mais encantadora do que vo-

cê, desde que, é claro, já se tenha munido da indispensável força de vontade.

Agora, faça um exame honesto da sua pessoa; veja o que tem de bom e de mal. O que tem de bom deve ser cultivado e o de mal deve ser transformado. A sua sinceridade é também imprescindível.

Faça um pequeno questionário (ninguém precisa vê-lo), e responda-o o mais honestamente possível.

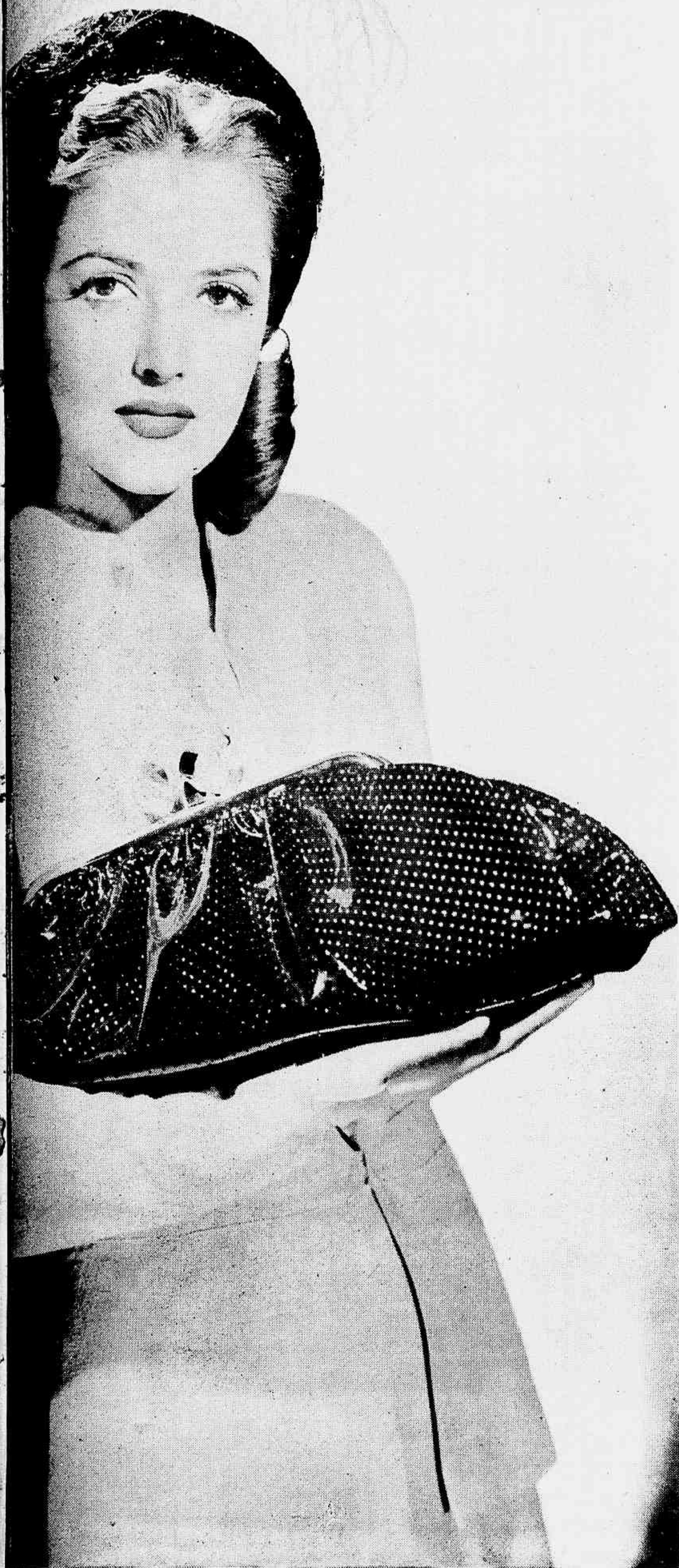
Você tem boas maneiras? Boa pele? Boa "pôse"? É amável? Tolerante? Sabe ouvir sem impaciência? Já estudou bem o seu tipo? Veste-se de acordo com ele? Tem alguma cultura? O seu "make-up" é perfeito? Seus cabelos são sedosos e brilhantes? Suas mãos estão sempre

bem tratadas? Tem o necessário cuidado com o seu corpo? Faz ginástica?

Sim?... Nesse caso só me resta cumprimentá-la e fazer votos para que não "relaxe" nunca.

Mas se pelo contrário existir aqui algum ou alguns pontos nos quais tenha fracassado, então, comece agora mesmo a lutar, com ardor e sem descanso e, dentro de poucos meses torne a fazer as mesmas perguntas, e as respostas de então serão a melhor recompensa de todo o seu sacrifício atual. Aí então você poderá se considerar uma mulher encantadora, uma mulher agradável, com personalidade, da qual os outros se aproximam com real prazer.

KITTY



Bolsa de verniz preto com "pois" brancos. Fecho de vidro. Martha Vickers, da Warner Bros. usa-a com um "tailleur" de 15. cinza.

BOLSAS MODERNAS

Um capítulo importante referente à elegância feminina, é sem dúvida o da bolsa. Ela é o complemento de qualquer "outfit", variando de tamanho e formato de de acordo com o traje, hora, etc.. Aqui apresentamos três sugestões de Hollywood:

Ainda Pat White, da Warner Bros., exibindo outra carteira. É retangular e bastante grande. Cinto com original fivela na parte superior.



Grande carteira de couro Havana com quadrados de galalite. É a bonita Pat White quem a sugere, usando-a com um "tailleur" bege, "echarpe" e chapéu marrom.



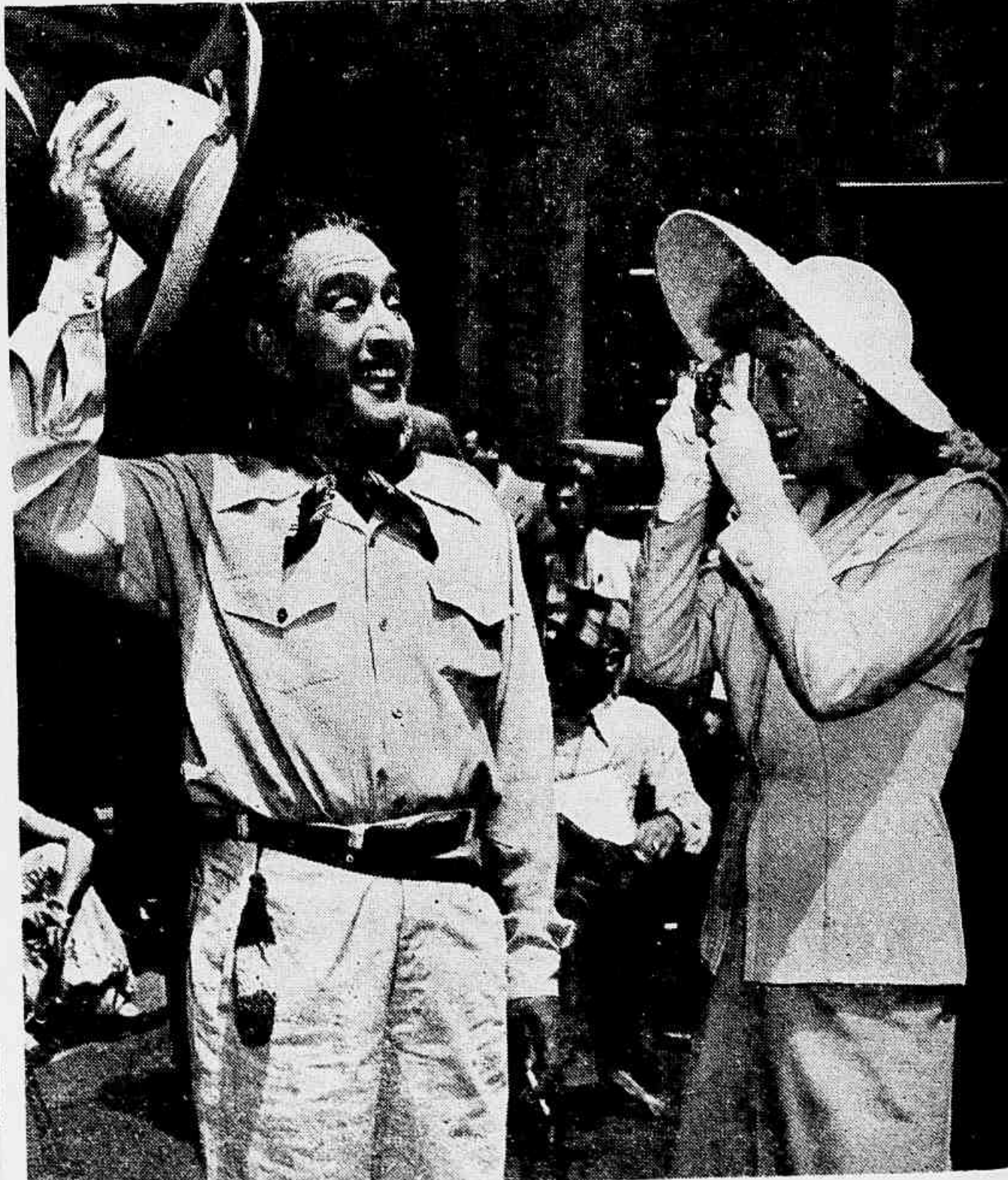


HOLLYWOOD, 10/10 (Via aérea, por Luis Serrano). — Esta será a minha derradeira correspondência enviada para os leitores brasileiros antes da viagem que devo empreender ao Rio de Janeiro de breves dias. Depois de alguns anos de contacto assíduo com a gente da tela, sinto necessidade de rever o Brasil, de matar saudades dos velhos amigos, da família, e de vocês todos. Mas a minha ausência de Hollywood será curíssima, pois aqui estarei em poucas semanas. Levo consigo impressões mais detalhadas, as quais com vagoar transmitirei aos nossos leitores. E ainda quando não me seja possível ser portador, pessoalmente das incumbências recebidas desta gente amiga, os artistas, os diretores, os "camera-man", os publicistas, os colegas de jornais e revistas norte-americanas, os correspondentes de outros países, sinto que as-

Dorothy Mc Guire é a "estrela" feia que adquire encantos de requintada espiritualidade quando nos aparece na tela. Nós todos a admiramos ainda recentemente em "Silêncio nas Trevas", e não temos dúvidas em afirmar que se trata de uma organização dramática das mais complexas no moderno cinema norte-americano. Aqui a vemos examinando em companhia do galã Bill Williams, os "croquis" para as roupas que ambos devem usar em "Till the End of Times", rodado na RKO. Haverá também a participação de Robert Mitchum nesse filme, dirigido por Edward Dmytryk.

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Linda Darnell (à esquerda), vive um personagem sofrido e romântico em "My darling Clementine", da Fox. Ela aí está preparando-se para um trabalhoso "make-up" que deve consumir algumas horas de filmagem... À direita, J. Carrol Naish esboça o seu mais sedutor sorriso num intervalo da filmagem de "Carnival in Costa Rica", da Fox, para ser fixado na "camera" portátil de Celeste Holm. As artistas de cinema têm também o seu álbum de instantâneos animados, guardando na película, flagrantes posados nos estúdios, como se vê no "clichê" abaixo.





SCHOOL DAYS, SCHOOL DAYS,
OLD GOLD-EN RULE DAYS



rei o intérprete das homenagens por todos endereçadas ao Brasil e aos brasileiros.

★

Poucos dias depois do meu embarque, devem seguir Tyrone Power e Cesar Romero. A princípio admitia-se também a viagem de Annabella, e ainda a de um irmão de Romero, mas posso garantir que isso não acontecerá. Tyrone e Cesar Romero levarão consigo alguns companheiros dos estúdios da 20th Century-Fox, e o "manager" de ambos. Devem ausentar-se por espaço de oito a dez semanas, excursionando pelas três Américas. De Hollywood seguirão para o México, daí ao Panamá, com destino ao Perú e ao Chile. Atravessando os Andes, o avião "Saludos amigos" continuará viagem para a Argentina. Quer dizer que se não falharem os cálculos, só em setembro eles passarão pelo Rio. Digo — passarão — porque não vão ter tempo para longa permanência.

Talvez nem sequer dois dias sejam passados no Rio, pois o itinerário é longo e o tempo muito pouco para vencê-lo. Tudo depende do tempo favorecer.

Tyrone está radiante em poder matar as saudades do Brasil, e vocês, aí do Rio, facilmente compreenderão porquê. Foi no Rio que Tyrone e sua atual esposa se encontraram. Bem. Mas o resto é do conhecimento geral, principalmente no Brasil, onde as coisas aconteceram.

★

A propósito do nosso Brasil: Carmen Miranda está radiante, com a casa cheia, essa linda residência que ela possui em Beverly Hills. De volta a mãe da "estrêla" desta vez em companhia de Dona Cecília, outra irmã de Carmen e Aurora, e ainda de sua pequena filhinha, quase está reunida toda a família Miranda.

— Por minha vontade teriam vindo todos, mesmo por pouco tempo — disse-nos Carmen, numa daquelas suas explosões de contentamento tão frequentes. Ela está feliz com a sobrinha, que se tornou em poucos dias, a "mascote" dos círculos cinematográficos.

— Desde que não me era possível ir ao Brasil tão depressa quanto contava — adiantou Carmen — fiz vir a mim, parte da família... Isso não impede que os meus projetos sigam seu curso natural, para de um momento para outro, dar um salto ao Rio.

★

Em Hollywood segue o rume-rume de todos os dias. Artistas que chegam, que partem, que filmam, que se

Outra novela de Somerset Maugham, "The Razor's Edge", vem de ser filmada, a Baxter na protagonista (foto ao alto, à esquerda). — Aqui à esquerda, Tiny Timmy, a protagonista — mas positivamente ingênua — ao papagaio inteligente que aparece no "técnica Rica", e à direita, é a bailarina Vera-Ellen quem brinca com um macaquinho e os olhos... Hollywood aproveita com frequência esse: bônus. E cada estúdio para todas as emergências

preparam para as jornadas em conclusão, e os simples projetos

Os acontecimentos universalmente conhecidos no mundo do cinema norteamericano, das bombas de muitos filmes e da estúdio — Universal, Warner, etc. — se somam em seus filmes mais produções de filmes nas que

Por sua vez, Walter Disney economiza. Dispõe-se de uma cinquentena de auxiliares, e os juízos que tem, não podiam despesas. Na hora, segundo produção de filmes nas que

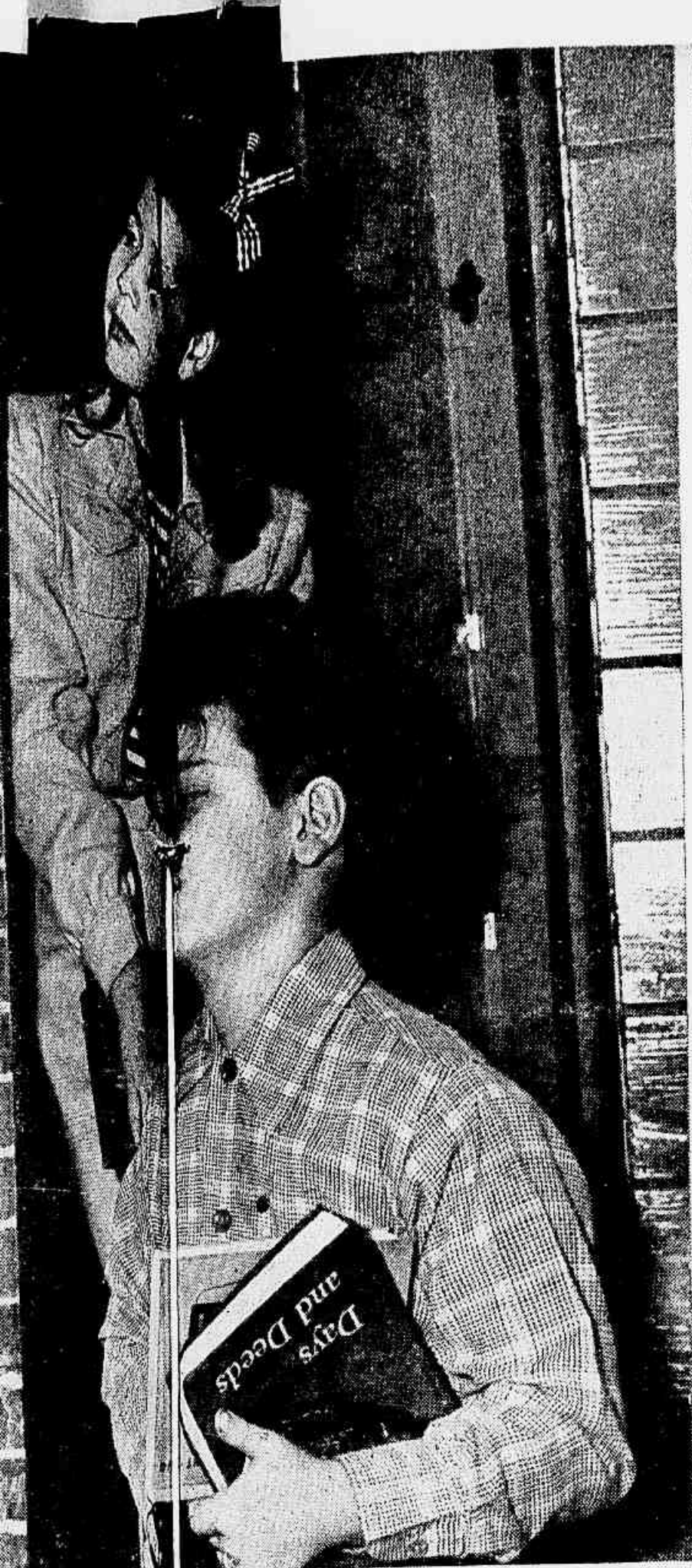
O desastre filmado de grandes complicações — decidiram os exibidores, e um aluguel simples com pontos de produção, ao muito demora, evitaram uma despesa fabulosa. O estúdio pode entrar mesmo

Eis porque Disney vai, a metragem, mas de apenas pte preenchida, as "tomadas" típicas os artistas de verdade, color, é certo, essa expectativa. E todos nós desejamos bastante para nos dar maior lucros filmes. Ainda insubstituíveis.

★

Quando se fala de artistas, vive Tyrone e Cesar Romero palavras que ouvimos de R. restaurante da Paramount:

— Muito lamentei não o Rio agora, como projetava. "End" (Farrapo Humano) idêsses presença, mas não consegui veio Tyrone e Romero, a que facilidade, pôr em prática o projeto... E de minha parte, ao balhando sem descanso. Mas Diga aos brasileiros que os v no princípio do vindouro...



preparam para as jornadas... Filmes em preparo, em conclusão, e simples projeto...

Os acontecimentos universais estão inflando poderosamente no mundo do cinema norte-americano. As experiências decisivas da bomba atômica, hão de originar muitos filmes e o estúdio — Metro, Paramount, Fox, Universal, Warner, etc. — se preparam para focalizar em seus filmes mais próximos, o assunto "atômica".

Por sua vez, Walter Disney entra em regime de economia. Depois de uma assentada, quatrocentos e cinquenta de seus auxiliares, pois considerando os prejuízos que temido, não podia suportar esse nível de despesas. Valgore, segundo nos diz, intensificar a produção de películas nas quais entrem também artistas de carne e osso.

O desastre filmado de curta metragem não dá grandes consequências — declarou Walt Disney — pois os exibidores pagam alugueis relativos, considerando os simples pagamentos de programas. E os de longa metragem, são muito demorados. Quando concluídos, exigiram uma despesa fabulosa, como nenhum grande estúdio pode suportar mesmo para realizar seus espetáculos mais arrojados.

Eis porque Disney vai, agora, apressar os "longa-metragens", limitando apenas parte em desenho, e parte preenchida com as "tomadas" ao natural, onde participam os artistas de verdade. Com o auxílio do technicolor, é certo que essa experiência será melhor sucedida. E todos nós desejamos que Walter Disney ganhe bastante para nos dar maior número de seus maravilhosos filmes. Ainda insubstituíveis, podemos acrescentar.

★

Quando se fala de artistas que vão ao Brasil, inclusive Tyrone e Cesar Romero é oportuno reproduzir as palavras que ouvimos de Ray Milland, ante-ontem, no restaurante da Paramount:

— Muito lamentei não me ser possível conhecer o Rio agora, como projetava. Desejaria que "Lost Weekend" (Farrapo Humano) fosse lá estreado com a minha presença, mas não consegui realizar esse sonho. Invejo Tyrone e Romero, a quem se permite com tanta facilidade, pôr em prática o que era também meu projeto... E de minha parte, aqui fico. Trabalhando sem descanso. Mas sem perder a esperança: Digam aos brasileiros que os visitarei, ainda este ano ou no princípio do vindouro...

Edge", vem de ser filmada, agora pela Fox, com Anne. Aqui à esquerda, Tiny Tommy Ivo ensina alguma anelíngente que aparece no technicolor "Carnival in Cos-tem brinca com um macaquinho amestrado, que também a importante, que não dispensa a bengala, o cachimbo e esse bicho. E cada estúdio possui o seu pequeno "zoo" as emergências

Há uma escola em cada grande estúdio de Hollywood, frequentada pelos artistas adolescentes aos quais não sobra tempo para cursar outros colégios. A esquerda, Connie Marshall e Dean Stockwell, quando filmavam "Home Sweet Homicide", tinham sempre duas horas por dia para seus deveres de escola. — A direita, novamente Connie Marshall satisfeita com o presente que acaba de lhe fazer o veterano Randolph Scott: um bonito cachorro. Crianças e bichos são objeto de grande fascinação nos EE. UU., e ainda mais no cinema. A melhor lembrança que se pode dar a um pequeno artista, é um cachorro ou um gato, e foi pensando assim também que Randolph Scott deu essa lembrança a Conni.



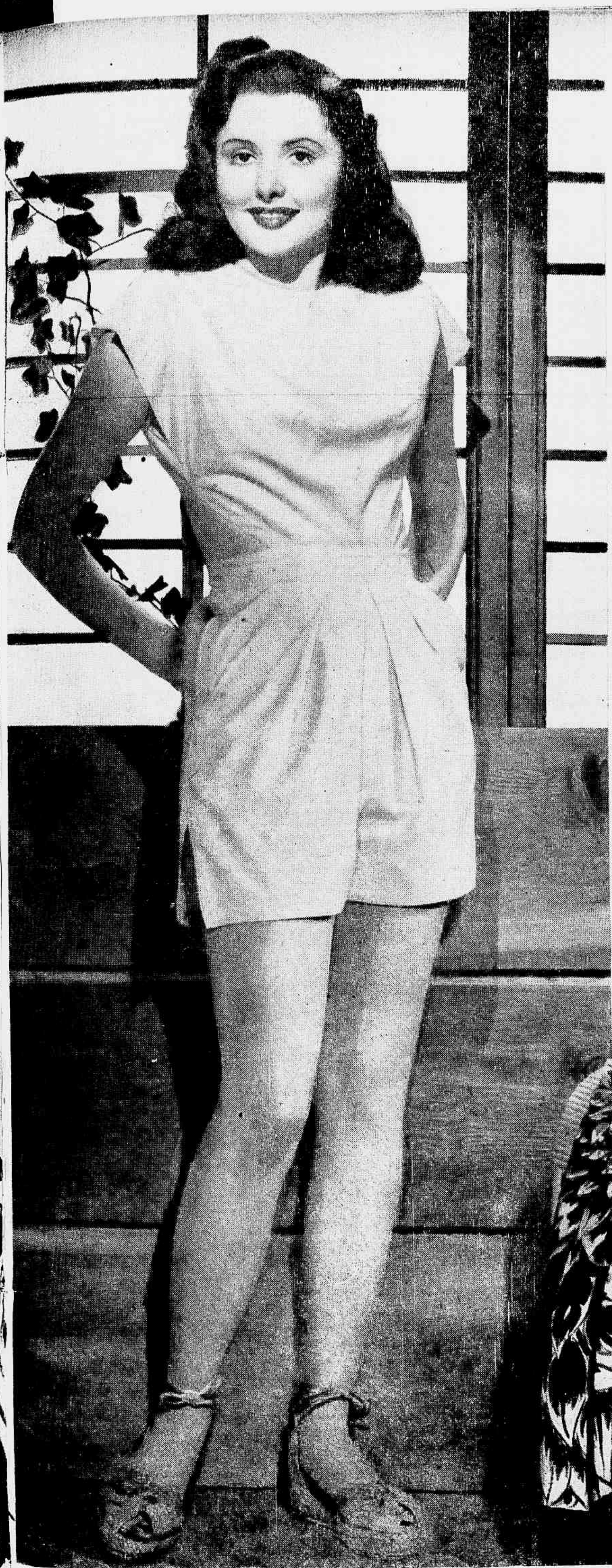
com quadradinhos estampados, é colocado da
 mais original maneira ainda de "écharpe".
 Questão de Gail Russell, da Paramount. "Re-
 la" para a praia em algodão branco estam-
 pada com cores vivas com motivos tropicais.
 Modelo de Andréa King, da Warner Bros. Na
 página da lida: Pamela White apresenta aqui
 um novo modelo de "short" que naturalmen-
 te fará sucesso na próxima estação. E" em
 "shantung" branco com mangas japonesas e
 original decote atrás. A calça é ligeiramente
 drapada.

Com o mesmo "short" a linda Pat usa uma
 saia de jersey estampado com barra em tom
 vivo. Sandália de sola.



... dias começam a esquentar, as primeiras
 brisas caribenhas serão recebendo a visita
 primeiros turistas, e apesar das fôr-
 as de nós todos, com a falta de ge-
 almentícios ainda sobre tempo para um
 no Pêso Dois. Aqui estão, por isso,
 deslumbrantes figurinas que as nes-
 zadoras poderão usar — e usarão na
 — de agora até fevereiro ou março.
 O Inverno está se despedindo. Sua
 ade o Verão... seja bem-vindo!

... de jersey marrom. A blusa tem
 só manga. Um laço de seda marrom



JÁ SE PODE IR À PRAIA...



Conto de
G. MAIA FILHO
Classificado no concurso da "Revista"

Ilustração de
ORLANDO MATTOS

Alvaro conseguiu, então, o seu primeiro emprego. Conseguiu-o assim como um trem velho e cardíaco chega à estação: porque tem que chegar, no final das contas.

Há anos que os expedientes eram a sua única fonte de renda, daquela vizinha atoa, vida de traço-de-união, lisa como um corredor de escada, sem sobressaltos, sem alucinadas quedas ou maravilhosas fuças. Vida plana, estreita, dessas que terminam, sem comentários, quando se lhes põe por cima o título: "Morreram hoje..."

Conseguiu, finalmente, uma interinidade no Ministério do Trabalho. O seu primeiro emprego: mil novecentos e cinqüenta cruzeiros!

Alvaro teve, nesse dia, pela primeira vez, uma sensação forte que escapava ao quadro pacato de sua vida, tornando-o quase digno. Algo, dentro dele vibrava com uma intensidade nunca sentida. Alguma coisa humana e terrível apertava-lhe a garganta, fazendo-o sentir-se, também ele, dono daquela centelha divina, daquele fogo santo que habita a natureza humana.

Sentiu-se, realmente, feito à imagem e semelhança de Deus. Descobriu, lá no fundo do seu quieto eu, a mesma faísca dos heróis, dos mártires e dos santos; aquela força viva e humana que torna o homem capaz de maravilhosas loucuras, de quedas irremediáveis ou de vitórias esplêndidas.

É verdade que era uma faiscuzinha modesta, que não seria capaz de convertê-lo num poeta ou de levá-lo às doutrinas loucuras de um gênio. Entretanto, era foi suficiente para dar-lhe uma alegria tão grande que ele quase chorou. Essa alegria foi o Sentimento de sua vida até aquele instante. Ele sentiu-se assim como um pequenino deus.

Mil novecentos e cinqüenta cruzeiros eram mais do que uma simples faísca, na sua vida de expedientes e de humildes biscates; era um verdadeiro relâmpago, uma descarga elétrica potentíssima.

Alvaro imaginou-se (até isso ele começou a fazer) pagando as passagens dos bondes e discutindo, com um interesse todo pessoal, a nova tabela dos taxis. Ele, Alvaro, seria (isso também podia acontecer-lhe agora) alvo para as "mordeduras" dos amigos e poderia dar esmolas, com um jeito de quem não prestou atenção à quantia que deu.

Dez dias após a sua nomeação, editada no diário oficial, com o seu nome interinho, Alvaro tomou posse.

Enviam-no à seção de fiscalização: ele ia ser inspetor.

Foi recebido como se recebe qualquer um. Alguns olhares compridos, jogados lá de longe, olhares aborrecidos e sem interesse. Depois vieram as apresentações:

— Aqui o senhor... — uma pausa para ler no ofício, o nome do novo funcionário — ... Alvaro da Costa, nosso futuro colega e aqui o sr., a sra., a srta. fulano de tal.

Logo após como se houvesse terminado a recimônia, largaram-no sozinho com a mesa, que lhe fora indicada.

Alvaro olhou e olhou a sala, os móveis, a própria mesa, meio abatido.

Lá ficou ele até as cinco horas, sem fazer nada, desajeitado e quase inquieto, como um intruso. Sem jeito, cheio de gentilezas exageradas com os colegas, foi o último, nesse dia a assinar o ponto.

Lá fora, a euforia voltou-lhe. Sentiu novamente aquela alegria intensa, que o transfigurava e os seus mil novecentos e cinqüenta cruzeiros voltaram a assumir enorme e fantástico sentido.

No fim de um misterioso processo de aprendizado e de espera, recebeu, dias mais tarde, a sua primeira incumbência: fiscalizar um leilão em Copacabana.

Ele olhou o anúncio:

Hoje

Hoje

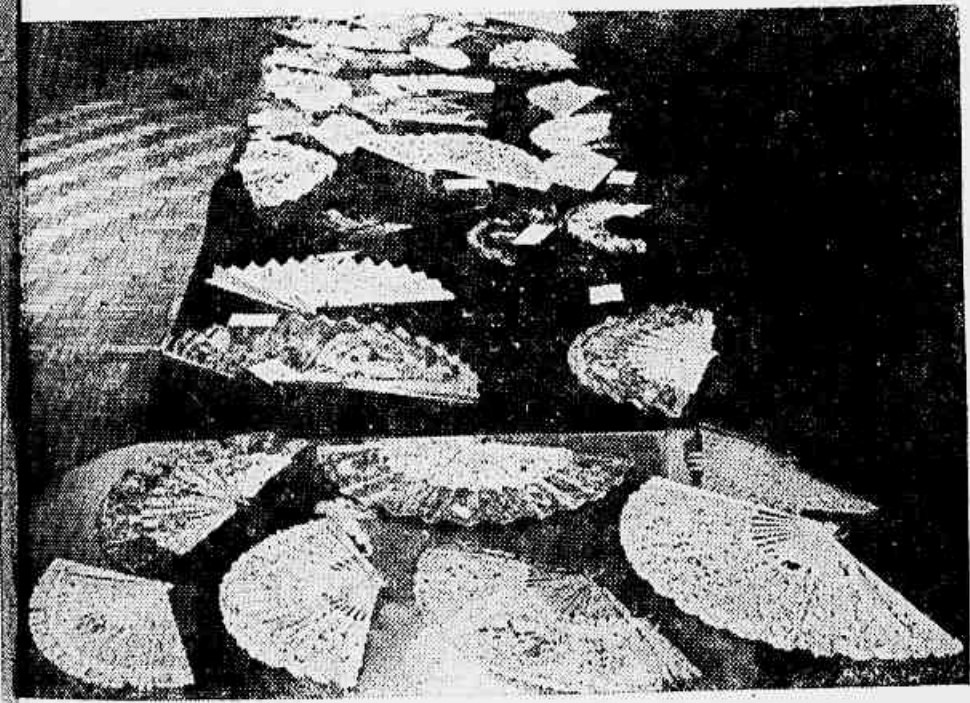
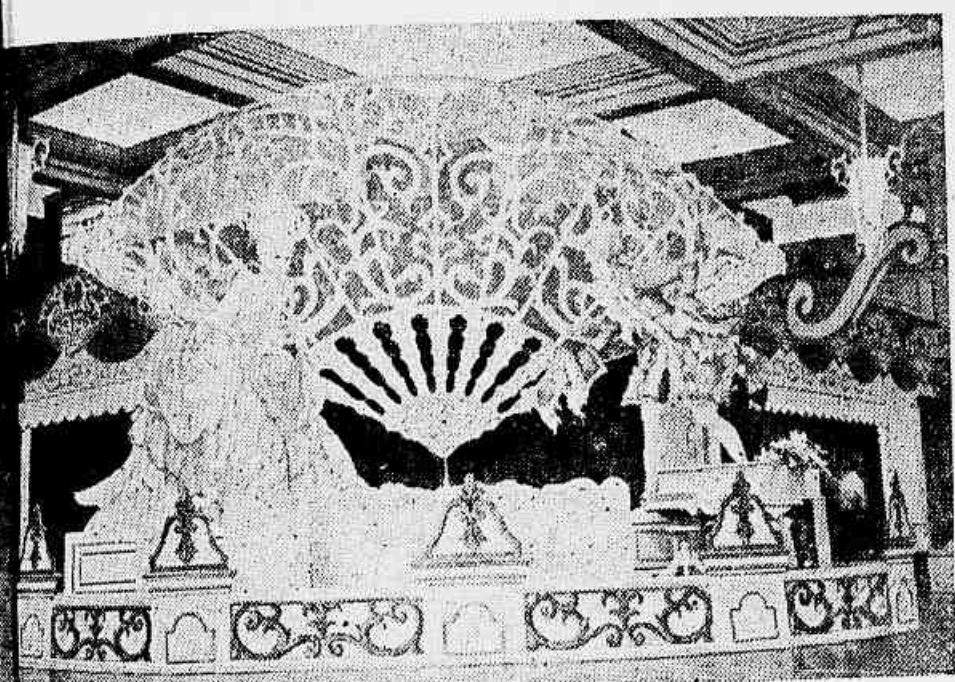
Verdadeiro Templo de Arte

Maravilhosos Saxos. Indescritíveis Sèvres. Mobílias riquíssimas, com atestados de antiguidade. Adornos e inestimáveis objetos de marfim.

(Continua na pág. 56)



A esquerda : uma graciosa bailarina que tomou parte no programa de Bailados. A direita : grupo de Diretores do Clube e pessoas de elevada representação social, dentre as quais destacamos os Snrs. Embaixador do Canadá e representante do embaixador de Portugal.



O BAILE DO LEQUE NO CLUB GINASTICO PORTUGUÊS

A Diretoria do simpático grêmio da Avenida Graça Aranha promoveu, na noite de 17 deste mês, uma festa de rara e original beleza, que constituiu acontecimento social dos mais expressivos dos últimos tempos. Com essa festa, o Clube Ginástico deu mais um passo de sentido confraternizador, homenageando os seus diversos departamentos, cuja ação inteligente se vem desenvolvendo com notável eficiência em torno do programa de realizações da atual Diretoria.

Além do original concurso de leques, que foi a nota marcante da festa, a direção artística do Clube fez executar um encantador programa de bailados, teatro ligeiro e outros números interessantes.

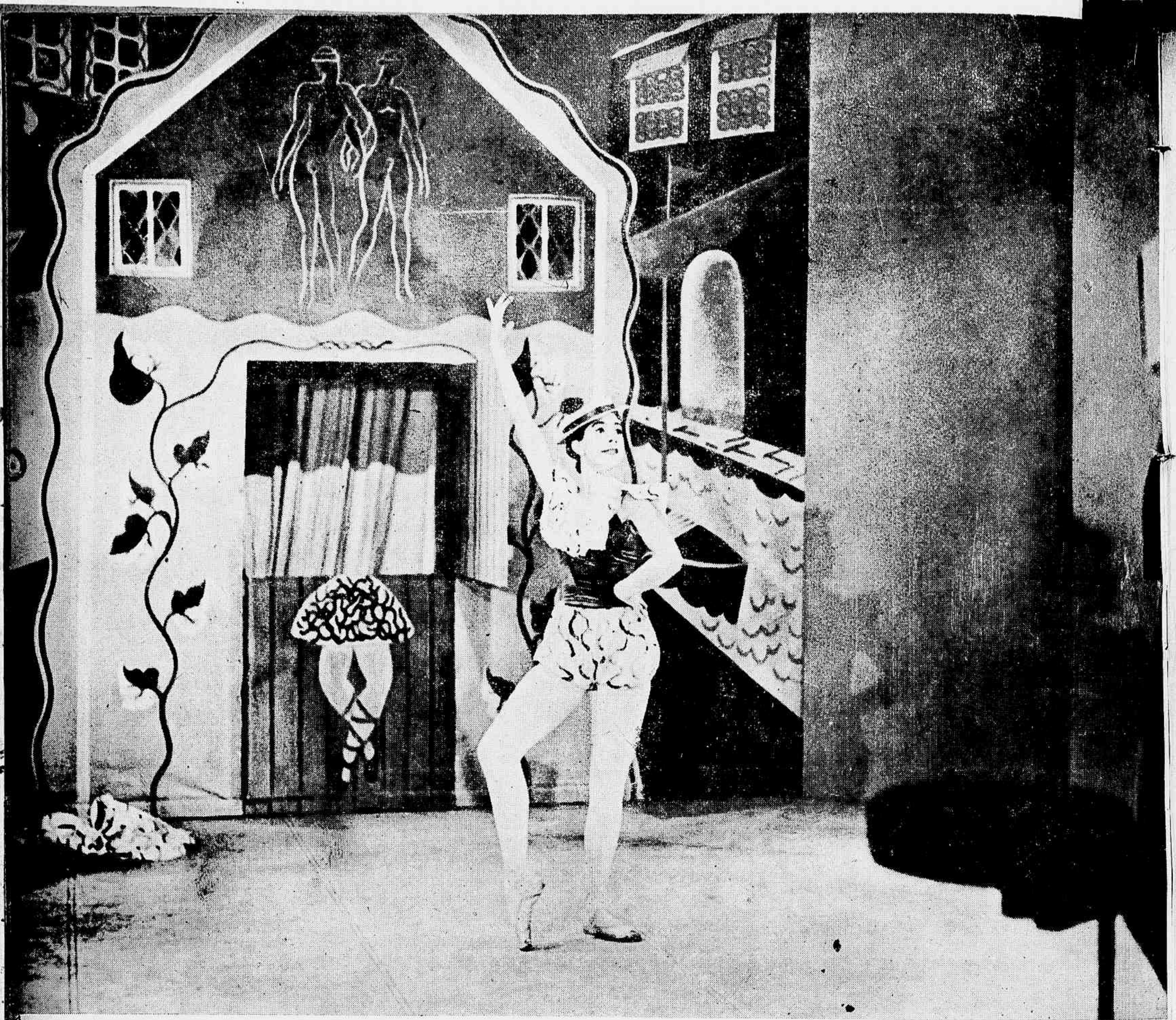


A esquerda : em cima — um detalhe da decoração do Salão de Festas. Em baixo — os leques que tomaram parte no original concurso, vendo-se no primeiro plano os premiados. A direita : gentil senhorinha exibindo um dos lindos leques participantes do concurso.



A esquerda : convidados e sócios assistindo ao desenrolar dos números de bailados. A direita : um aspecto das animadas danças





Margot Fonteyn, destacada figura do "ballet" apresentada pela estação televisora de Alexandra Palace. Assim ela foi vista à distância, em casa dos milhares de pessoas que já possuem seu aparelho de som e visão. O espetáculo teve montagem completa, com cenários, cortinas, adereços, guarda-roupa apropriado, e tudo em ordem como si apenas se visasse apresentá-lo ao auditório ali presente. Isso aconteceu agora em Londres, onde vêm de ser reiniciadas as projeções de televisão nos estúdios da British Broadcasting Corporation.

TELEVISÃO EM ORDEM DO DIA

As 15 horas de sexta-feira, 7 de junho de 1946, foi reiniciada a irradiação de Televisão pela BBC. O assunto constou de um discurso no rádio, pronunciado pelo Sr. G. M. Garro-Jones, Presidente da Comissão Consultora da Televisão, proclamando que com o reinício das projeções da Televisão em Londres, pelo Diretor Geral dos Correios, a Grã-Bretanha retomou a vanguarda do mundo nessa ciência que se desenvolve.

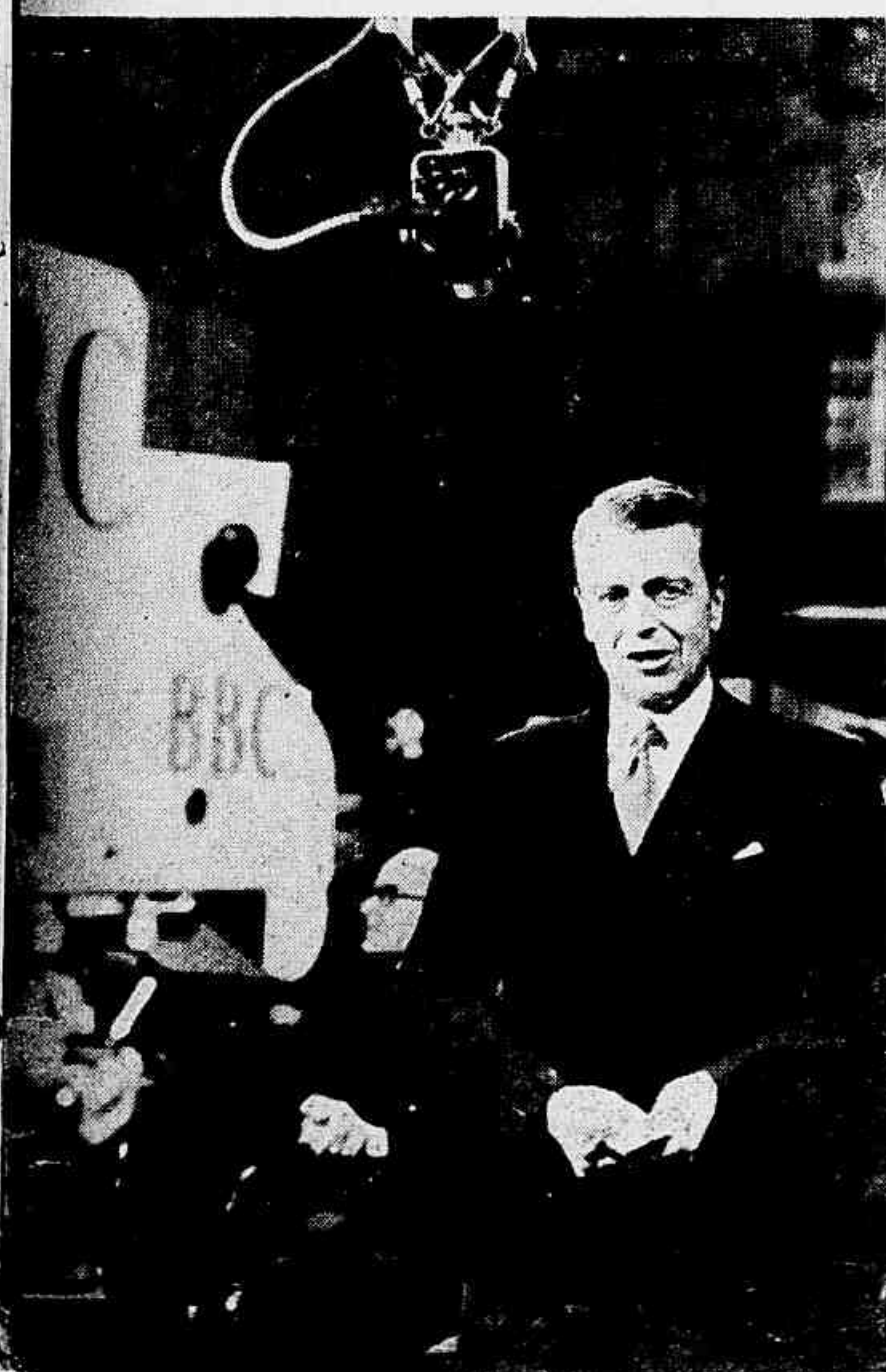
Deve ser lembrado, disse ele, que as projeções do Alexandra Palace foram suspensas em 1939 e todos os seus recursos empregados para reforçar o trabalho secreto na produção dos aparelhos de RADAR. Durante esse esforço, como o mundo inteiro agora sabe, a Indústria e a Ciência, juntas, conseguiram entregar uma após outra, as poderosas armas aos combatentes da comunidade Britânica. Presentemente voltando a Televisão às suas atividades dos tempos de paz, podemos nos recordar com orgulho que, como a maior parte das realizações científicas modernas, a Televisão baseia-se, sem contestação, nos resultados das pesquisas Britânicas.

Encarando-se a Televisão como serviço público, ficou adotada uma política de expansão por todo o país; isso, entretanto, ainda vai demorar um pouco. Tem-se dito, mesmo por pessoas que conhecem algumas das dificuldades, que o serviço deve estender-se a outras cidades dentro de um ano. Isto pode parecer uma coisa fácil, mas a ampliação dentro desse prazo é tecnicamente impossível. A construção de cada estação repetidora é uma tarefa mui-

to complicada, e embora os progressos da BBC tenham avançado e penetrado profundamente, em campos até agora desconhecidos, isto não modifica o fato de que a transmissão de imagens, pelos sinais da Televisão, é operação imensamente complicada. Essas imagens-sinais transmitem uma riqueza de detalhes que se movem com rapidez, e é fundamentalmente que todo esse detalhe seja transmitido, com fiel precisão, pela ligação entre a estação principal e a repetidora. Seja essa ligação um cabo subterrâneo especial ou uma cadeia de ondas curtas, o empreendimento é muito maior do que uma cadeia comum de rádio-fusão, não só em custo como em técnica.

As estações repetidoras e a cadeia de Televisão serão construídas logo que isto seja razoavelmente possível, com a cooperação da Repartição Geral dos Correios da BBC e da Indústria. Devemos nos lembrar, contudo, que há outras encomendas urgentes nos laboratórios e nas fábricas interessadas, e a Televisão não pode reclamar, na paz, a mesma prioridade, como aconteceu com o RADAR durante a guerra. Os espectadores da área de Londres, entretanto, num círculo de 64 a 96 quilômetros, serão os únicos a apreciar a Televisão durante algum tempo. Isto é inevitável na fase de desenvolvimento, e é de esperar que os londrinos não sejam invejados por esse privilégio, principalmente porque a cidade da metrópole, nesses últimos anos passados, não gozou de muitos privilégios exclusivos.

Além disso há ainda problemas legais dependendo de solução. Por exemplo, haverá direitos autorais para



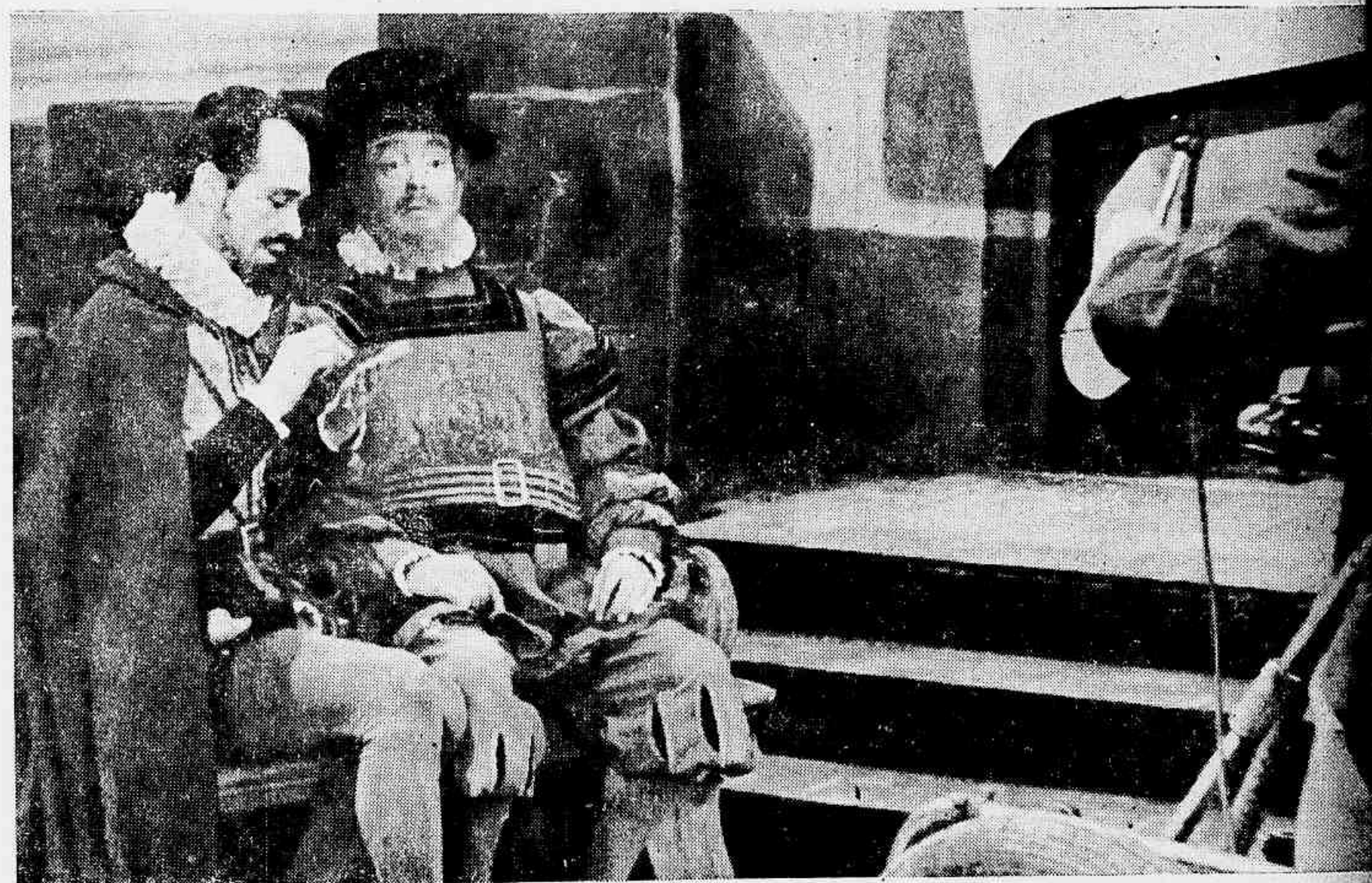
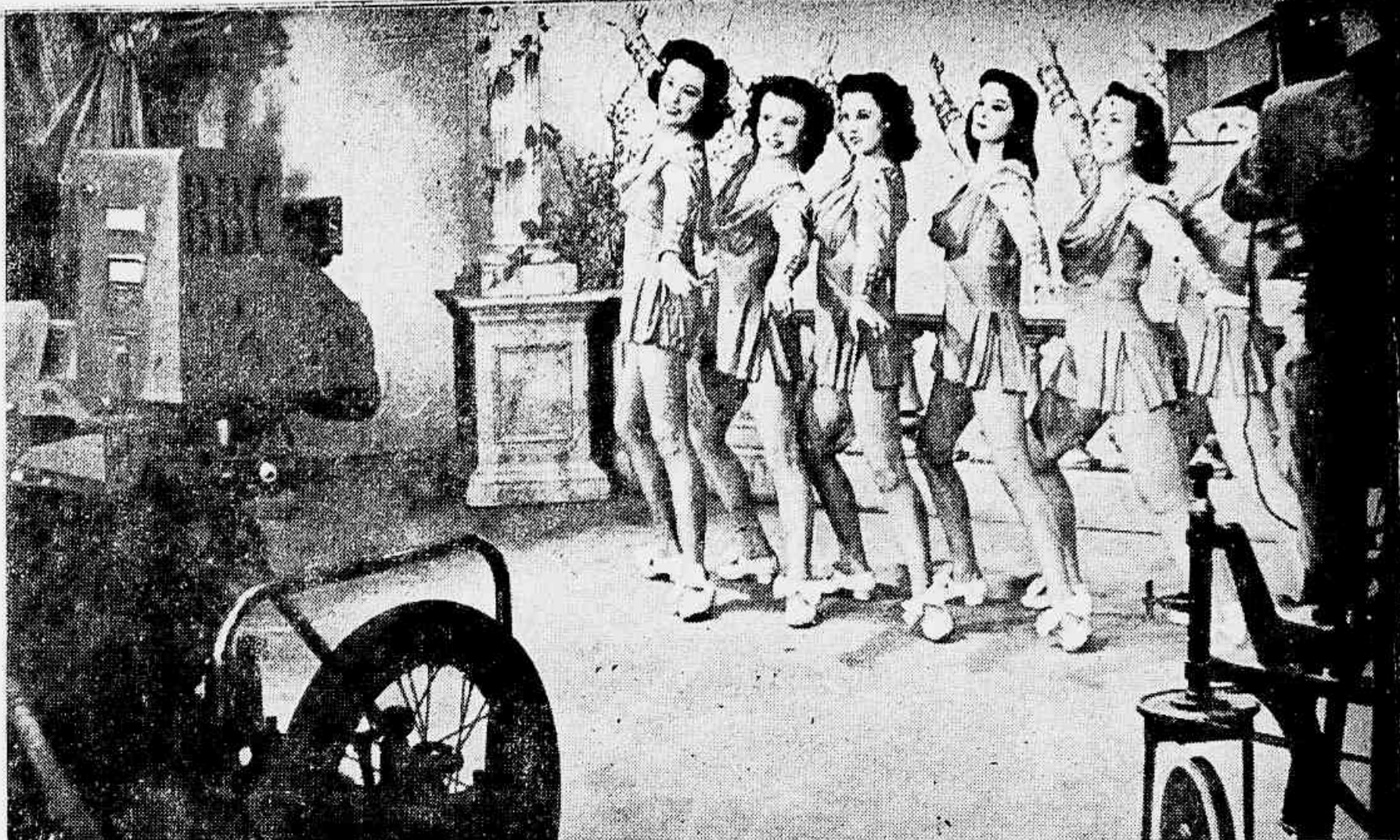
as projeções? A resposta não é de todo fácil. Muitas cenas de interesse nacional, como grandes concertos musicais ou representações, bem como as grandes corridas de cavalos, jogos lineais de futebol, campeonato de "box" e muitos outros acontecimentos, são organizados por empresários particulares. Alguns destes têm receio de que quando esses acontecimentos puderem ser vistos comodamente de uma cadeira de cinema, justo no momento de sua realização, em vez de serem vistos somente em casa nos aparelhos particulares, a receita das entradas fique seriamente diminuída. O fato é que os acordos ainda têm que ser discutidos, bem como a legislação e as despesas aprovadas convenientemente pelo Parlamento.

Uma outra pergunta evidente: em face do rápido melhoramento do equipamento de Televisão, vale a pena comprar, agora, um aparelho que custa cinquenta libras ou mais? A resposta exata, sem dúvida, é que, se uma pessoa pode comprar um aparelho e mora na área de alcance não seria aconselhável, nessa vida tão curta, privar-se de um prazer que pode ter hoje, com a idéia de que possa aparecer, amanhã, coisa melhor. Dentro em breve o Diretor-Geral dos Correios fará uma declaração em que dará uma orientação oficial sobre o assunto.

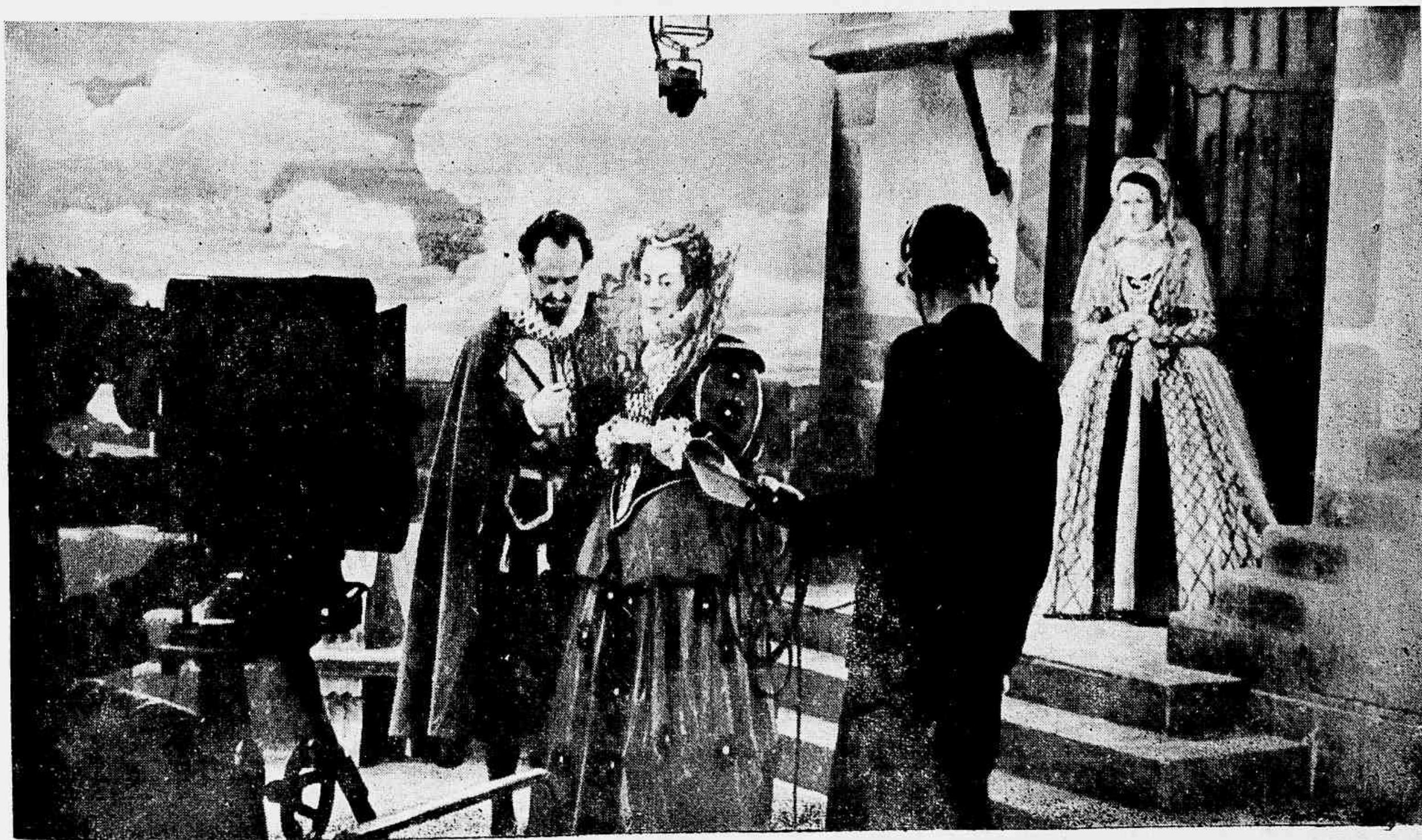
De que constarão as irradiações? De um modo geral os espectadores ficarão muito satisfeitos. As projeções, contudo, não serão — de momento — iguais às melhores fitas de cinema; as descobertas feitas durante a guerra ainda têm que ser inteiramente aplicadas às figuras da Televisão. Quanto à qualidade dos programas, isso fica entregue ao julgamento dos espectadores. A BBC fará as projeções e ficará, por isso, com o encargo de organizar os programas. Não há medalhas para o pessoal encarregado da difícil tarefa de organizar programas, mas a BBC, fiel a tradição mundial de que goza está decidida a fazer irradiações da primeira classe. Conquanto a maioria dos programas ouais de rádio sonoro se presie para a Televisão, espera-se que esta arte se desenvolva com a tendência de que os dois programas convirjam, gradualmente a constituir um só, e por fim, imagens e sons sejam recebidos, simultaneamente no mesmo aparelho.

Durante esse período de desenvolvimento, sem dúvida, muitas pessoas terão críticas a fazer, mas é de esperar que elas não percam, também, as oportunidades de enviar uma palavra de encorajamento e louvor.

A comissão Diretora de Televisão é composta de representantes dos Departamentos Governamentais interessados, bem como dos da BBC. Entre os seus membros figuram: Sir Edward Appleton, do Departamento das Pesquisas Científicas e Industriais, Sir Stanley Angwin, dos Correios Gerais, Sir William Haley, e Sir Noel Ashbridge, da BBC. O Tesouro, e Ministério dos Abastecimentos e o Departamento do Comércio também se fazem representar, enquanto que todos os ramos interessados da Indústria são consultados constantemente. No parecer que a Comissão encaminha ao Governo, a tendência é a de servir ao interesse público com fidelidade, propugnando para que o Serviço Nacional de Televisão seja o melhor do mundo; útil em casa e nas reuniões públicas.



Mr. Garro Jones, dirigindo-se ao auditório distante da BBC, em 7 de junho último, por ocasião de serem reiniciadas ali as atividades de televisão. Ele falou para o auditório invisível, assegurando-lhe que, a partir de agora, haverá televisão semanalmente. (Clichê à esquerda). Ao alto, um detalhe de bonitas "girls" dançando para a televisão. Ao centro, dois rádio-atores, oferecendo ao público um "script" de Bernard Shaw. — Em baixo, cena de "The Dark Lady of the Sonnets", com Denis Webb (Shakespeare) e Dorothy Black (Rainha Elisabeth). Esse foi o maior espetáculo já televisionado.





BELAS ARTES

Atravessamos um momento de intensa atividade artística, no setor de artes plásticas. São várias e na maioria de real mérito as exposições que ora se realizam, como se vê, dos flagrantes desta página. Ao alto, damos aos leitores um aspecto da inauguração da exposição de pintura de Odete Barcelos, levada a efeito na Galeria de Arte Clássica, valendo por um legítimo acontecimento mundano e de sentido artístico. Ao centro, "Colônia de Pescadores — Ponta do Cajú", óleo do pintor Virgílio de Souza Tenório Filho, que também se prepara para expôr no Saquão do Liceu de Artes e Ofícios, sob o patrocínio a Soc. Brasileira de Belas Artes, a partir de 1.º de setembro. — E em baixo, flagrante tomado quando se inaugurou a exposição do artista catarinense Willy Zumblick, na Associação Brasileira de Imprensa. Três artistas, três mostras em que se denunciam os progressos de sua arte, e três marcantes acontecimentos sociais.

Nossos admiradores de belas artes vão aumentando consideravelmente de número. E procedem dos Estados, do Estrangeiro, de todos os pontos, artistas que se revezam nas salas expositoras, muitas vezes aguardando oportunidade, entrando "na fila" dos expositores, para dar o público e aos seus admiradores, o testemunho da própria evolução.



Em todo caso, não é este um livro para se tomar como simples passatempo. A singeleza da forma literária não significa matéria sem profundidade. Não se trata de descrições ou narrativas meramente superficiais. Há muito que aprender através destes trinta e sete capítulos, os primeiros dos quais se intitulam *Nossas esperanças de compreender o homem e Natureza da inteligência* e o último trata do *Século XX e suas perspectivas*. Há muito que aprender e por isso mesmo cumpre ler estas seiscentas páginas não como quem se distrae mas sim como quem estuda.

The image shows a scan of a document page, possibly a book cover or endpaper. The page is heavily faded and blurry. At the top, there is some faint, illegible text. In the center, the word "ROMAN" is visible in a stylized, outlined font. Below it, there is more faint text that appears to be "THE ROMAN...". At the bottom center, there is a small, dark, rectangular object, which could be a stamp or a binding element. The overall quality of the scan is poor, with significant noise and low contrast.

RECEBEMOS:

Como retardar a velhice e prolongar a vida, conferência que deveria ter sido lida pelo art. r, J. Mariano de Moraes, na Academia Nacional de Medicina ou na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro — Rio de Janeiro, 1946.

ROMEU E JULIETA

"ELES" GOSTARAM — GRACAS AOS NAZISTAS — A VOZ E A ELEGANCIA — A CLAQUE E O PSIU

DEPOIS da vigorosa investida contra os gostos e as preferências — diríamos melhor, os hábitos — do público que assiste os espetáculos da temporada lírica, sendo contadas em casas desertas, diante de ouvintes quase adormecidos, em benefício de um grupo de entusiastas, Walkírias, Tristão e Isolde, Cavaleiro da Rosa, depois de obrigarem Bidu Sayão a uma estréia arriscada, em veículo impopular, pouco propício à **protécnica** vocal, provocadora de demorados aplausos, como foi o caso de Pelleas et Mélisande, os organizadores recuaram e, recorrendo aos cinco melodiosos atos de Romeu e Julieta, agradável partitura de Gounod, permitiram, novamente, que o bel canto, expulso e insultado, se instalasse em seu posto proeminente, ao compasso de uma valsa: Je veux vivre dans le rêve...

O resultado foi fulminante. Dizia-se, nos corredores:

— Isso, sim, é que é ópera.

Para quem prefere a elegância cariciosa de Gounod, que se utiliza equilibrada e inteligentemente, dos recursos do melodrama lírico, assim é. Talvez Romeu e Julieta encontrasse um tanto melancólicos os admiradores do arrebatamento grandioso de Richard Wagner, da opulenta orquestração de um outro Richard — Strauss — e positivamente desconsolados os que só suportam a filigrana de Debussy, ténue nuvem, frágil, delicada. De qualquer forma é inegável a beleza dos duetos de amor, no segundo ato, quando a inspiração veio, fácil, ao compositor e ele deu voz às sugestões da noite enlaurada, com o sussurro entrecortado dos namorados.

Romeu e Julieta, apesar de seu libreto trágico, transcorre num clima mais ameno, onde sobressaem páginas de lirismo, numa versão adequada da história a que o gênio de Shakespeare infundiu extraordinário vigor.

"ELE" GOSTARAM...

Alguns minutos antes de subir o pano Bidu Sayão nos confiava, em seu camarim:

— Não sei se eles vão gostar...

Referia-se ao público, de forma indireta, com a mesma timidez que temos tido ocasião de notar em mais de um cantor célebre. Cada noite de espetáculo é uma batalha e cada vitória, cada rendição alegre e ruidosa do público, um estímulo de valor inestimável. Não adianta, nos momentos que antecedem o início da ópera, declarar que, de antemão, o triunfo é certo. Para alguns, superstitiosos isso é motivo, até de queixas.

— Não diga isso... Pode dar azar...

Há os que se tranquilizam quando imitam o regisseur dando três pancadinhas no móvel mais próximo para, então, respirarem aliviados.

Sabendo que os nossos argumentos teriam possivelmente efeito contraproducente esperamos que a segurança do sucesso viesse naturalmente. O primeiro ato, desde logo, confirmou o prognóstico. Bidu, a terna Julieta, com vestido azul, bordado com contos coloridos e cantou:

Bidu Sayão, no papel de Julieta, vencendo uma corrida de obstáculos vocais...





Em cima : Bidu Sayão e Laurence Alvary consultam o maestro Jean Morel, pouco antes do espetáculo. Em baixo : O coro do Teatro, que vai encarnar as duas famílias rivais, cerca o "régisseur" Tourei, que, neste dia, é um simples visitante.





Mercutio (Martial Singher) e Capuleto (Daniel Duno) palestram, amigavelmente, antes de se defrontarem, no palco, como inimigos mortais

valsando: "Je veux vivre dans le rêve..." O abandono da figura elegante aos compassos contagiantes, a pureza do timbre da voz, que surgia como um jorro cristalino, desafiando as escalas, exibindo sua espendida segurança, naquela verdadeira corrida de obstáculos vocais — tudo isso provocou a ovação que esturrou quando soaram os últimos acordes. Ligeiramente ofegante Bidu Sayão agradeceu, enquanto ensaiava mais alguns rodopios, antes de deixar-se cair nos degraus do trono.

Encontrando em Charles Kullman um Romeu à altura, os duetos foram interpretados com profunda emoção e encantadora simplicidade.

Kullman, além da criação dramática adequada, de uma sobriedade elogiável, cantou com voz repousada, tirando o máximo rendimento possível dos amplos recursos de que dispõe, que certamente não são nem o volume nem a extensão. Em compensação o fraseado inteligente e os pianíssimos sabiamente utilizados emprestaram à sua atuação uma rara qualidade.

GRAÇAS AOS NAZISTAS...

— Graças aos nazistas...

Muita gente se virou, naquele momento, para ouvir, no corredor do Teatro Municipal, o que tinha a dizer aquele cavalheiro suspeitamente louro, que em voz alta rendera homenagem a uma ideologia perigosa, que já roubou tantas vidas.

— Graças aos nazistas, prosseguiu ele, ainda mais alto, para não deixar dúvidas, nós, hoje estamos ouvindo esses cantores.

— Como? perguntou o interlocutor, cuja função, ali, parecia ser a de fazer ambiente.

— Muito simples. Quem foi que fez com que Jennie Tourel abandonasse a Ópera Comique, percorrendo a França a pé, em busca de refúgio nos Estados Unidos? Quem nos trouxe, por exemplo, Martial Singher, esse grande barítono, se não a brutalidade nazista, expulsando da sua terra os homens de valor?

As conversas interrompidas reataram-se, tranquilizados todos.

A VOZ E A ELEGÂNCIA

Sem citar nomes, afim de não ferir susceptibilidades, registremos a preocupação de alguns dos artistas em se fazerem fotografar nas condições mais favoráveis.

— Um momento! dizem ao fotógrafo, enquanto ajustam a cinta que corrigirá as imperfeições, satisfazendo a imaginação das platéias.

Já passou o tempo em que Verdi dizia que um cantor de ópera precisa ter três qualidades sem as quais no pode se considerar um verdadeiro artista: voz, voz e voz. Hoje é preciso voz, arte e uma silhueta livre das desproporções de antanho, quando a obesidade no se impunha entre a ambição e o sucesso. Recentemente, ocorreu um fato típico: o soprano lígelo Lina Pagliughi, que já nos visitou, confirmando a fama que a precedia, não conseguiu conquistar o público americano, se bem que nunca houvesse melhor.

— Uma Gilda daquele tamanho? disse alguém.

E quando, no quarto ato, ela veio, conforme pede o libreto, dentro de um saco, carregada pelo barítono, este depositou-a no meio do palco, com um — ufi! — tão eloquente que as risadas francas estouraram na platéia como nas galerias...

O CLAQUE E O PSIU!

Ao maestro Jean Morel cabe a responsabilidade da criação de uma nova espécie de funcionário produtor de ruídos. Assim foi classificada a claqué à qual veio juntar-se, agora, o homem do psiu! Não pensem que se trata de um espectador mais exigente que se impacienta com os cochilos dos retardatários. Não, é um indivíduo especialmente designado para fazer — psiu! Ou, pelo menos, assim parece. O fato já se repetiu com demasiada frequência para atribuirmos a atitude do maestro e o psiu a uma coincidência. Ademais, o homem do "psiu" senta-se perto dos rapazes da claqué. Donde a dedução de que, incorporada a esta, está a nova instituição — o silêncio compulsório.

Jean Morel sobe ao estrado, abre a partitura e vira-se para o público. Se este mostra-se recalcitrante, o maestro cruza os braços, como quem diz:

— Vamos! Vamos! Calem a boca!...

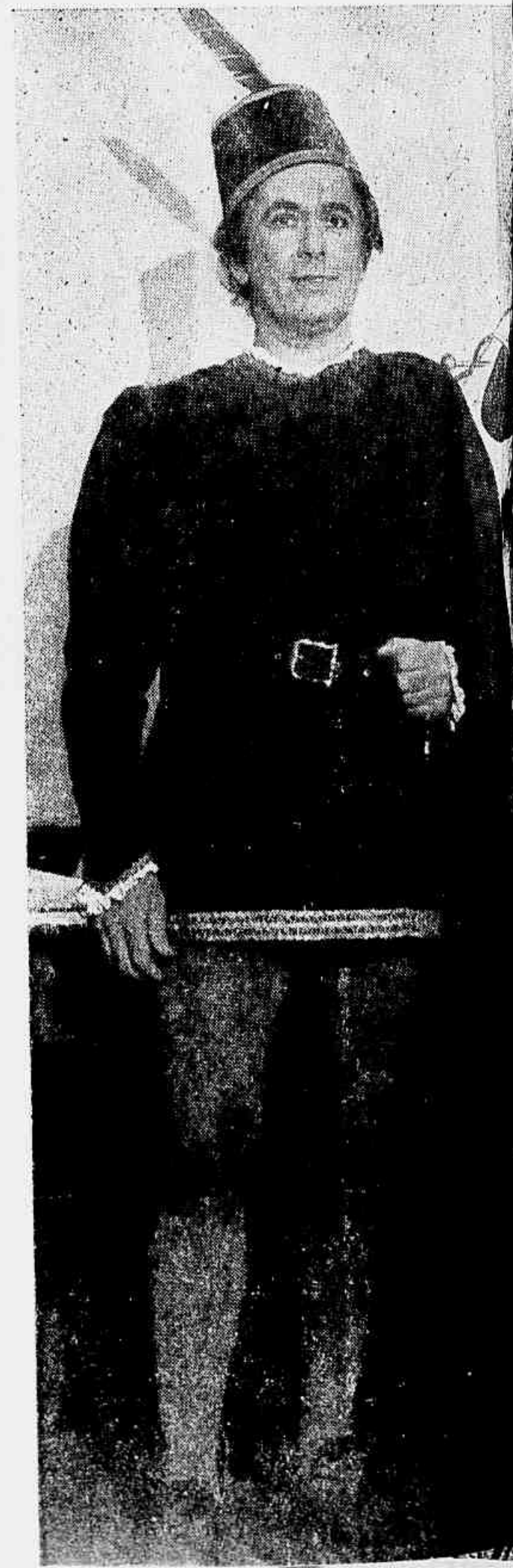
É precisamente neste momento que o estranho cavalheiro do "psiu" se manifesta. Nunca é visto, pois que sua intervenção é levada a cabo no escuro. Em troca, não há quem não o ouça.

— Silêncio! berra ele.

E o mais surpreendente é que, apesar de algumas risadinhas, a maioria se aquietou. Outros discutirão se cabe ao maestro ou aos próprios espectadores exigir que a queda de um alfinete se faça ouvir, tal o respeitoso silêncio. A verdade é que, de qualquer forma, o expediente teve pleno êxito. Além disso, os seus

(Continua na pág. 57)

Charles Kullman está pronto para entrar em cena.



R A D I O



Beatriz Costa, cujo embarque para Lisboa foi anunciado pelo rádio, e onde vai organizar nova companhia.

GILDA FALOU SOBRE O SEU FILME

— O que me levou à excustiva tarefa de dirigir um filme cinematográfico — disse a esposa de Vicente Celestino, ao microfone da Rádio Globo, ao ser entrevistada em "Cine-Rádio Jornal" — foi, antes de tudo, o meu grande amor pela sétima arte. Desde "Bonequinha de Seda", aguardava um momento oportuno para reencetar meus trabalhos nesse setor, e agora senti que a oportunidade havia chegado. Mas havia também outra razão: É que eu prometera a mim mesma dar a Vicente, um ensejo para experimentar suas possibilidades na tela.

— E que lhe parece o trabalho dêle? Aprovou?

— Cabe ao público julgar, não a mim. Mesmo porque, em se tratando de Vicente, eu sou coruja...

— Houve quem estranhasse não ter v. desempenhado a protagonista de "O Ébrio". Por que agiu assim?

— Esta foi a minha primeira tentativa na direção de um filme. Inexperiente, cheia de responsabilidades, pareceu-me melhor dar esse papel a outra artista, e estou satisfeita com a atuação de Alice Archambault, que me parece uma figura muito aproveitável.

— Foi publicado não ter V. gostado da canção "O Ébrio" quando Vicente a compôs. É verdade?

— Sim. Pareceu-me demasiado realista aquela história de um homem abatido pelo álcool em consequência de um triste amor, e receei que pudesse ligar os fatos da canção à pessoa do autor... Realmente apareceu quem insinuasse, então, que "O Ébrio" era um desabafo pessoal. Por isso Vicente escondeu-se num pseudônimo quando pela primeira vez, na Guanabara antiga apresentou o seu trabalho. Era então, de autoria de Antonio Felipe. Mas na realidade, o pseudônimo fora extraído do próprio nome de meu marido, que se chama, por inteiro, Antonio Vicente Felipe Celestino.

Em seguida Gilda de Abreu fez outras revelações interessantes à margem do seu trabalho de estréia como diretora. Referiu-se, saudosamente, à filmagem de "Bonequinha de Seda" e reconheceu o concurso prestimoso que lhe ofereceu agora Ademar Gonzaga, para dar conta de tão espinhosa tarefa. Informou ser de sua autoria o "script" do filme que desenvolve e amplia o conteúdo da canção popularíssima e adiantou pretender continuar dirigindo outras películas se porventura esta primeira for auspiciosamente recebida. Disse já ter "O Ébrio" produzido vultosos direitos autorais a Vicente Celestino, tanto no rádio, como a divulgação das gravações, como no palco, e até na versão literária, pois já apareceu também um romance com o mesmo título e contando a mesma história.

Finalizando, a simpática artista confessou a sua predileção muito acentuada pelo cinema, embora também nutrido grande entusiasmo pelo teatro. Quanto ao rádio, seus afazeres não lhe permitem maiores atuações nele, mas reconhece o poder de penetração eficientíssimo que o rádio possui. E foi ainda utilizando o microfone que Gilda de Abreu divulgou seu maior ideal neste momento: Repetir a façanha cinematográfica de "O Ébrio", mas agora, tomando a seu cargo a primeira figura feminina, que será um papel de cigana num filme intitulado "Mestiça", cujo argumento já tem pronto.

OS PERFUMES DE

ROGER & GALLET

PARIS - RIO

fleurs d'amour EXTRATO - LOÇÃO - PÓ DE ARRÔS - BRILHANTINA.

pavots d'argent PÓ DE ARRÔS - LOÇÃO - EXTRATO - BRILHANTINA.

vera violeta LOÇÃO

anthea PÓ DE ARRÔS CRAVO - HELIOTROPE - VIOLETA.

santal PÓ DE ARRÔS

jean marie farina AGUA DA COLONIA A GRANDE MARCA FRANCEZA

ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN





Martha Vickers e Suzi Crandall, "estrelinhas" da Warner Bros. dois "paiminhos" de cara de mais bonitos de Hollywood, oferecem às nossas leitoras encantadoras sugestões em matéria de chapéus para a primavera.

Na página ao lado: Chapéu de palha azul. Fita e laço de "gros-grain" cor de rosa. "Apanhado" de violetas e uma rosa de tafetá com folhagens verdes, atrás, sobre a aba. — Elegantíssimo chapéu para a noite em palha lustrosa preta. Copa bastante alta. "Paradis" e véu preto completam o "chic" desse modelo. — Modelo mais esportivo, em palha bege com fita de "gros-grain" marrom. Copa

altas. Penas belge e marrom. Véu também marrom, estes apresentados por Martha Vickers.

Agora um modelo em finíssimo feltro bege claro com penas e véu, exibido pela encantadora Suzi Crandall.

Nesta página, novamente Miss Vickers, com mais um gracioso modelo para a noite, de palha rendada, com flores, fitas e véus. Também nos chapéus da nova estação nota-se o retorno à feminilidade.

Chapéus para a primavera



PARA A TARDE

1 — "Duas-peças" em "faillie" preto e tafetá quadriculado preto e branco. A saia, em tafetá, é bastante franzida, obedecendo à nova orientação da moda. Jaqueta preta, curta, justa à cintura, gola alta e mangas compridas. 2 — Modelo em seda quadriculada preto e branco. Três babados com "feson" e "pols" preto como arremate. O mesmo na gola e nas mangas. 3 — Em seda preta e grandes losangos cinza e branco, é feito este interessante modelo. Imitação de bolero na blusa. Saia ampla com franzidas.



A VERSATILIDADE DO RAYON

EM determinados tipos de rayon, a produção britânica ultrapassa, inegavelmente, os têxteis de qualquer outro centro de fabricação. Os rayons e os tecidos sintéticos, motivos de grandes atenções por parte dos costureiros modernos, constituem já uma especialidade dos artesãos da Grã-Bretanha, os quais são considerados, tradicionalmente, como pioneiros das manufaturas próprias da tecelagem.

Os fabricantes britânicos sabem muito bem que terão que enfrentar uma severa concorrência no mercado dos consumidores contra os rayons de baixo preço, e estão imbuidos conciosamente do fato de que o sucesso do rayon britânico, depende, quase que exclusivamente, da produção de novidades de alta qualidade, que serão adquiridas por força da sua beleza e sua aparência inusitada.

Os cientistas e especialistas neste gênero de tecelagem, estão empenhados neste classe de produtos e os rayons britânicos já atingiram um estágio de beleza e interesse dificilmente igualáveis. Muitos destes tecidos ainda não foram revelados ao público do exterior, pois é

preciso, antes de mais nada, atender às urgentes necessidades do país.

Os filamentos contínuos do rayon, mais delicados do que os fios de seda, proporcionam uma aparência e um luxo tão notáveis que dificilmente reconhecer-se-á o rayon confeccionado, da própria seda.

Na Irlanda do Norte, foram desenvolvidos alguns tipos de rayon de seda que prometem alcançar grande aceitação. Os tipos "shantung" e "tussor" possuem uma resistência e uma frescura que ainda não foram conseguidos em experiências prévias.

Vestidos de noite em rayon, estão sendo lançados pelos costureiros ingleses, a fim de demonstrar a sua alta classe.

Aqui vemos dois deles:

O primeiro, um interessante modelo inspirado no vidro de perfume "Indiscret" de Lucien Lelong. O segundo, criação de Adrian, para "vogue" em rayon preto e branco.

Elizabeth Stanford.

SOLARES E SUPERSTIÇÕES

O palacete azul da Tijuca e a imaginação das mocinhas românticas — Os fantasmas não passavam de um ninho de corujas — O prédio nº 149 da Avenida Oswaldo Cruz também tem sua história — Nunca poderá ser concluído porque isto significaria uma terrível sentença para o proprietário.

O advento da casa de apartamento aboliu os fantasmas. Não existem mais as assombrações que enchiam os velhos solares de duendes, emprestando-lhes uma aura de mistério, de temor e consequentemente de prestígio que o tempo se incumbia de desenvolver.

A literatura ganhou muitas páginas inspiradas em lendas e tradições sobre casas malassombradas, onde se ouviam conversas de personagens há muito desaparecidos, gemidos de encarcerados que não se encontravam jamais, ruído de talheres, de correntes arrastadas, enfim mil e uma sugestões sobrenaturais que faziam arrepiar os cabelos aos mais corajosos.

A produção cinematográfica "O morro dos ventos uivantes" nos dá no início a visão de um solar que só inspirava terror. Ali vinha ter, todas as noites, o fantasma de uma mulher que em vida fora o grande amor do desvairado proprietário do solar, e que com ele saía desafiando a tempestade para rever os lugares inesquecíveis que recordavam o trágico romance vivido.

E a ver pelo interesse que despertam nos leitores as obras povoadas de fantasmas, o homem tem uma estranha predileção pelo insensível subsolo da sua inteligência. Entrega-se com volúpia às sugestões do medo, dá-lhe um prazer esquisito deparar-se com fatos que não tenham explicação imediata dentro da razão.

Quando não há lendas para contentar a fome de mistério, o povo mesmo as vai criando, cada um oferecendo um pequeno subsídio de acôdo com a sua imaginação e todos consagrando as histórias fantásticas que vão sendo criadas, nascidas às vezes de uma simples e despretenciosa conjectura.

O PALACETE AZUL DA TIJUCA

Na rua Haddock Lobo havia um palacete que agora está sendo demolido, em torno do qual corriam histórias fantásticas de causas sobrenaturais.

Havia versões desencontradas a respeito. O romantismo das mocinhas casadeiras criou a lenda de um noivado trágicamente desfeito e o consequente abandono do prédio onde deveria residir um casal feliz.

Outros sustentavam que se tratava de uma alma penada que sofria? espera de alguém que colóido do seu martírio, fizesse uma prece pela sua redenção.

Ninguém se aventurava a dormir no palacete. Havia ruídos de pés arrastando-se pelo chão, palmas, murmúrios continuados e aterradores pela noite a dentro, desafiando o sangue frio da mais insensível criatura.

Seja como for, a verdade é que à noite, muita gente evitava passar na calçada. Mesmo os que não haviam tido oportunidade de ver nem ouvir coisa alguma.

O PASSADO DE UM SOLAR ABANDONADO

Procurámos nos informar a respeito da origem dessas histórias. As opiniões são contraditórias e a sua. Rita Isabel da Costa, ex-proprietária que acaba de vender o prédio a uma firma comercial nada quis dizer sobre o assunto.

Das informações que colhemos, entretanto, uma nos parece mais verídica. O palacete teria sido reconstruído pelo velho Machado Sujo há muitos anos.

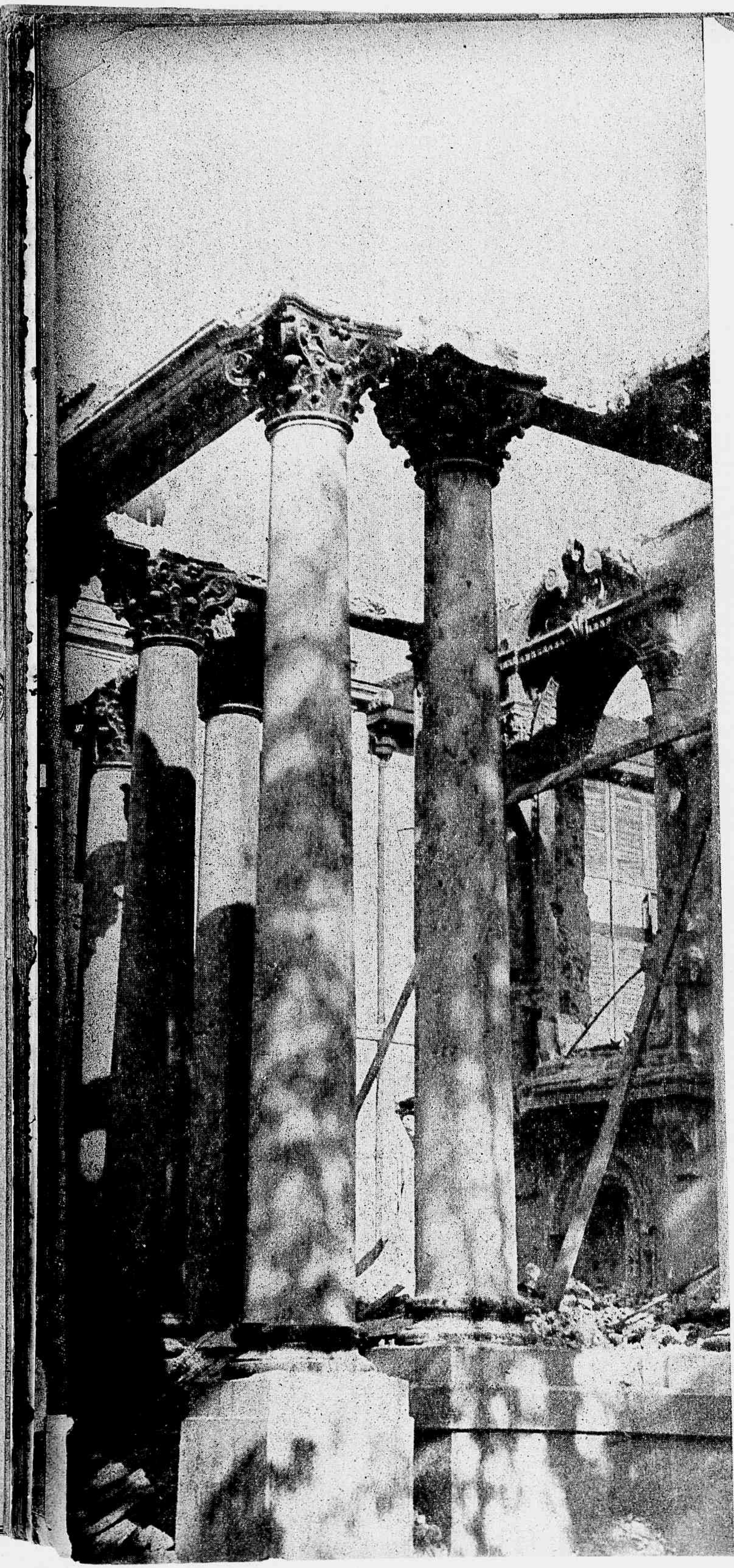
Trata-se de uma pessoa muito popular no Rio, que enriqueceu à custa do seu trabalho obstinado numa profissão modesta mas que lhe permitiu, depois de muitos anos de labuta diária, tornar-se proprietário.

As colunas que se viam em frente, de ambos os lados da porta principal, tinham sido adquiridas pela Prefeitura para o Teatro Municipal então em obras. Feitas de mármore de Carrara, com capitéis de bronze, tais colunas demoraram muito a chegar da Itália, levando o construtor do nosso principal teatro a fazer outra encomenda. Assim, foram elas adquiridas pelo sr. Machado Sujo para o seu palacete. Outros afirmam, entretanto, que elas foram talhadas em proporções reduzidas e que por isso não foram utilizadas no Municipal. Seja como for, o que é assente é que foram parar na luxuosa residência da Tijuca.

A PICARETA DESTRÓI UMA LENDA

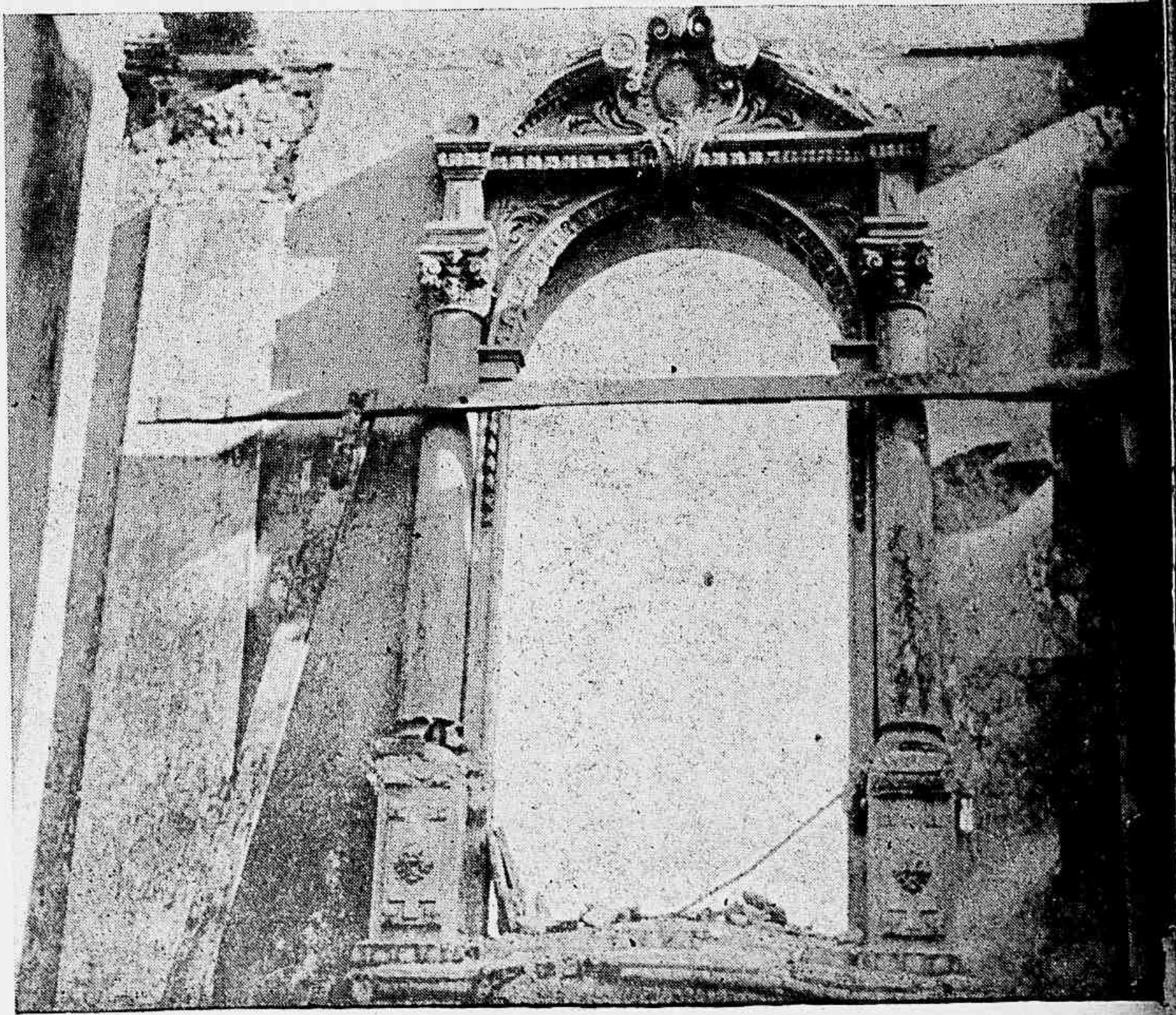
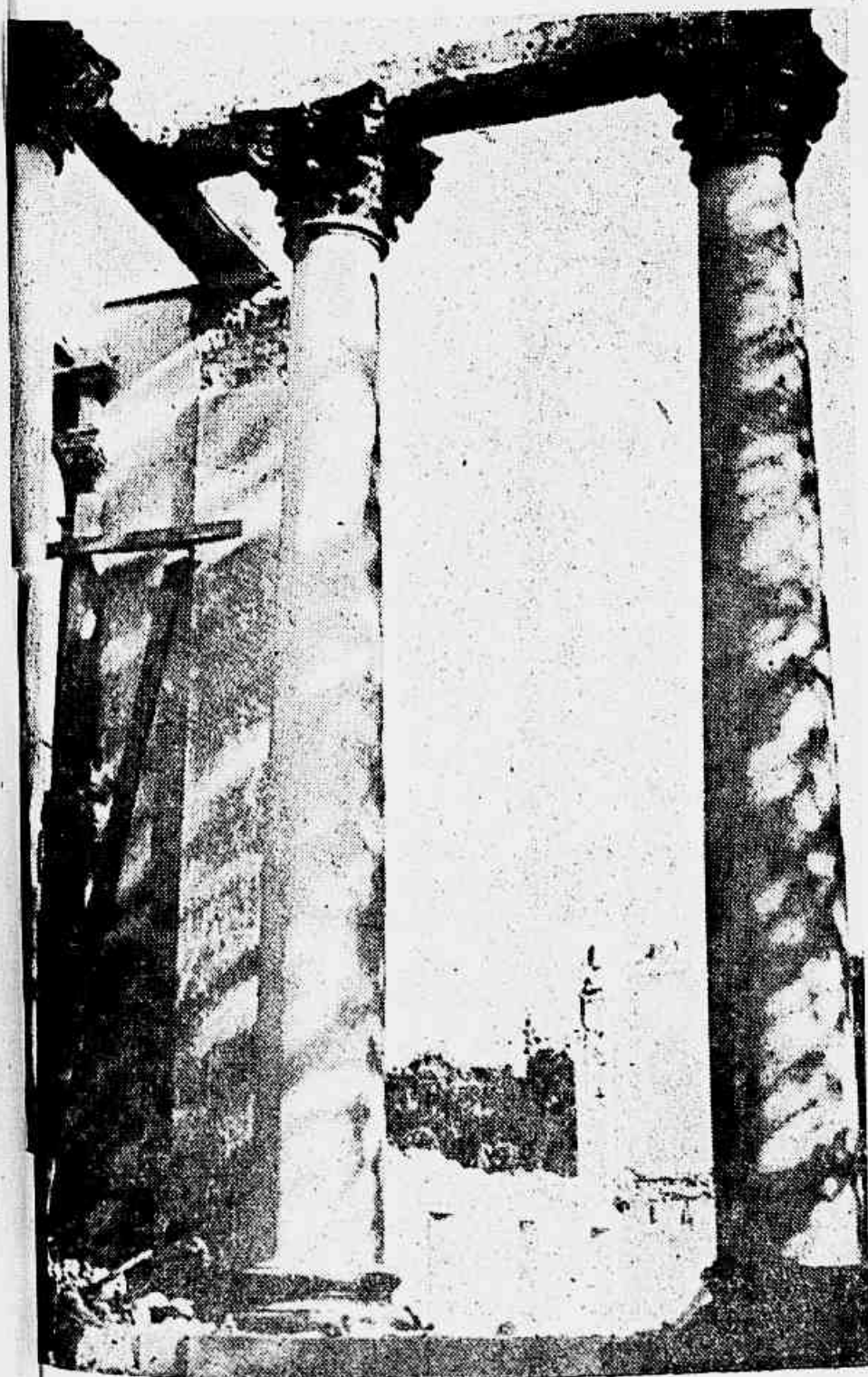
Agora, a viúva do proprietário daquela casa vendeu-a, como já dissemos, a um estabelecimento comercial e in-

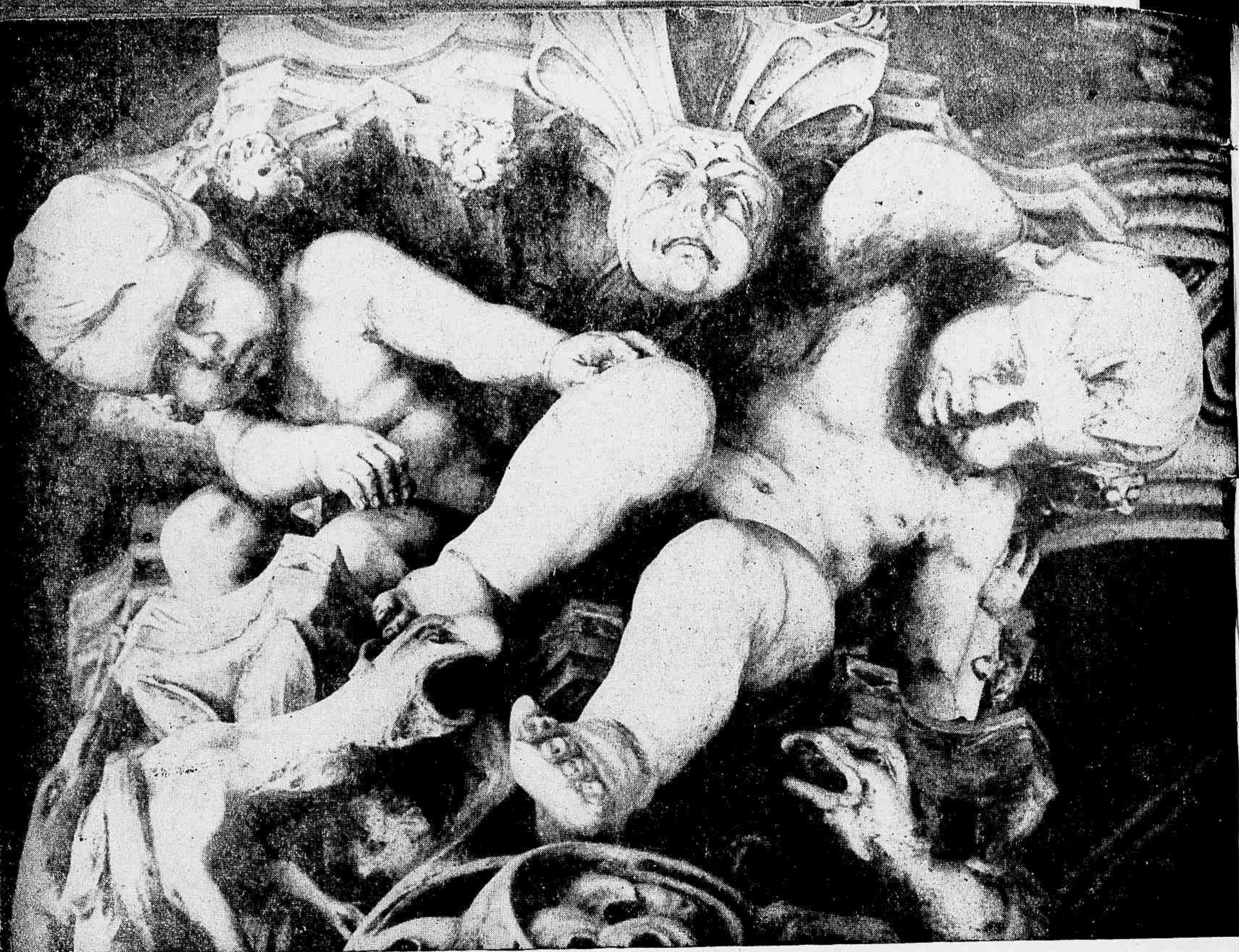
CONSERVAM A MAJESTADE NA DESVENTURA — Tal como as recordações que deixam as mulheres que nunca foram amadas, os seus diários e confissões repassados de amargura e de esperança, estas belas colunas do chamado "Palacete azul" da Tijuca falam de um passado de abandono. No entanto, até na desventura da demolição as colunas conservam a sua majestade.



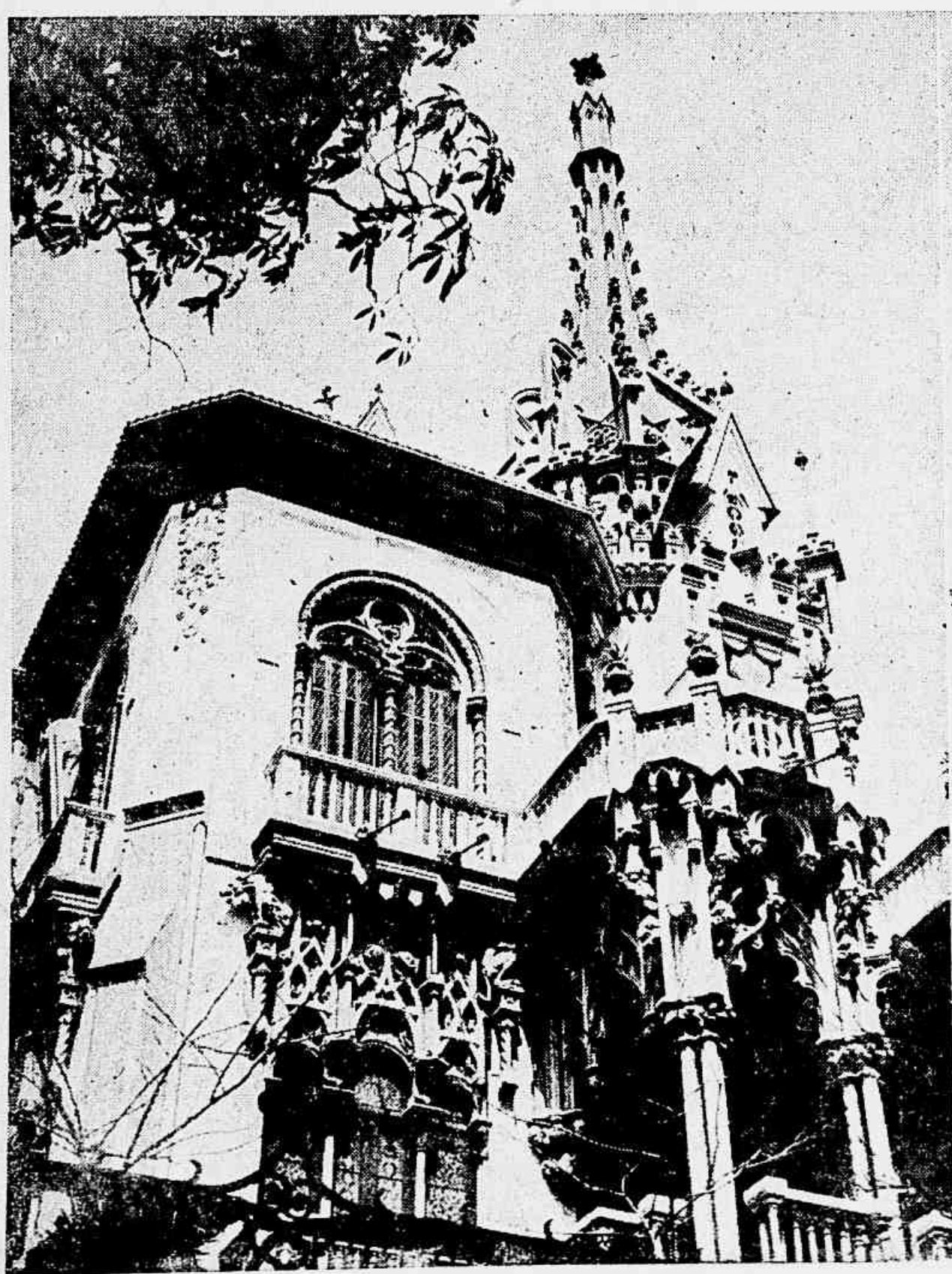


UMA JANELA DO SOLAR — As colunas talhadas no bom mármore de Carrara, encimadas por capitéis de bronze em estilo coríntio, projetadas contra o fundo do céu azul claro, oferecem uma bela perspectiva. O glorioso passado da arquitetura grego-romana fala através destas colunas que em breve não de ceder lugar a um esqueleto de cimento armado, "leit-motiv" agressivo do século XX. Em baixo, outro aspecto das colunas que foram originalmente encomendadas para o Teatro Municipal e uma janela, pouco do que resta ante a ofensiva destruidora das picaretas do progresso.





ORNAMENTAÇÃO E PRECIOSISMO — A grandeza das realizações artísticas está na força de expressão dentro da simplicidade, embora (e como sempre acontece) conseguida sómente através de pesquisas afanosas do espírito em busca de uma linguagem apropriada às idéias. Esse capitel do palacete da avenida Oswaldo Cruz não atinge aquele objetivo. É comprometido pelo preciosismo dos efeitos ornamentais. Em baixo, outros dois aspectos da residência solitária cuja conservação deve estar por uma fortuna, sem que jamais possa ser concluído.



dustrial que ali pretende instalar, ao que se diz uma oficina.

Estivemos lá quando ainda as colunas estavam de pé mas o teto e algumas paredes já não existiam. Um dos trabalhadores nos contou que até durante a demolição, os fantasmas deitou o ar de sua graça...

Os trabalhadores, como em geral acontece, arranjaram suas camas dentro do prédio e se dispuseram a dormir. Mas qual! Nos primeiros minutos, havia uma decisão férrea de enfrentar o que desse e viesse. Não eram homens de coragem para empunhar uma lanterna da manhã à noite? Por que tinham medo de fantasmas?

Mas próximo da meia noite, começou o festim. Arrastar de pés pelo chão, pancadas, ruídos indistintos, vozes, enfim todos os sinais denunciadores da presença de coisas penadas ou coisa que o valha.

No dia seguinte, reclamaram ao empreiteiro, alegando que não mais podiam permanecer ali durante a noite. Este lembrou da promessa dos seus trabalhadores e se prontificou a reparar a parada. Mais ou menos às mesmas horas, os duendes anunciaram a sua presença com os mesmos ruídos. Então, mobilizando todos os recursos da coragem, subiram os trabalhadores escadas acima, dispostos a revelar, de uma vez por todas, se podem ser vistas ou se existem apenas para os cuvílos e para a imaginação. Por algumas vezes, pensaram em deter-se. Bem que podiam adiar a prova para o dia seguinte. E que a cada degrau, os ruídos aumentavam, ecoando sinistramente pelo casarão vazio.

Enfim, conseguiram chegar até um quarto lá em cima, onde se lhes apresentou a última etapa do problema: os ruídos vinham lá de dentro e, ouvidos através da lente de aumento da imaginação de cada um, assumiam o caráter de uma verdadeira calamidade.

Aberta a porta, quando o facho da lanterna profanou a sacrada escuridão, com o cheiro de ambiente fechado, veio lá de dentro, esterroizando por alguns momentos os valentes exploradores, uma verdadeira nuvem... de corujas. Os homens entorpeceram-se por alguns segundos e depois deixaram-se empolgar pelo riso orgulhoso da coragem.

Estava destruída a lenda do palacete azul.

Dentro de algum tempo se é que ali vai ser instalada uma oficina mecânica, nada mais restará da antiga lenda sobre os fantasmas, senão na memória. Mesmo que eles não tivessem desaparecido com a descoberta do ninho de corujas, estamos pouco inclinados a acreditar que quisessem continuar morando junto com dinamos, tornos, tubos de gás carbônico, serras e motores. Os fantasmas gostam da solidão.

AVENIDA OSWALDO CRUZ

Todos os que transitam de ônibus para a zona sul conhecem o belo palacete do comendador José Martinelli, na Avenida Oswaldo Cruz, nº 149.

É um vasto edifício trabalhado artisticamente em estilo rococó, cheio de preciosismos e de detalhes ornamentais.

A nossa objetiva não conseguiu devassar o interior do prédio, porque não havia ordem do proprietário para fazê-lo.

Informaram-nos, contudo, que foi construído em 1919 e que, desde então mantém-se nele uma turma de trabalhadores empenhados em serviços diversos ora na restauração de um arabesco, ora na pintura de uma parede, na limpeza externa e interna, na conservação do jardim, e em muitas outras tarefas que acarreta a manutenção de um grande edifício.

NÃO PODE SER TERMINADO

Sobre essa residência a imaginação popular também criou histórias mais ou menos fantásticas. Dizem moradores nas proximidades que o proprietário jamais poderá terminá-la, sem que se arrisque a golpe do destino. Morará se for definitivamente concluído o seu palacete.

Não sabemos se sob a influência dessas histórias ou por outro motivo, o prédio não é ocupado. De preferência, o comendador Martinelli reside numa das outras duas residências que ficam ao fundo da propriedade, no morro da Viúva e às quais chega por intermédio de um túnel que vai dar num elevador.

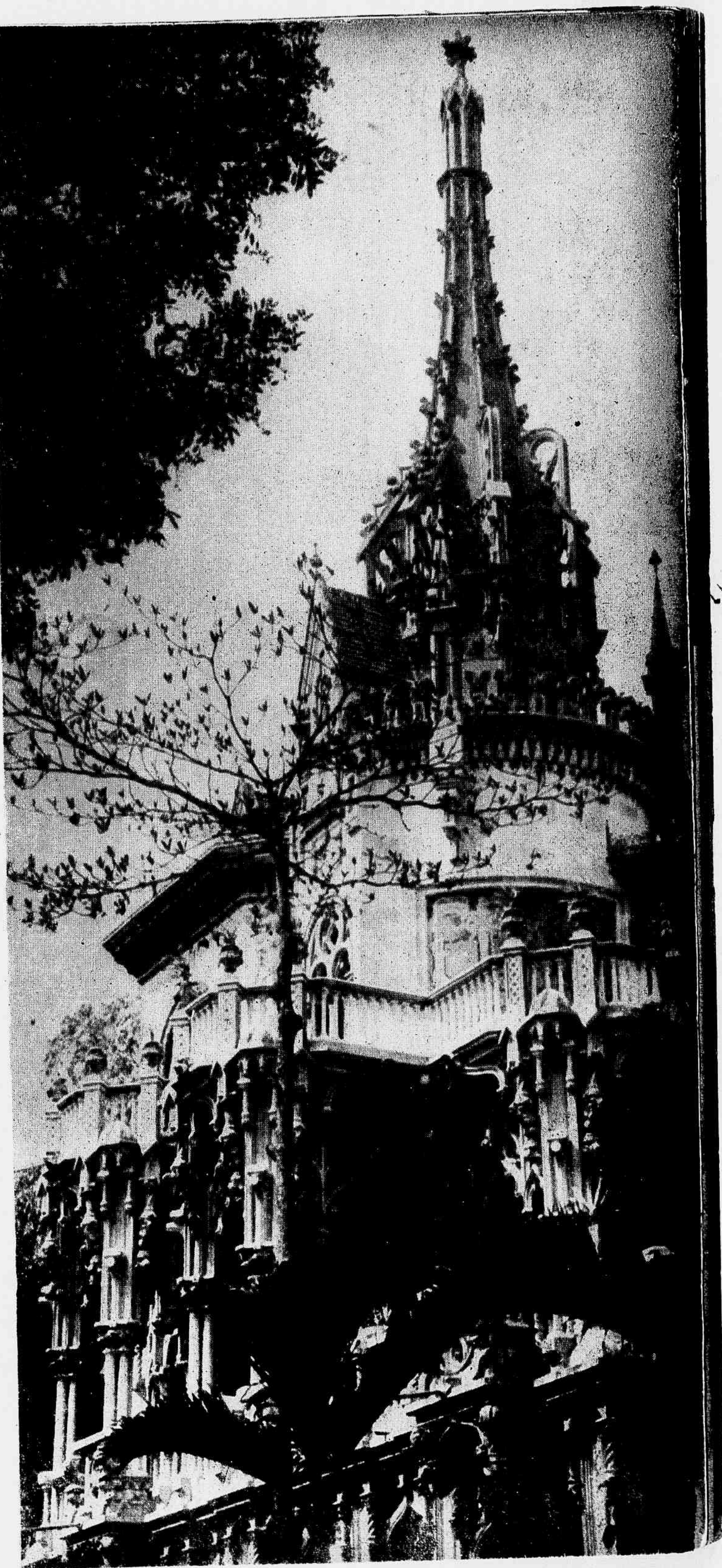
O prédio da frente, entretanto, com as suas torres, agudas, suas ogivas floridas e suas colunas encimadas de figuras de animais de mistura com anjinhos e outros recursos do preciosismo arquitetônico, vive deserto, nele morando apenas o vício que enfrenta, durante a noite, a solidão de salas e mais salas, a vigília controlada por um implacável relógio em que tem de dar corda de dez em dez minutos.

A manutenção do edifício já deve estar caríssima, se levarmos em conta 27 anos (a crer que foi construído em 1919) de trabalhos continuados... para jamais concluir a obra.

No entanto, mais trágica do que a fatalidade que pesa sobre a casa 149 da avenida Oswaldo Cruz é a dor de quem passa por ali em busca de um misero apartamento para alugar e vê aquele mundo de paredes servindo somente para abrigar os móveis e a escuridão que há lá por dentro.

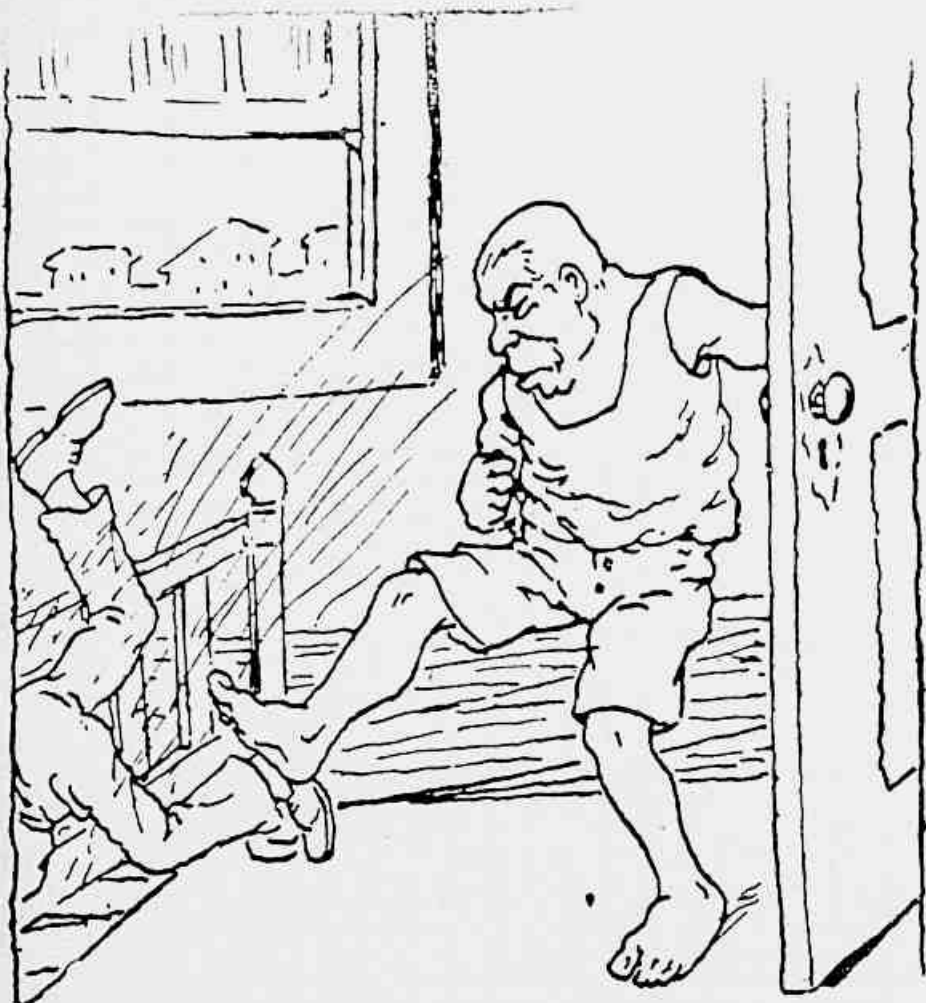
Há muita gente que de bom grado enfrentaria todos os mistérios e ameaças sobrenaturais em troca de um teto onde passar os dias sem água e as noites de chuvas intempestivas. No entanto, aquele está abandonado pelo capricho de uma cigana que lhe vaticinou o abandono.

O SOLAR INACABADO — A primeira vista, o observador fica empolgado pela multiplicidade dos efeitos ornamentais. Depois, com uma observação mais demorada, verifica que não há unidade de estilo no solar da avenida Rui Barbosa, marcado pela fatalidade de uma realização que jamais poderá completar-se. Assim o disse a cigana. Cumpra-se a sentença.





Bem feito...



Alta madrugada na deserta rua, Chico Fieira, a pumilhar, cruzeiro os, telhados, procura uma janela aberta, para o seu "trabalho" rapinante. Descobriu a gelio uma água-muitada, no quinto pavimento, de um casarão. Com a pericia de ratoneiro campeão na escala das escadarias, preparou as gazuas e dispunha-se a "operar".

O morador, ferrabraz espadado e espadado, surgiu repentino e, rápido, com um pontapé mandou-o contar os degraus da escada, até o quarto andar.

Alertado pelo barulho das cambalhotas, o inquilino do quarto saiu do dito, percebeu o que acontecera e, com um murro, fez o Chico descer contra a vontade até o terceiro andar, aos trambolhões.

Aí, a moradora, de braço leve, a toque de vassoura empurrou o misero pela escada abaixo. Estonteado com tanta acrobacia forçada, Chico não teve tempo de se recompor.

O inquilino, ciente da colaboração espontânea, obrigou o meliante a mais um "mergulho" em nova edição aumentada, até o primeiro andar, onde o respectivo morador "despejou" o intruso, que tombou, esparramado, no réz do chão.

O porteiro arremessou o calpóra para o ôlho da rua.

Com os ossos moidos, "galos" no curuto e arranhões por todo o corpo, a coçar-se, depois de acoçado por tanta coga, Chico Fieira foi amparado por um "colega", que ali passava em pescaria de algum "descuido".

— "Que foi isso?" Indagou o "colega".

Chico narrou-lhe o fracasso da empresa e a consequência desastrosa. Em caminho, na esperança de encontrar arnica, depois de alguns gemidos, refletiu um pouco e disse ao companheiro:

— "Muito bem feito".

O "colega" estranhou:

— "Bem feito? Você está arrependido?"

— Não é isso. Francamente, confesso que está muito bem feito, muito bem organizado o serviço de empurrões, nessa casa..."

RAUL



RAUL

AMOR NÃO É PRISÃO

LOLA KNEIP DE MELO

DIVÓRCIO ou não divórcio? É essa a momentosa e, por enquanto, irrespondida questão que se agita entre nós. Faca de dois quites, veneno e remédio, debatido sob os pontos de vista dos mais diversos, desde o da mulher que teve sua vida truncada por um matrimônio infeliz, até o da egoísta, empadernada e sofisticada senhora a quem o destino tudo deu, dinheiro, felicidade e um marido camarada, dêsses que às vezes abrem um olho e fecham o outro (ou fecham mesmo os dois...), para uns será um bem tão grande como a abertura das portas do paraíso no dia do juízo final, para outros um monstro de sete cabeças, para outros, ainda, uma coisinha sem importância que, mesmo vindo, nada mais poderá alterar...

Eu vos pergunto, senhoras que não tivestes a sorte de encontrar um bilhete premiado na loteria matrimonial, eu vos pergunto, a vós, a quem o casamento só trouxe desilusão, angústia, sofrimentos e mais sofrimentos: — "Quereis ou não o divórcio?"

É só a vossa resposta que interessa, embora muita gente pense o contrário. Não importa a descoberta de uma fórmula mágica para a cura de uma doença até então julgada incurável, a alguém que jamais sofreu dessa doença... Mas ao colado que conta seus dias, suas horas e seus minutos de dor e só não pode congar as pausas de repouso, porque não as tem, o relógio parecendo, em cada pancada, repetir por ele: — "sofre, sofre, sofre...", isso será como inesperada, miraculosa, divina alélua.

Estou a ler em vossos lábios amargurados, moças de vinte e poucos anos, separadas ou desquitadas do marido, com uma situação miserável na sociedade, parecendo ouvir em cada canto o cochicho: — "é separada"... estou a ler em vossos lábios, repito, a ansiosa pergunta:

— Mas por que "eles" não deixam vir o divórcio? Por que?

Se houvesse um inquérito entre vós, tenho certeza, vossas alegações comoveriam os mais recalcitrantes. Você, Maria Emilia, por exemplo, que eu conheço desde menina, que foi uma de minhas melhores camaradas, quanta coisa teria a dizer, se uma tribuna fosse erguida exclusivamente para você de onde pudesse falar à vontade, desabafar livremente!

"Cacete-me cedo, tão cedo que hoje até tenho um pouco de receio ao dizê-lo. (Que minha filha não ouça, para não seguir o meu exemplo... Para sofrer tem muito tempo!) Pensei que ia ser a mais feliz das mulheres. Levava tantas idéias para a minha nova vida! — "Uma casa sempre muito bem arrumadinha, meu marido, meigo arido encontrando-me à noite, quando regressasse, com um sorriso nos lábios, mil abraços e mil beijos a esperá-lo... Nossos filhinhos"... O sonho foi muito bonito, mas não passava de um sonho. Desde o primeiro ano, levei pancada, tive até medo que minha filha viesse prematuramente, tão maltratada eu era, mesmo disforme, doente pela gravidez. Aguentei tudo com paciência, seu hálito rescendendo a álcool, bilhetes abjetos em seus bolsos, até o insulto constante naqueles últimos meses: — "Você está horrível! Horrível! Que desgraça ter um filho... Se eu fosse mulher e ficasse assim, me suicidava". Minha filha nasceu, pensei que ele melhorasse. Até as feras amam seus filhos. Mas meu marido possuía menos sensibilidade que uma fera. E eu, que tudo aguentava, com medo de escândalo, (na nossa família ainda não houve um caso de separação, Maria Emilia!) fiquei repentinamente louca, no dia em que ele disse, em presença de

(Continua na pág. 57)



GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 — 2.º Lote

Historia de um cavalo malhado

Continuação da pag. 19

como se fôsse pular a distância, mas apesar de tudo rolaram no chão, de cambulhada, o homem, a vaca e a montada. Ainda riscaram o solo numa grande distância, tal era a velocidade com que iam, — e o homem ficou por baixo. Quando o apanharam no chão estava sem sentidos, um fio de sangue a escorrer da boca. Pela manhã, quando o sol se erguia, espalhando pelo mundo a luz de Deus, ele expirou.

Claro que não houve danças nessa noite. Alguns dos camaradas, depois do jantar, foram-se embora. Outros ficaram sentados a noite inteira, falando em voz baixa, esperando o fim. Alguns ao lado do seu leito, contemplando o rosto lívido e os seus olhos cerrados. Ele respirava — e era tudo. Só quando a luz do sol se estendeu sobre o mundo abriu os olhos e Sotelo lhe perguntou como se sentia. Ele não demonstrou ter escutado, mas agora os seus lábios se moviam, embora não parecessem emitir som algum. Sotelo inclinou-se para ouvir. "Onde ela vive?" perguntou. Ele, porém, não pôde responder — já estava morto.

— Ele parecia estar dizendo muitas coisas, — Sotelo nos disse, — mas só entendi isto: "Peça que ela me perdoe... Eu estava errado. Ela sempre o havia amado... Eu tinha ciúmes e o odiava... Diga a Hilária que não fique pesada... Anacleto será bom para ela."

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX
 produto do laboratório da GUARAMIDINA

O que é pó volta ao pó...

(Continuação da pag. 23)

— E' surpreendente, — disse ele. — E' surpreendente que este mausoléu nunca tenha sido assaltado!

— Qual! Não é tão fácil assim roubar este mausoléu, Roderick... Você não vê as precauções que eu tomei? Não viu que até mandei mudar a chave, só por ter ouvido falar em ladrões?

Pobre tia Linal! Estava segura de si mesma... Aqueles diamantes, que se achavam no caixão, deviam valer algumas vezes a pequena herança que ela lhe deixaria... Não podia hesitar mais. Ali estava o caixão, pendendo de grossas correntes, a um lado do mausoléu. Era só puxá-lo e ele viria abaixo. Abriu-o, não seria difícil... E a velhinha estava ali, também tranquila e confiante... Tomando um candelabro, como quem queria examiná-lo, Roderick desferiu um golpe seco e enérgico. A velha caiu, para um lado, sem soltar um gemido. Ele mesmo se surpreendeu. Nunca pensara que fosse tão fácil assim matar alguém...

Agora, era agir rapidamente apoderando-se dos diamantes. Agarrou o caixão, desprende-o das correntes de um lado, depois do outro e, antes mesmo que o esqueleto estivesse por inteiro estendido no chão, ouviu um ruído estranho e teve uma sensação de que um pé de vento varria o interior do mausoléu. Voltou-se e verificou que a porta estava fechada. Não seria nada. Com certeza, girara sobre os gonzos e se fechara por si mesma. Mas que importava se a chave estava em seu poder? Não foi difícil abrir o mausoléu... Remexeu com certa repugnância os restos de vestido, de ossos, de cabelos, — e retirou do meio daqueles destroços macabros o maravilhoso colar de diamantes... Estava inteiro, perfeito, sem joia. Sim realmente era um crime enterrar jóias como aquela! Quanto valeria? Uma fortuna... Saberá como se desfazer dele com segurança, pedra a pedra... Enfiou-o no bolso e seguiu para a porta do mausoléu. Tirou a chave. Mas, ao enfiá-la, não encontrou o buraco. Por dentro a porta era lisa, massiva, inteira. Puxou-a, para ver se cedia, mas em vão... Nada.

O terror recomçou a gelar-lhe as veias. Maldita velha! Mandara colocar uma porta que se fechava automaticamente, ? simples retirada do peso que puxava para baixo aquelas correntes. Gritou! Que se importava, agora, que o descobrissem? Mas ninguém o ouviu. Sua própria voz reboou no interior do mausoléu numa série de ecos que trazia outros ecos:

— SOCORRO!
 — Socorro!
 — Socor...

E a voz foi morrendo aos poucos. Bem dissera a velha que havia de ser engraçado se os mausoléus tivessem janelas...

Ai está, meus amigos! Mas onde vou descobrir os parentes dele para dar o recado do moribundo?

O alcaide veio nesse dia e fez a lista das pertences do morto e disse a Sotelo que ficasse e mo guardasse, até que os parentes do jovem pudessem ser encontrados. Depois, chamou todos os camaradas e fez com que eles copiassem, no cabo das suas chibatias e na bainha das suas facas, a marca encontrada no flanco do cavalo malhado, com a forma de uma ferradura com uma cruz no centro, afim de que a mostrassem a todos os estranhos e a tornassem conhecida a tal ponto que os parentes do morto chegassem a ouvir falar dela. Quando decorreu o primeiro ano, o alcaide disse a Sotelo que, tendo sido inúteis todas as buscas, ele podia ficar com o cavalo e os arreios de prata. Sotelo não quis saber disso, porque era um homem devoto e não cobiçava a propriedade de outrem, vivo ou morto. O cavalo e as coisas continuaram, contudo, em seu poder. Três anos depois, estava eu, uma tarde, conversando e tomando chimarrão com Sotelo, quando uma manada de éguas passou nitidamente, com o cavalo malhado à frente, como um verdadeiro animal bravo, pois ninguém mais o montara.

— Nunca olho para esse cavalo, — observei — sem me lembrar da ferra fatal em que seu dono encontrou a morte.

— Agora que falamos nisso, — disse ele, — devo dizer-lhe que decidi tentar um novo plano. Esse bicho cavalo malhado e esses arreios de prata pendurados na minha sala estão sempre me pesando na consciência. Não devemos nos esquecer do jovem desconhecido que pusemos debaixo da terra. Já mandei dizer muitas missas pelo repouso de sua alma, mas isso não basta para me satisfazer. Em alguma parte, deve haver um lugar onde ele não foi esquecido. Há mães que talvez colham flores silvestres para colocar diante da imagem da Virgem Santíssima, entre velas acesas, em sua intenção. Há olhos que talvez chorem e devassem os caminhos, à espera do seu regresso. Como sabe, há muitos viajantes e tropeiros passando com gado a caminho de Buenos Aires e parando na *pulperia* para tomar um trago. Resolvi levar o cavalo malhado e amarrá-lo, todos os dias, no palanque em frente. Ninguém indo ali deixará de ver o cavalo, e talvez algum dia um viajante reconheça a marca no seu flanco e possa nos dizer de que departamento e de que estância é que veio.

Na manhã seguinte, o cavalo malhado estava amarrado no palanque em frente à *pulperia*, só sendo retirado ao cair da noite. Isso foi repetido todos os dias, durante longo tempo. Tão fino animal não podia deixar de atrair a atenção de todos os estranhos que por ali passavam. Apesar disso, várias semanas decorreram sem que nenhum indício fosse descoberto. Por fim, uma tarde, quando o sol se punha, apareceu uma tropa de gado tangida por oito homens. Viha de muito longe e, como a manada era grande, — cerca de novecentas cabeças, — movia-se, lentamente, e o gado que se vem cortando estrada há muitos dias. Alguns homens entraram para beber e o dono da *pulperia* observou, então, que um deles permanecera do lado de fora.

— Que é que o capataz está fazendo lá fora? — perguntou um dos homens.

— Evidentemente apaixonou-se pelo cavalo malhado, — disse outro — porque não pode despregar os olhos dele.

Finalmente, o capataz, um jovem de boa presença, entrou e sentou-se num banco. Os outros estavam conversando e dando risadas à custa do acontecimento de que haviam participado no dia anterior. Estavam tangendo o gado há muitos dias e noites, falando apenas por sinais, sobre as suas selas, e afinal chegavam a delirio pela falta de sono, começando a agir como homens meio loucos. O capataz interrompeu o vazerio e observou:

— Quando tiverem acabado de comer e de beber vão cuidar do gado mas antes disso vejam bem o cavalo malhado que está amarrado aí fora. Aquêle que não for um vaqueiro poderá perguntar: "Como podem os meus olhos me enganar?", mas eu sei que uma cabeça fora de si nos faz ver muitas coisas estranhas quando mal podemos abrir com os dedos os olhos sonolentos.

Os homens fizeram o que ele disse e, quando examinaram bem o animal, todos exclamaram: "O cavalo tem a marca da estância dos Silva no flanco e não nenhuma contra-marca. Passe o cabresto no animal, capataz, porque o cavalo é seu."

E depois disso foram tirar o gado da mangueira. — Meu amigo, — disse o capataz ao dono da *pulperia*, — pode me explicar como entrou na posse desse cavalo malhado?

O outro disse-lhe tudo, incluindo as palavras do jovem ao morrer, porque de tudo estava informado. O capataz inclinou a cabeça e ocultou a face, derramando lágrimas. E depois disse:

— E morreste assim, Torcuato, entre estranhos! De coração eu te perdôo o mal que me fizeste. Que Deus tenha tua alma, Torcuato. Não posso me esquecer de que um dia fomos irmãos... Eu, amigo, sou o Anacleto, de quem ele falou no seu último alento...

Sotelo foi chamado e, quando chegou, o dono da *pulperia* fechou as portas por toda a noite e o capataz contou a história, que reproduzo com suas próprias palavras. Foi isto o que ele nos disse:

— Nasci na fronteira do sul. Meus pais morreram quando eu era pequenino, mas o céu teve compaixão



Aprenda pelo método moderno POR CORRESPONDÊNCIA, o Curso completo de Corte e Costura. Estude EM SUA PRÓPRIA CASA, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

GRATIS

Cada aluna receberá: Figurino de última moda - Carteira de identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

Caixa Postal, 5058 - São Paulo

434

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME

RUA

No.

CIDADE

ESTADO

de mim e inspirou alguém a abrigar a minha orfandade. Don Loreto Silva levou-me para a sua estância de Sarandí, a um dia e meio de viagem de Tandil, mais para o oeste. Tratou-me como se fosse um dos seus próprios filhos e eu tomei o nome de Silva. Ele tinha dois outros filhos: Torcuato, que era mais ou menos da mesma idade que eu, e Hilária, que era mais nova do que nós. Quando tomou conta de mim era viúvo e morreu ainda relativamente jovem. Depois da sua morte, fomos morar numa casa que possuíamos perto da pequena cidade de Tandil. Eramos meninos e a estância devia ser repartida igualmente entre nós três quando atingíssemos a maioridade. Durante quatro anos vivemos juntos, alegres e felizes. E uma vez maiores, decidimos conservar a propriedade intacta, ao invés de dividi-la. Resolvi propor que residíssemos na estância, mas Torcuato não consentiu, por preferir o lugar em que vivíamos. Finalmente, não podendo persuadi-lo, resolvi ir para a estância, afim de tomar conta dela eu mesmo. Ele me disse que fizesse o que quizesse, porque ele ficaria em Tandil com Hilária. Foi então que eu disse a Hilária quanto a amava. Ela chorou e me implorou que não a deixasse.

— Por que chora, Hilária? — perguntei. — Será que me ama? Saiba que eu a amo de todo o coração, desejo que seja minha. Nada nos poderá separar inteiros. Não pense que durante a minha ausência, na estância, seria capaz de amá-la menos, porque este sentimento aumenta de intensidade a cada dia.

— Eu o amo, Anacleto, — respondeu ela — e sei também que me ama há longo tempo. Mas há alguma coisa no meu coração que não posso revelar-lhe. Eu lhe peço apenas que me ame, que não me abandone, não me deixe e não me pergunte porque é que lhe falei assim.

Depois disso eu não podia deixá-la, nem podia, tampouco, perguntar qual era o seu segredo. Torcuato e eu mantínhamos relações cordiais, mas não tão amistosas quanto antes dessa divergência. Não lhe queria mal, no entanto. Estimava-o e estava constantemente em sua companhia. Mas no momento em que lhe disse que havia mudado de idéia, que não iria mais para a estância, calando-me quando me perguntou o motivo dessa decisão, senti que havia nele um ressentimento que nos distanciava ainda mais. Não podia abrir-lhe o meu coração a respeito de Hilária e, muitas vezes, pensei que, ele também teria um segredo que não queria partilhar comigo. Essa frieza, entretanto, não me afligia muito, tão grande era a felicidade de que me achava possuindo, sabendo que o amor de Hilária era meu. Ele se ausentava muitas vezes de casa, por ser amante dos divertimentos, tendo até mesmo dado para jogar. Três meses se passaram sob essa atmosfera, até que, uma manhã, enquanto selava o seu cavalo, Torcuato me perguntou:

REGULADOR XAVIER

* O remédio de confiança da mulher *

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias

N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

— Quer vir comigo hoje, Anacleto? — Não estou com vontade — respondi. — Ouça, Anacleto, — disse ele. — Você sempre esteve pronto para vir comigo às corridas, aos bailes ou às farras. Por que se desinteressou de tudo isso? Está ficando carola antes do tempo? Ou a minha companhia já não lhe agrada? —

— É melhor dizer-lhe tudo de uma vez e acabar com os segredos, pensei eu, e assim pensando...

— Uma vez que me pergunta, Torcuato, vou lhe falar com franqueza. É verdade que agora me interessa menos por tudo isso do que no passado. Mas você não sabe a razão.

— Qual é a razão de que você fala?

— Uma vez que não adivinha — repliquei — saiba que é amor.

— Amor por quem? — perguntou ele rapidamente, empalidecendo.

— É preciso perguntar? Hilária — respondi.

Mal havia proferido esse nome e ele se voltava para mim cheio de raiva.

— Hilária! — exclamou. — Como ousa me falar de amor por Hilária? Você é um cego! Não viu que vou casar com ela?

— Não seja louco, Torcuato. Como pode falar em casar com sua própria irmã?

— Ela é tão minha irmã, quanto você é meu irmão, — retrucou ele. E juntou, frisando bem: — Eu sou o único filho, o único, sim, de Don Loreto Silva. Hilária, cuja mãe morreu ao dar-lhe a vida, foi adotada por meus pais. E porque vai se tornar minha esposa terá ela participação na propriedade. Mas você, um miserável enfeitado, por que foi elevado tão alto? Não foi bastante ter recebido roupa e alimento até que se tornou adulto? Nem um plano de terra da estância devia ser seu... E ainda tem a presunção de falar de amor por Hilária!

Meu sangue fervia, ante tantos insultos, mas eu me lembrei dos benefícios que recebera de seu pai e não levantei minha mão contra ele. Sem mais palavras, Torcuato virou-me as costas. Apreseiei-me a procurar Hilária e a contar-lhe tudo.

— Esse — disse eu — é o segredo que você não queria partilhar comigo. Por que, se sabia essas coisas, quis me conservar na ignorância?

— Tenha piedade de mim, Anacleto — respondeu ela chorando. — Não vê então que vocês não são mais amigos nem irmãos, — e já não o eram mesmo sem conhecerem o amor um do outro? Eu não ousava abrir os meus lábios para falar a você ou a ele. O papel da mulher é sempre o de sofrer em silêncio. Deus nos destinou a ser pobres, Anacleto, porque ambos nascemos de pais pobres, — e, se essa propriedade não existisse, quão mais felizes havíamos de ser!

— Por que diz tais coisas, Hilária? Uma vez que nos amamos, não podemos ser infelizes, ricos ou pobres.

— Mas não dá importância, — perguntou ele — ao fato de que Torcuato virá a ser o nosso mais encarniçado inimigo? E você ainda não sabe de tudo... Antes do pai de Torcuato morrer, disse que desejava que eu me casasse com seu filho, quando tivéssemos mais idade. Quando ele disse isso estávamos ambos sentados ao lado do seu leito.

— E que disse você, Hilária? — perguntei, cheio de ansiedade.

— Torcuato prometeu casar comigo. Eu apenas cobri as faces com as mãos e chorei, porque então eu já o amava, Anacleto. E, embora fôsse quase uma criança, meu coração se cobria de mágoa. Depois que viemos para aqui, Torcuato recordou-me o desejo do pai. Eu lhe respondi que não desejava casar com ele, que ele era apenas um irmão para mim. Então, disse ele que n'ós eramos ainda jovens e que esperaria até que eu mudasse de idéia. É tudo o que eu tenho a dizer. Como poderemos os três viver juntos de agora em diante? Não posso suportar a idéia de separar-me de você e a todo instante tremo só de pensar no que poderá acontecer a nós três...

— Não tema nada — disse-lhe eu. — Amanhã pela manhã você deixará esta casa, para passar uma semana na residência de alguns amigos, na cidade. Então, falarei com Torcuato, para dizer-lhe que não podendo viver em paz, é melhor que nos separemos. Mesmo que ele responda com insultos, prometo nada fazer que possa afligi-la. E se ele se recusar a falar comigo, mandarei uma pessoa a quem ambos respeitamos para acomodar a situação.

Ela se satisfazia com isso, mas à noite se tornou cada vez mais pálida, porque temia o regresso de Torcuato. Ele, entretanto, não regressou à casa aquela noite. Na manhã seguinte, ela estava se preparando para partir. A distância era curta e podia ser feita a pé. Mas chovera e, estando a estrada lamacenta, resolví selar um cavalo, para que ela fôsse com mais conforto. Ainda estava apertando a silha quando apareceu Torcuato. Vinha a todo galope e, mal saltou do cavalo, avançou para nós. Hilária tremeu e parecia querer afundar-se na terra, como a perdiz espavorida quando vê um gavião. Eu me preparei para os piores insultos, talvez mesmo para a violência. Contudo, ele não me falou, nem me olhou sequer, dirigindo-se apenas a ela.

— Hilária, — disse ele — aconteceu uma coisa... uma coisa que me obriga a deixar esta casa e estas redondezas imediatamente. Lembre-se, enquanto eu estiver ausente, de que meu pai, que a adorava e que lhe deixou uma fortuna, mas que também estimava e enriqueceu este ingrato, falou-lhe no seu leito de morte e lhe pediu que casasse comigo. Não se esqueça de que esse

último desejo é sagrado. Convença-se de que Anacleto procedeu de maneira baixa e traiçoeira, procurando roubar-me o seu afeto. Ele foi elevado do nada à posição de meu irmão e igual em tudo, exceto nisso. Ele teve uma terça parte da minha herança e devia estar satisfeito. Seu próprio coração, Hilária, lhe dirá que não deve desposar esse homem, porque isso seria um crime perante Deus. Mas se vocês desdenharem e rirem do desejo final de meu pai moribundo, eu não tardarei a voltar para você, Hilária, e para você, Anacleto. Era o que eu tinha a dizer.

Então montou a cavalo e se afastou. Logo soubemos a causa da sua partida. Tivera uma briga quando jogava cartas e apunhalara um adversário no peito. Fugira para escapar ao castigo. Não acreditávamos que ficasse longo tempo ausente, porque Torcuato era muito jovem, estimado, de boa natureza e, além disso, era aquele seu primeiro crime. Mas como o tempo passava e ele não aparecia, nem tínhamos notícia alguma dele, pensamos que houvesse deixado o país. Só agora, depois de quatro anos, é que descobri acidentalmente o seu destino trágico ao ver o seu cavalo malhado. Depois que transcorreu o primeiro ano de sua ausência, pedi a Hilária que se tornasse minha esposa.

— Não podemos casar até que Torcuato regresse — disse ela. — Porque se ficarmos de posse da propriedade que devia ser só dele, e, ao mesmo tempo, desobedecermos a vontade do seu pai moribundo, estaremos cometendo uma ação reprovável. Tomemos conta da propriedade até que ele volte para recebê-la das nossas mãos. Então, Anacleto, estaremos livres para nos casar.

Consenti, porque ela valia mais para mim do que todo o gado e todas as terras. Organizei a administração da estância e entreguei-a a uma pessoa de toda a confiança. Inverti meu dinheiro em gado de inverno para revender em Buenos-Aires e nesse negócio estou metido até hoje. Da estância, não tirei nada, — e agora tudo volta às nossas mãos, a herança dele e a nossa. Amarga ironia do destino, que só poderá causar tristeza a Hilária. Assim terminou Anacleto a sua história e, quando ele parou de falar, parecendo ainda muito perturbado, Sotelo lhe disse:

— Amigo, deixe que eu lhe dê um conselho. Cedo você casará com a mulher que ama e provavelmente o casal há de ter um filho. Batize-o com o nome de Torcuato e guarde a herança para ele. E se Deus não lhes conceder a graça de um filho, lembrem-se do que o pai dele fez por você e pela moça com quem vai casar, quando ambos eram órfãos e desamparados. E procurem uma criança infeliz naquelas mesmas condições, para enriquecê-la com os bens e o afeto com que foram premiados.

— Falou muito bem — disse Anacleto. — Repetirei suas palavras a Hilária e farei o que ela achar que deve ser feito.

Aquí termina a minha história amigo. O tropeiro nos deixou nessa noite e nunca mais o vimos. Apenas, antes de partir, ele deu o cavalo malhado e os arreios de prata a Sotelo. E seis meses depois da visita Sotelo também recebeu uma carta dele, comunicando que o seu casamento com Hilária se realizara. E a carta veio acompanhada de sete potrinhos de pelo cor de creme, com as crinas negras e os cascos luzidios.



O LEILÃO

(Continuação da pág. 34)

JUSTO

(leiloeiro oficial)

faz leilão de...

E vinham uns quinhentos nomes de coisas que ele só conhecia dos falsos romances de Dely.

Para Alvaro aquilo representava o mundo intangível e mal sonhado da arte e da riqueza; o mundo que ele começava a entrever através das possibilidades que ele sentia nos seus mil novecentos e cinquenta cruzeiros.

A noite, às oito horas desse dia, Alvaro, contrafeito e jubiloso dentro da melhor roupa do seu melhor amigo, apresentou-se ao leiloeiro, ao Justo, como era chamado.

O salão brilhava em luzes e o colorido frívolo das estatuetas de Saxe re-

fletia-se nos espelhos de cristal, dando a impressão de que o próprio ar estava em cores. Biombos chineses modorravam qualquer filosofia a um canto, ao mesmo tempo que um Dom Quixote de bronze antigo (fabricado em São Paulo) acético e espiritual, numa semi-alucinação e numa imperturbável fixidez, olhava uma dançarina de Sèvres de faces coradas, como uma aldeã italiana. Num outro lugar, uma mobília dourada e fútil sumia-se ao lado de uma pesada e séria mesa chinesa, cheia de sabedoria.

Por todo canto, o verdadeiro e o falso, a aparência e a seriedade misturavam-se em peças de marfim, de jade ou de lerdos Satzuma.

Alvaro sentia frias mãos arranhando-lhe a pacatez. Dentro dele, não se sabe que desejos e que idéias insuspetadas nasciam. Dentro da sua ignorância, começou a possuir, em pensamento, uma estatueta, aquele cofezinho, um biombo em madeira, uma boneca de jade, etc. Com base nos mil novecentos cruzeiros a

sua imaginação crescia. Ele, que nunca tivera muitos desejos na vida, quis viver aquele mundo.

Estava ainda submerso, envolvido, quase esmagado por esses pensamentos, quando percebeu que o leilão se iniciava. O leiloeiro, o Justo, numa voz oficial e de acento peculiar, espremendo no nariz o final de cada palavra, apregoava o primeiro lote.

A conversa não sofrera um instante de intervalo. Aqui, Alvaro ouvia uma moça gorda dizendo, num fim de conversa: "... e então nós fomos à Quitandinha..." mais longe um velho bels-cava, discretamente, a bochecha oferecida de uma senhorita de slack. De quando em quando, um leve arcar de sobrelhas, como um sinal cabalístico, fazia subir o lance.

E o leiloeiro, num tom íntimo e respeitoso a um só tempo, mexia-se daqui para ali, movido por um comovente faro profissional:

— Dr. fulano, é uma bagatela; o seu



VIVER ALEGRE!

Basta conservar normalizado o funcionamento do fígado e prevenir a preguiça intestinal. As "Pílulas de Reuter", combatendo a insuficiência hepática, protegem a saúde e garantem a alegria de viver.

PÍLULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

gosto não permitirá um ultraje à beleza desse jarro.

O dr. fulano não permitia e, num gesto, mais 50.

— Baixou o câmbio, mas é dinheiro, cantava então o leiloeiro brutal e esparto.

— E a madame? Quanto, madame? Minha excelentíssima, é um pecado!

E a excelentíssima comprava.

Alvaro ficou aturdido. O dinheiro voava pela sala, como numa casa de jogo. As quantias, vinte, cem vezes maiores do que o seu ordenado de um mês, riscavam o ar e desapareciam sem importância.

Uma sensação de esmagamento o foi tomando. Aquele dinheiro todo tornou os seus preciosos mil novecentos e cinquenta cruzeiros uma gorgela, qualquer coisa sem significação. Sua alegria, aquela alegria que quase o fizera chorar, pareceu-lhe estúpida e ôca de sentido. Uma dor, uma revolta surda e inconsciente foi se apossando dele. Numa ânsia de sofrimento, começou a somar os lances da excelentíssima: trinta, quarenta, duzentos mil cruzeiros! Duzentos mil cruzeiros, dizia-lhe a voz do leiloeiro. Duzentos mil cruzeiros, segredavam-lhe os dentes da excelentíssima; as pernas gordas, aqueles quadris absurdos, as mãos cheias de desprezo e aquele nariz masculino gritavam-lhe, quase cuspidos: duzentos mil cruzeiros!

★

Terminara o leilão e Alvaro, abatido, sem ânimo, voltou, amargo, a habitar a sua antiga imagem.

Em casa, iniciou o relatório. Ele devia circunstanciar tudo, o mais minuciosamente possível, dando os preços de cada um dos objetos.

E escreveu, em cima da folha em branco: Senhor Chefe.

A medida que ia escrevendo, um nervosismo incontrolável e a dor de perder a alegria por que tanto esperava criaram, lá dentro do seu ignorado corpo, uma revolta e uma amargura que o dominavam. E ele ia escrevendo, sem consciência, com os sentidos voltados somente para aqueles aflitos sentimentos. Por fim, cansado, fraco como se tivesse cometido uma violência, terminou o relatório.

No dia seguinte, foi chamado pelo chefe:

— "Seu" Alvaro, o sr. já viu o seu relatório?

E, com uma formalidade agressiva: O governo lhe paga e o sr. apresenta isto?

Alvaro, quase abobalhado e sem reações, leu, então, o que fizera na véspera, todos os lotes estavam com o mesmo preço, existia uma única quantia para todos eles — DUZENTOS MIL CRUZEIROS — e, lá em baixo, no pé da folha, Alvaro viu:

Assinado — MIL NOVECENTOS E CINCOENTA CRUZEIROS.

Todos estamos convencidos!

este creme dental antissético ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antissético.

agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.

...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



é sempre
no mesmo
lugar...



Sim! Mas isto não acontece se a costura é feita com PURA SEDA. Evite aborrecimentos. Use somente retrôs de PURA SEDA. Todas as cores estão à venda nas boas lojas

SEDAS GUTERMANN S/A.
São Paulo - Caixa 3294
Fabricantes da melhor linha de SEDA para coser.

Amor não é prisão

(Conclusão da pág. 53)

minha filha, que contava apenas seis anos: — "Sua mãe não presta! É uma vagabunda!" Eu, a cordata, a idiota o cordeirinho incapaz de uma reação violenta, vi uma nódoa de sangue ante meus olhos e dei bofetadas em trôco das bofetadas que me davam, feri onde me feriam, paguei com juros, acumulados há tantos anos, cada marca que faziam no meu corpo... Separei-me, enfim, depois do escândalo, que se tornou público. Alguém foi a meu favor? Alguém quis saber dos pormenores? Pois sim! Todo o mundo me viu as costas, minha filha está com a família de meu marido e eu, com vinte e sete anos, sou esse tipo indefinido de mulher, que todos apontam, a quem raramente lastimam: nem casada, nem solteira, nem viúva... Arrastando minha sorte como uma condenada de Deus. Se viesse o divórcio, minha situação então não melhoraria? Não poderia constituir um novo lar, dar expansão a meus ideais de mulher honesta e normal, ter minha casa, meus filhos, meu marido, meu verdadeiro companheiro? Não poderia tentar de novo ser feliz, conseguir um lugar ao sol, como muita gente, apesar de tudo, ainda consegue?

Sim, você tem razão, Maria Emília. Todas vós tendes razão.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface (Brilhante), ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um de de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alzira de Freitas.

O divórcio precisa vir. E o mais urgentemente possível. E precisa ser encarado como uma coisa lógica, racional, e não como um monstro sem entradas.

Vejamos o que aconteceu na Tchecoslováquia, com o advento do divórcio. Dois meses depois, as estatísticas acusam um nível mais alto de moralidade pública e um índice maior de felicidade geral. É ou não é animador o resultado?

Os casais felizes não se desunirão por isso, é absolutamente certo. Continuarão a cultivar a sua ventura com o mesmo cuidado, se o que os liga é de fato amor, amor no sentido completo da palavra.

Estarão tão perdidos na sua ternura, tão imersos no seu mundo, até serem capazes de sorrir, distraidamente, o pensamento longe, quando alguém lhes disser: — "Sabem que no Brasil já temos o divórcio?" Perguntarão na certa, num tom "que — é — que — eu — tenho — com — isso": — "Divórcio?... E para quê?"

Romeu e Julieta

(Continuação da pág. 42)

efeitos se prolongam através dos atos. Resultado: estamos ouvindo melhor as óperas. Muito obrigado, maestro Morel.

O OUTRO PSIU...

Aliás, para sermos exatos, deveríamos dividir o psiu em dois, para evitar confusões. Assim, poderíamos citar, em primeiro lugar, o fenômeno já descrito, produzido no escuro por um cavalheiro misterioso que se coloca perto da claqué. Em segundo lugar, entretanto, teríamos que falar, dos psius de exasperação, provinidos, estes, da platéia exasperada com as exuberâncias da tão falada claqué. Esta, quando eficiente, arranca dos presentes quantos bravos desejar, irrompe impetivamente no meio das arias, etc. Mas, ao lado da reação provocada no público para animar os cantores consegue, às vezes, que ele se impaciente e produza o referido psiu, que pode ser traduzido mais ou menos assim:

— Ora bolas! Para que aplaudir tanto?

É preciso que se diga, desde logo, que Bidu Sayão, sendo uma das cantoras que dispensam a claqué essas observações veem inspiradas por outros cantores... Não, não é Kullman. O público é justo. São outros, outros...

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e sairá da cama disposto para tudo

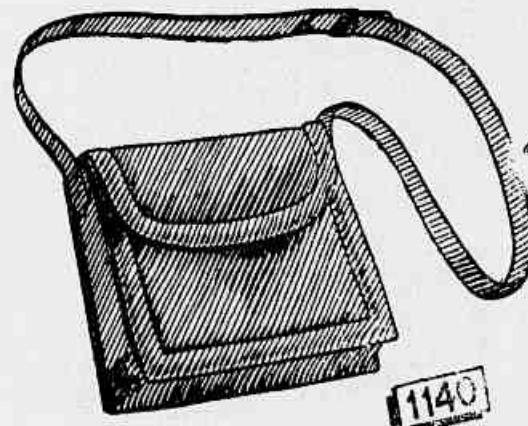
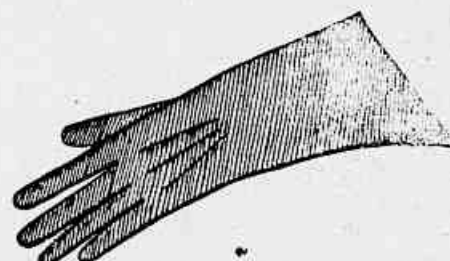
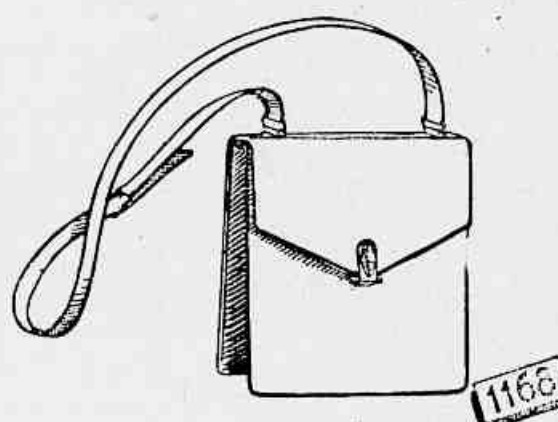
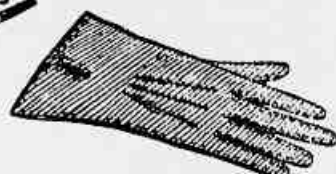
Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevém a sensação de fatura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente deprimido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pímulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pímulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr\$ 3,75.

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postiça se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras postiças mais firmes e torna-as mais cómodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

Novidades ALICATOR



PROGRESSO-3-1137

Mod.	Tam.	18 x 16	Em Pelica ou Verniz	190,00
" 1168	" 11 x 15	" " "	Camurça	190,00
" 1171	" 21 x 17	" " "	"	260,00
" 1164	" 19 x 23	" " "	"	310,00
" 1166	" 17 x 26	" " "	Faile, Suéd ou Camurça	330,00
" 1146	" 23 x 22	" " "	Pelica ou Verniz	320,00
" 1140	" 29 x 27	" " "	Camurça	330,00
" 1186	" 25 x 27	" " "	"	410,00
" 1118				

LUVAS : — Curtas Esporte, Pelica ou Suéd 65,00
" Sax (toilet), Pelica ou Suéd 65,00

LUVAS, CÔRES : — Preto, Marron, Branco, Marinho.
BOLSAS, CÔRES COURO : — Preto, Marinho, Branco, Marron, Havana, Vermelho, Beije.
CAMURÇA, CÔRES : — Preto, Marinho, Marron, Havana.



Faça seu pedido acompanhado de cheque ou vale postal

(Os preços acima já incluem as despesas de porte)

CASA ALICATOR

Rua do Arouche, 194 — S. PAULO



ZIMOLACTOL

GRANADO & CIA.
RIO DE JANEIRO

Grande

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



★
Pega-nos pelo correio o novo
CATÁLOGO de
OCULOS MODERNOS

tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fôsse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS A



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA

Óleo
Elétrico

O INIMIGO DA DOR!

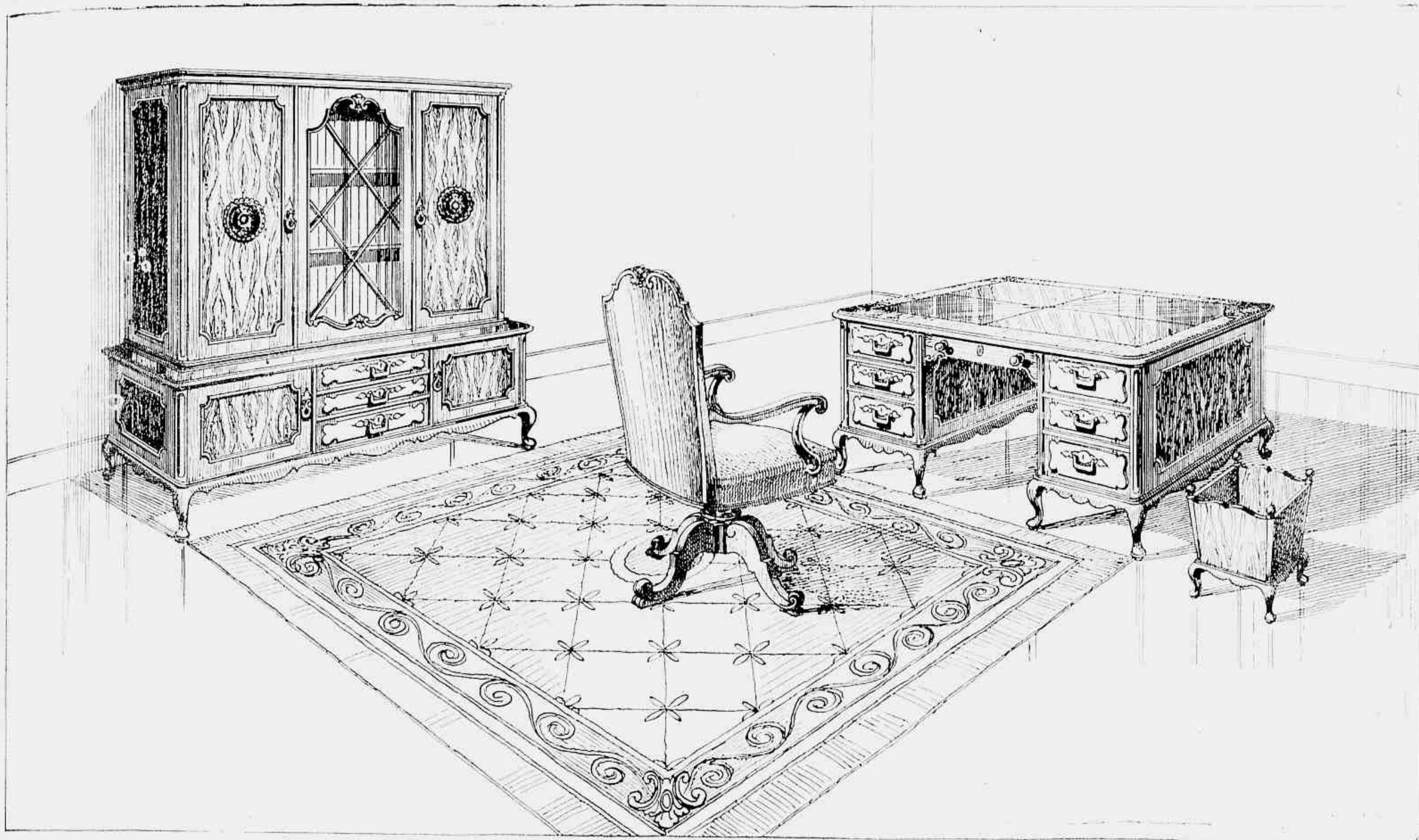
Efeito instantâneo nas dó-
res reumáticas, nevralgias,
torceduras, inflamações,
ciática, lumbago etc.

Óleo Elétrico
do Dr. Charles de Grath



UM ESTAMPADO ORIGINAL

É o deste modelo com motivos egípcios. Babado "godel", partin-
do de um dos lados do decote, formando gola, cai sobre a blusa
do outro lado e depois de passar pela cintura cai em cascata
sobre a saia. Faixa de veludo com laço na frente.



Escritorio Chippendale

Numa residencia moderna, quase nunca se pode ter uma ampla biblioteca. Aqui fica pois, uma sugestão para os nossos leitores para que aproveitem como tal o escritório de sua casa residencial. Para isto, é ideal a mobilia, toda confeccionada em jacarandá massiço, que acima estampamos: "bureaux" com 7 grandes gavetas, que também pode ser aproveitado como mesa de leitura, confortavel poltrona giratoria com espaldar alto, larga estante de três corpos, e como único adorno um tapete no estilo.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REG.STRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



OFERTA DO « **ALMANAQUE EU SEI TUDO** » PARA 1947

EM PREPARO NA COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Rua Maranguape, 15 -- RIO